



UnB

**INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE**

**UM OLHAR SOBRE OS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO
DAS LICENCIATURAS EM ARTES VISUAIS DA UFG E UNB
ENTRE 2007 E 2015 A PARTIR DA CULTURA VISUAL**

Mônica Mitchell de Moraes Braga

2017





Universidade de Brasília

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

**UM OLHAR SOBRE OS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO
DAS LICENCIATURAS EM ARTES VISUAIS DA UFG E UNB
ENTRE 2007 E 2015 A PARTIR DA CULTURA VISUAL**

Mônica Mitchell de Moraes Braga

Brasília
2017



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

**UM OLHAR SOBRE OS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO
DAS LICENCIATURAS EM ARTES VISUAIS DA UFG E UNB
ENTRE 2007 E 2015 A PARTIR DA CULTURA VISUAL**

Mônica Mitchell de Moraes Braga

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte do Instituto de Artes Visuais da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Arte.

Área de concentração: Artes Visuais.
Linha de Pesquisa: Educação em Artes Visuais.

Orientadora: Dra. Thérèse Hofmann Gatti

Brasília
2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM744o Mitchell de Moraes Braga, Mônica
Um olhar sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso das
Licenciaturas em Artes Visuais da UFG e UnB entre 2007 e
2015 a partir da Cultura Visual / Mônica Mitchell de Moraes
Braga; orientador Thérèse Hofmann Gatti. -- Brasília, 2017.
222 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Arte) -- Universidade de
Brasília, 2017.

1. Trabalho de Conclusão de Curso. 2. Licenciatura em
Artes Visuais. 3. Cultura Visual. 4. Estado da arte. I.
Hofmann Gatti, Thérèse, orient. II. Título.



TESE DE DOUTORADO EM ARTE APRESENTADA AOS PROFESSORES:

Professor (a) Dr. (a). Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa (VIS/UnB)
ORIENTADOR (A)

Professor (a) Dr. (a). Luisa Gunther Rosa (VIS/UnB)
MEMBRO INTERNO

Professor (a) Dr. (a). Luiz Carlos Pinheiro Ferreira (VIS/UnB)
MEMBRO EXTERNO

Professor (a) Dr. (a). Leda Maria de Barros Guimarães (UFG)
MEMBRO EXTERNO

Vista e permitida a impressão
Brasília-DF, **segunda-feira, dezembro 18, 2017**

Coordenação de Pós-Graduação do Departamento de Artes Visuais do
Instituto de Artes / UnB.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a duas gerações da minha vida:

Aos meus pais, Felix e Ângela, por me incentivarem a estudar sempre, a me criar em tantas culturas diferentes e ao desejo de mudar.

Aos meus filhos, Bruna e Brenno, por seguirem nossos ensinamentos, meu e do André, sobre a importância dos estudos.

AGRADECIMENTOS

Fazer o doutorado, nesta Instituição, é muito mais do que uma etapa da minha formação acadêmica. É a realização de um sonho. Da criança e adolescente criada em Brasília que sempre imaginou estudar na UnB.

Não foi fácil fazer este doutorado. O sonho quase virou um pesadelo. Mas neste percurso, pessoas especiais apareceram no momento em que, às vezes, um simples abraço, olhar acolhedor e escuta atenta me faziam seguir em frente. E agora, nesta parte, busco expressar em palavras o imenso sentimento de gratidão, amor e carinho por elas. E foram muitas!

Meu agradecimento mais que especial, vai para a professora Thérèse Hofmann. Ela me conduziu até esta etapa final no momento em que mais precisei de apoio e segurança. Gostaria de ter feito todo o percurso sob sua orientação. Você me trouxe de volta a confiança de uma professora pesquisadora. Minha eterna gratidão!!!

A professora Noeli Batista, que me estendeu a mão quando achei que não conseguiria me levantar sozinha. Você foi a primeira que me fez acreditar na minha pesquisa.

A minha amiga Danielle Severo pela acolhida em sua casa nestes anos de doutorado. Você foi meu lar em Brasília.

A minha amiga Flávia Fabiana pelo carinho e amizade. Ouvinte paciente de minhas angustias.

A minha colega de doutorado e de mestrado, Márcia Brisolla, companheira nesta luta. Sempre com uma palavra de incentivo, parceira de estrada Goiânia/Brasília e mesmo tendo que lidar com sua pesquisa, procurou me trazer novos olhares, quando os meus já estavam embaçados.

Meu colega de doutorado Cleber Cardoso, parceiro de viagem pelas terras espanholas e de escuta. Você tinha razão: a Thérèse é 10!!!

Meu colega Lucas Brum, ouvinte atento e preocupado. Suas conversas me ajudaram a seguir em frente.

Meu colega de IFG, Alexandre Guimarães, parceiro na disciplina da FAV/UFG, de escrita compartilhada e das viagens em terras uruguaias e paulistas. Sua tranquilidade e competência me inspiram. Que bom ter você na luta do nosso espaço no IFG.

Minha colega Leísa Sasso, pelo carinho nesta jornada, em especial em terras uruguaias.

A minha colega de doutorado e professora do IdA/UnB, Tatiana Fernández, por me fornecer o Projeto de Curso das Licenciaturas, e a orientação mesmo que breve do meu trabalho.

As minhas colegas de mestrado e professoras da FAV/UFG, Lilian Ucker e Valeria Fabiane, pelo apoio nos dados dos TCCs da FAV/UFG.

A servidora da FAV/UFG, Rejane Ribeiro, pelo apoio na coleta dos TCCs da FAV/EaD. A visão de você me trazendo os TCCs empilhados no braço aqueceu meu coração.

As professoras, da banca de qualificação e defesa, Luísa Günther e Leda Guimarães, pelas contribuições e generosidade.

Ao professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira pelas contribuições na banca de defesa.

Ao IFG pela licença concedida em parte do doutorado.

Agradeço ao meu marido André, a compreensão pelas ausências, o apoio no lar, o doce pra me alegrar. Você é minha fortaleza.

Meus pais queridos, Felix e Ângela, que mesmo distantes, naquela terra boa chamada Natal-RN, acompanharam minha luta me incentivando sempre.

E aos meus filhos amados, Bruna e Brenno, por existirem na minha vida e fazer tudo valer a pena. Eu continuo em frente por vocês!!!

Deus, obrigada por manter minha sanidade!!!

Obrigado à vida!!!

*As narrativas contam de nós,
dos outros,
para nós,
para outros.
Elas versam e revertem mundos,
juntam coisas e gentes,
planos e descartes,
juízos e amores,
imagens e imaginação,
enganos e suposições.
Poderosa,
elas podem reorientar trajetos,
quebrar cercas,
abrir porteiras,
descarregar pólvora e névoas.*

Irene Tourinho e Raimundo Martins.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a cultura visual na formação de professores de artes visuais de duas instituições de ensino superior no centro-oeste do Brasil. Considerando os caminhos percorridos por formandos em Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a pesquisa levanta os Trabalhos de Conclusão de Curso destas duas instituições. O objetivo foi indagar como se caracterizam as abordagens que emergem das pesquisas sobre cultura visual na formação de professores de artes visuais. A coleta dos dados ocorreu entre março de 2016 e maio de 2017 tendo por base os Trabalhos de Conclusão de Curso desenvolvidos entre os anos de 2007 e 2015. Foram selecionadas 46 pesquisas. A análise documental se deu através da divisão em quatro grupos: os Trabalhos de Conclusão de Curso da licenciatura na modalidade presencial e na modalidade à distância da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e os Trabalhos de Conclusão de Curso da licenciatura na modalidade presencial e na modalidade a distância do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Esta investigação se caracteriza como estudo do estado da arte ou estado do conhecimento. A pesquisa teve como desafio mapear e refletir como a cultura visual vem se constituindo nas produções acadêmicas destas duas universidades. O levantamento apontou três abordagens nas produções: a) a cultura visual como ferramenta teórica; b) a cultura visual como Educação da Cultura Visual e; c) a cultura visual como expressão genérica. A pesquisa reflete sobre o pensamento da cultura visual nas produções da formação dos professores em artes visuais e a circulação destas produções na sociedade.

Palavras-chave: Cultura Visual. Trabalhos de Conclusão de Curso. Licenciatura em Artes Visuais. Estado da Arte.

ABSTRACT

This research investigates visual culture in the training of teachers of visual arts in two higher education institutions in Brazil's mid-west. Considering the paths taken by undergraduates in the Visual Arts Degree of the Federal University of Goiás and the Institute of Arts of the University of Brasília, the research aims to investigate the End of Course Project of these two institutions. The objective is to look into how the approaches that emerge from visual culture research in the training of teachers of visual arts are characterized. Data collection took place between March 2016 and May 2017, based on the End of Course Projects developed from 2007 to 2015. From those, 46 studies were selected. The documentary analysis was done by dividing the projects into four groups: the End of Course Projects of the classroom based and distance learning degrees from the Visual Arts Department of the University of Goiás and the End of Course Projects of the degrees in the classroom based and distance learning courses from the Institute of Arts of the University of Brasília. This research is characterized as a study of the states of Art or states of knowledge. The research had the task to map and reflect on how the visual culture has been shaping up the academic productions of these two Universities. The data collected pointed out three approaches in the productions: a) visual culture as a theoretical tool; b) visual culture as Visual Culture Education and; c) visual culture as a generic expression. The research reflects on the notion of visual culture in the productions made during the training of visual arts teachers and the circulation of these productions in our society.

Keywords: Visual Culture. End of Course Projects. Degree of Visual Arts. States of Art.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1. CURRÍCULO, CULTURA VISUAL E EDUCAÇÃO DA CULTURA VISUAL	32
1.1 Algumas teorias do currículo	32
1.1.2 O currículo dentro e fora dos espaços escolares	37
1.2 Cultura visual.....	42
1.3 Educação da cultura visual.....	51
2. ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA	61
2.1 A metodologia	61
2.1.1 Os Trabalhos de Conclusão de Curso.....	63
2.1.2 Estrutura da pesquisa.....	66
2.2 Os TCCs da FAV/UFG	69
2.2.1 A Licenciatura em Artes Visuais da UFG, Modalidade Presencial	69
2.2.2 A Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, Modalidade a Distância	73
2.2.3 Levantamento dos TCCs da FAV/UFG, Modalidade Presencial	78
2.2.4 Levantamento dos TCCs da FAV/UFG, Modalidade a Distância	81
2.3 Os TCCs do IdA/UnB	82
2.3.1 A Licenciatura em Artes Visuais da UnB, Modalidade Presencial	82
2.3.2 A Licenciatura em Artes Visuais do IdA/EaD/UnB, Modalidade a Distância..	86
2.3.3 Levantamento dos TCCs do IdA/UnB, Modalidade Presencial	89
2.3.4 Levantamento dos TCCs do IdA/EaD/UnB, Modalidade a Distância	91
3. UM OLHAR SOBRE OS TCCs da FAV/UFG e IdA/UnB	94
3.1 Os TCCs da FAV/UFG	94
3.1.1 A Licenciatura Presencial	94
3.1.2 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura Presencial	100
3.1.3 A Licenciatura a Distância	108
3.1.4 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura a distância.....	111
3.2 Os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais do IdA/UnB	116
3.2.1 A Licenciatura Presencial	116
3.2.2 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura Presencial	128

3.2.3 A Licenciatura a Distância	144
3.2.4 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura a Distância	152
4. A CULTURA VISUAL NOS TCCS DA FAV/UFG E IDA/UNB: REFLEXÕES SOBRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	165
4.1 A cultura visual como ferramenta teórica	172
4.2 A cultura visual como Educação da Cultura Visual	182
4.3 A cultura visual como expressão genérica	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS.....	208
ANEXO A – Estrutura curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG (2000-2013), Modalidade Presencial.	215
ANEXO B – Estrutura curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG (2014), Modalidade Presencial.	216
ANEXO C – Fluxograma do Curso Licenciatura em Artes Visuais UAB/FAV/EaD.....	217
ANEXO D – Listagem de Fluxo de Habilitação – Artes Visuais (Licenciatura) do IdA/UnB.....	219
ANEXO E – Listagem de Fluxo de Habilitação – Artes Visuais (Licenciatura) Educação a Distância UAB/UnB	221

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, Modalidade Presencial.....	80
Tabela 2 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, Modalidade a Distância.....	82
Tabela 3 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais da IdA/UnB, Modalidade Presencial.....	90
Tabela 4 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais do IdA/UnB, Modalidade Presencial.....	91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da capa. Foto de um dos TCCs levantados com a minha mão. Registro pessoal, 2017.....	1
Figura 2 – Imagem da capa da Introdução. Intervenção artística no IFG-Câmpus Inhumas. Registro pessoal, 2017.....	19
Figura 3 – Imagem da capa do Capítulo 1. Minha mesa de estudos. Registro pessoal, 2017.....	31
Figura 4 – Imagem da capa do Capítulo 2. Foto do por do sol tirada da janela de um ônibus. Registro pessoal, 2017.	60
Figura 5 – Tela do site da UnB.....	69
Figura 6 – Quadro com a composição dos eixos pedagógicas da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial da FAV/UFG	75
Figura 7 – Imagem da capa do Capítulo 3. Intervenção artística na FAV/UFG. Registro pessoal, 2017.....	93
Figura 8 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial da FAV/UFG	100
Figura 9 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância da FAV/EaD/UFG. ...	111
Figura 10 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial do IdA/UnB.	128
Figura 11 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância do IdA/EaD/UnB.	152
Figura 12 – Imagem da capa do Capítulo 4. Intervenção artística no IdA/UnB. Foto: Carol Lisita, 2017.	164
Figura 13 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial da FAV/UFG.....	166
Figura 14 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância da FAV/EaD/UFG.	167
Figura 15 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial do IdA/UnB.	168

Figura 16 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância do IdA/EaD/UnB.	170
Figura 17 – Obras do artista Paulo Bruscky. Acervo CAL UnB.....	175
Figura 18 – Trabalho dos alunos.....	176
Figura 19 – Foto de Robert Mapplethorpe. Thomaz, 1987.....	177
Figura 20 – Imagem da propaganda criada pelos alunos.	179
Figura 21 – Adelaide: personagem do Programa Zorra Total (Rede Globo de TV).	180
Figura 22 – Anúncio de propaganda da cerveja Devassa, 2010.....	181
Figura 23 – Projeto fotográfico “HalfDrag” © Leland Bobbé.....	184
Figura 24 – Imagens de desenho sobre papel realizado pelos alunos.....	186
Figura 25 – Atributos, 2000. Aninha Duarte. Cruz.....	188
Figura 26 – Trabalhos dos alunos.....	189
Figura 27 – Desafio das imagens.....	191
Figura 28 – Imagens da casa do artista Joaquim de Simão.....	193
Figura 29 – Cássio Batista. Panqueca e Bisnaguinha. HQ. Brasil. 2012	194
Figura 30 – Imagem da capa das Considerações Finais. Foto dos alunos do CEFET-GO em 2000 (retirada da minha monografia de especialização) Registro Pessoal	199
Figura 31 – Imagem da capa das Referências. Estante de livros da minha casa. Registro Pessoal, 2017.	207
Figura 32 – Imagem da capa dos Anexos. Imagens de TCCs da pesquisa...	214

SIGLAS

AVA: Ambiente Virtual de Aprendizagem

CIAR: Centro Integrado de Aprendizagem em Rede

EaD: Educação a Distância

FAV: Faculdade de Artes Visuais

FAV/EaD: Faculdade de Artes Visuais – Educação a Distância

IdA: Instituto de Artes

IdA/EaD: Instituto de Artes – Educação a Distância

IFG: Instituto Federal de Goiás

MEC: Ministério da Educação

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

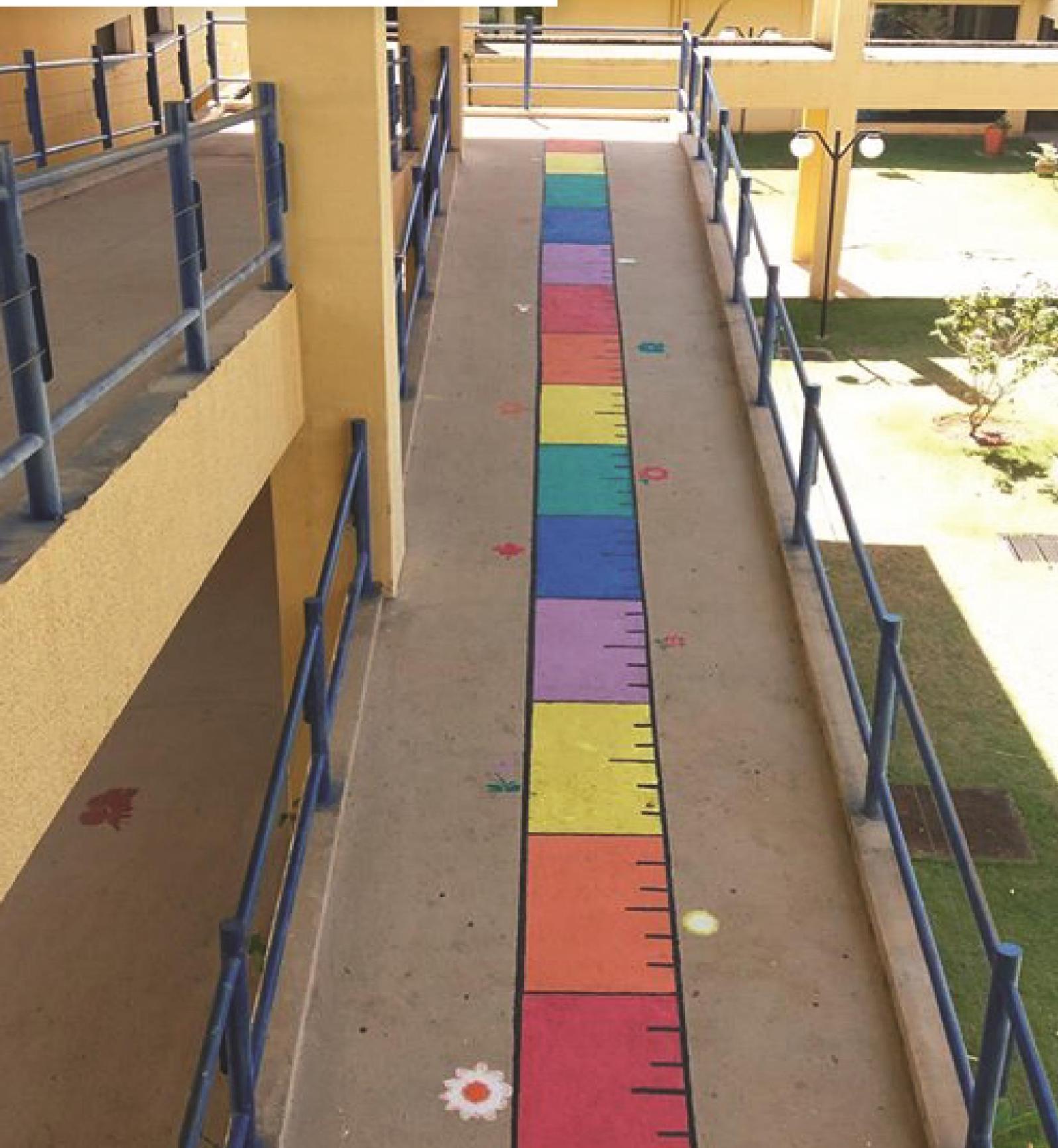
UAB: Universidade Aberta do Brasil

UnB: Universidade de Brasília

UFG: Universidade Federal de Goiás

VIS: Departamento de Artes Visuais (IdA/UnB)

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

O que compreendo por currículo? É apenas um conjunto de conteúdos a serem aprendidos pelos alunos? As instituições educacionais de ensino regular desde a educação básica até superior ou profissional, trabalham com um currículo comum? Aprendemos apenas o que está inscrito no currículo? O que é afinal, currículo? Tais questionamentos surgiram a partir das minhas inquietações como docente atuante na formação de professores, como também, meu interesse aumentou quando adentrei no mestrado na UFG em 2004, e a minha trajetória acadêmica e profissional se encontrou, em plena interseção, com o campo de estudos da cultura visual. Após algum tempo, ao cursar o doutorado na UnB, a motivação de continuar estudando a cultura visual me orientou a focar o currículo no âmbito da Licenciatura em Artes Visuais. Este processo transformou-se em um caminho investigativo.

Tomaz Tadeu da Silva (1999) afirma que, “uma definição não nos revela o que é, essencialmente, o currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é” (p. 14). Segundo ele, mais importante do que buscar uma definição é saber quais questões uma teoria do currículo ou um discurso curricular busca responder, uma vez que, “as teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que 'esses conhecimentos' e não 'aqueles' devem ser selecionados” (p. 15). Neste sentido, acredito ser possível afirmar que o currículo é o resultado de uma seleção, processo produtivo complexo, e não se limita à relação ensino–aprendizagem da pedagogia tradicional, pois, selecionar é uma operação de poder.

Para Irene Tourinho (2005), investigar o currículo indica repensar categorias e conceitos que conduzem o pensamento educacional. Significa problematizar processos que ocorrem dentro ou fora das escolas e salas de aula, pois de um universo amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se o que vai constituir o currículo. A autora concorda com Silva (1999), quando afirma acreditar que “de qualquer forma e sob qualquer concepção, ao falar de currículo, estamos falando de poder” (2009, p.53). E, desta percepção, ressalta que são muitas as contradições do currículo.

Neste sentido, o currículo tem sido alvo de embates em função das exigências constantes das instituições escolares no sentido de preservá-lo, enquadrá-lo em seus usos organizativos e pedagógicos, como um instrumento de homogeneização e de assimilação às regras sociais. Entretanto, os embates surgem justamente do entendimento de que o currículo é um campo conflituoso de produção de cultura, de embate entre sujeitos, concepções de conhecimento, formas de entender e construir o mundo. Dessa maneira, como conceito e prática cultural pode ser entendido e vivenciado sob muitas perspectivas.

Tourinho afirma que, nas últimas décadas do Século XX, o currículo ganhou espaço na teorização educacional no Brasil nas perspectivas críticas¹ e pós-críticas. Por este enfoque, o currículo é compreendido como um artefato cultural, um texto social e cultural engendrado em contextos particulares e a partir de interesses específicos (SILVA, 2000).

Apesar do avanço da teoria educacional pós-crítica, Tourinho (2005) percebe que a ideia de currículo como prescrição ainda norteia as propostas e práticas curriculares. Concomitantemente, os conteúdos explícitos que prescrevem atividades, independente de um tema, projeto ou pesquisa em andamento na sala de aula configuram o currículo oficial, prescrito,

¹ Segundo Silva (2000, p. 106) a teoria educacional crítica consiste em “um conjunto das perspectivas teóricas e analíticas que se centram no questionamento do papel que a escola, o currículo e a pedagogia exercem na produção e reprodução de formas de dominação, com ênfase na dominação de classe”.

normatizado. Por conseguinte, nota-se que a compreensão do currículo perpassa pela relação entre o currículo formal ou oficial, aquela explícita nos textos dos programas; e o currículo real, segundo a denominação de Sacristán (1995), compreendido como aquele que se concretiza na sala de aula através dos processos interativos que permeiam a construção do conhecimento, os quais recriam, em certa medida, os textos curriculares oficiais.

Nesta perspectiva, tanto o currículo formal quanto o currículo real se refletem no Trabalho de Conclusão de Curso, pois este tipo de produção científica, no âmbito da licenciatura propicia a liberdade de escolha em relação a temáticas e conteúdos. Essas reflexões sobre o currículo contribuem para compreender porque algumas abordagens teóricas são contempladas nos currículos das Licenciaturas em Artes Visuais em detrimento de outros conteúdos. Neste estudo, especificamente, o foco de interesse converge para a vertente da cultura visual a fim de investigar como os currículos de duas universidades específicas contemplam este campo de estudos na produção científica consubstanciada no Trabalho de Conclusão de Curso.

Atualmente, trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, do Campus Inhumas, instituição que oferta um curso de Licenciatura em Artes Visuais no Campus Cidade de Goiás. Em uma perspectiva autobiográfica apresento algumas memórias para elucidar os atravessamentos que me constituem a partir de trajetórias profissionais, relações, contextos, vivências de ser docente, pesquisadora e formadora de professores.

Com formação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestrado em Cultura Visual pela mesma instituição, minha história como professora de artes visuais começa efetivamente em 1999 na então, Escola Técnica Federal de Goiás (atualmente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás), nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. No mesmo ano, inicio meu trabalho na Prefeitura de Goiânia (Secretaria Municipal de Educação) onde atuo até 2009, ano que ingresso como professora efetiva no Instituto Federal de Goiás – IFG.

Foram vários os territórios, movimentos, caminhos na atividade docente. Lecionei na Licenciatura em Artes Visuais da UFG (modalidade presencial e à distância), na formação continuada da Prefeitura de Goiânia, Instituto Federal de Goiás (IFG), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), escolas particulares e espaços não formais.

Ao refletir sobre este percurso formativo, como professora de arte no Ensino Médio, essas memórias me levam a questionar sobre a formação inicial em arte dos meus alunos. Percebo que muitos jovens chegam com a afirmação “*Eu não sei desenhar*”; “*Não tenho dom pra essas coisas*”. Como se as aulas de artes visuais se restringissem à produção ou reprodução de imagens figurativas. Dessa experiência, me perguntava que atividades eram desenvolvidas por estes alunos? Como eram estimulados na produção artística? Que imagens habitavam as aulas de arte? Os alunos se viam representados? Viam seus contextos representados? Tais questionamentos surgiram, principalmente, a partir da minha experiência com os estudos sobre cultura visual.

O meu primeiro contato com a cultura visual aconteceu no mestrado em 2004, na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da UFG. O Programa de Pós-graduação em Cultura Visual foi pioneiro na institucionalização do campo dos estudos de cultura visual no país². O Programa engloba investigações em torno da área de concentração arte, cultura e visualidades, distribuídas em três linhas de pesquisa: a) imagem, cultura e produção de sentido; b) poéticas visuais e processos de criação e; c) culturas da imagem e processos de mediação, linha de pesquisa a qual estive vinculada no período de 2004 a 2006.

O contato com a cultura visual contribuiu para ampliar as possibilidades pedagógicas e perceber a multiplicidade de imagens que podemos trabalhar na sala de aula. Assim, no âmbito da minha prática docente, a preocupação em

² Autorizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em 2003 como Programa de Pós-graduação em Cultura Visual-Mestrado. Em 2010, com a aprovação de seu doutorado, passa a ser denominado Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual-Mestrado e Doutorado (PPGACV). Disponível em: <<https://culturavisual.fav.ufg.br/p/5004-programa>>. Acesso em: 20/05/2016.

ensinar a partir de uma abordagem formalista foi se transformando através da percepção que podemos dialogar com diversas visualidades de diferentes temporalidades a partir do olhar contemporâneo.

O campo de estudo da cultura visual, de acordo com Raimundo Martins (2005), trata-se de um “corpus de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente dos estudos culturais” (p. 135). Para ele, a cultura visual tem o foco no visual com prioridade na experiência do cotidiano, colocando em discussão as imagens produzidas no cotidiano e estabelecendo a necessidade de novos parâmetros, bem como de outra visão sobre as representações artísticas. Neste sentido, busca compreender os fenômenos de transformação nas concepções de arte, cultura, imagem, história e educação que ocorrem na atualidade. A cultura visual propõe refletir sobre o cotidiano, o transitório e o efêmero que fazem parte de nossas vidas.

Os estudos sobre cultura visual, desde a conclusão do meu mestrado, vêm permeando a minha atuação profissional. No segundo semestre de 2010 e primeiro de 2011, após a realização da Formação Inicial e Continuada (FIC): *Artes Visuais na Educação Infantil* – coordenada e ministrada por mim no IFG – constatei a carência dos professores nesta área³. A partir desta experiência surgiu o interesse em conhecer melhor a realidade destes professores, para propor ações de formação/capacitação a partir das suas realidades. De outubro de 2011 a outubro de 2012 participei do *Programa Institucional de Apoio à Produtividade em Pesquisa* do IFG (ProAPP), com o projeto *A Cultura Visual na formação em Arte de professores da Educação Infantil: um estudo do município de Inhumas-GO*. Este projeto consistiu em identificar o perfil do profissional da Educação Infantil do município de Inhumas-GO através de entrevista e coleta de informações na Secretaria Municipal de Educação (SME). O objetivo foi diagnosticar como atua o profissional da SME de Inhumas, qual a sua formação, como a arte está inserida em sua prática na sala de aula e quais são as visualidades presentes neste contexto educativo. Encontrei profissionais que ainda não tinham tido contato com as discussões

³ O curso teve o apoio da Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura de Inhumas.

que envolvem os estudos da cultura visual. Este diagnóstico instigou-me a pesquisar se as discussões sobre cultura visual estão presentes na formação dos professores de artes visuais, pois na pesquisa realizada com as pedagogas que atuam na Educação Infantil, essa concepção não apareceu nos currículos oficiais (Projeto Político Pedagógico e planos de ensino).

A pesquisa sobre cultura visual desenvolvida no Brasil encontra-se, em grande parte, na Universidade Federal de Goiás, Universidade de Brasília, e na Universidade Federal de Santa Maria (UnB, UFG e UFSM)⁴. Encontramos pesquisas, também, na Universidade Federal da Paraíba e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ e UFPB)⁵. Por se tratar de uma abordagem pioneira em Programas de Pós-Graduação, a cultura visual ainda não está presente na maioria dos currículos dos cursos de formação de professores em artes visuais.

Com o intuito de dar continuidade aos meus estudos como professora e pesquisadora dos estudos da cultura visual, por este motivo, esta pesquisa pretendeu investigar a presença da cultura visual nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) das Licenciaturas em Artes Visuais da UFG e UnB nos anos de 2007 a 2015.

O interesse por este tema surgiu das inquietações de aluna e docente que “atravessa” estas instituições, de forma que o termo “atravessamentos” passa a ser uma metáfora aos caminhos formativos, portanto, dos currículos percorridos por formandos em Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e da Universidade de Brasília e dos meus próprios caminhos.

Ao propor os atravessamentos da pesquisa, o usei com a ideia de percurso. Atravessar de uma margem a outra. No meu caso, de uma cidade a

⁴ Grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação da Faculdade de Artes Visuais (UFG), Grupo de Pesquisa do CNPq - Transviações: Educação e Visualidade do Instituto de Artes (UnB), o Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura do Centro de Educação (UFSM).

⁵ Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (UERJ) e Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais (UFPB). Estas duas universidades participam do grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação da UFG junto com a UnB, UFSM e Universidad de la Republica Uruguay (UDELAR).

outra. O importante foi lançar-me ao movimento, partir, iniciar o processo. Pois me interessava a travessia, muito mais do que a chegada. E essa travessia é encontro fundamental com o outro, mas especialmente o processo de misturar-se com ele, confundir-se com ele. Um encontro com as diferenças, portanto permitiu-me considerar também que a travessia é movimento, é continuar a produzir, a traçar caminhos em outros espaços, o que possibilita outras direções, outros sentidos que não se encerram. Travessias, de duas cidades, dois currículos, duas formações. Atravessamentos de encontros e desencontros, de presenças e ausências.

Este atravessamento, inclusive, se faz presente nas imagens das sessões desta tese. Em um seminário com os orientandos da professora Thérèse Holfmann, depois da minha qualificação, uma colega questionou onde estavam as imagens na minha pesquisa. Esta pergunta me inquietou. Embora, o objetivo da pesquisa enfoque a cultura visual nas produções acadêmicas, ao ouvir a pergunta da colega, naquele momento, percebi que a cultura visual permeou todo o meu cotidiano pessoal e profissional, nestes últimos anos, e conduz e constitui meu olhar como docente e pesquisadora.

Assim, as imagens que abrem as sessões são, portanto, fragmentos visuais destes atravessamentos. A capa do trabalho é uma foto tirada quando estava levantando os Trabalhos de Conclusão de Curso da FAV/UFG onde a minha mão aparece. A imagem que a princípio me pareceu um descuido, reflete a minha interação em uma das etapas de muito trabalho da pesquisa. Na introdução, a imagem é de uma intervenção artística⁶ realizada pelos alunos do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio na disciplina *Arte e Processos de Criação* do qual ministro no campus em que atuo como professora de artes visuais. Meu espaço de trabalho, de percurso, encontros e descobertas. No primeiro capítulo, apresento a minha mesa de trabalho, um espaço de imanência, de imersão, reflexos da minha trajetória profissional e pessoal. No segundo capítulo, a imagem escolhida é a janela do ônibus

⁶ Intervenção artística denominada *Meça seu preconceito*. Realizada por alunos do terceiro ano do Curso Técnico e Agroindústria.

Brasília/Goiânia, um percurso de várias idas e vindas durante o doutorado. O por do sol em Brasília sempre esteve nas minhas memórias de afeto desta cidade. A imagem que abre o terceiro capítulo representa uma produção como aluna da disciplina *Tópicos Especiais: Pedagogias da Cultura Visual*, ministrada pelo professor Raimundo Martins durante o doutorado. A calçada da FAV/UFG foi transformada pela intervenção de grafite⁷, a partir do estêncil. A imagem do quarto capítulo é de uma faixa de pedestre situada em frente ao IdA/UnB. Este símbolo remete as travessias da vida e também mostra que essas podem ser divertidas e alegres. As considerações finais abrem com uma imagem retirada da minha monografia de especialização em Formação de Professores. Momento de discussão com os alunos sobre o processo de um projeto realizado por eles e relatado na monografia. A capa das referências apresenta uma imagem da minha estante de livros, em especial alguns livros estudados na tese. E por fim, a capa que abre os anexos é uma colagem com algumas imagens dos Trabalhos de Conclusão de Curso selecionados.

Com a intenção de investigar se os estudos da cultura visual estavam presentes no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UnB busquei analisar a matriz curricular deste curso, e então, ao analisar este documento constatei que a cultura visual não aparece enquanto disciplina. Isso me instigou a buscar descobrir se apesar da disciplina não aparecer no currículo oficial, se este conteúdo, reverberava nas produções acadêmicas dos alunos. A escolha recaiu no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) porque, configurado como dispositivo de avaliação e de validação da formação no final do curso é uma produção de conhecimento e de experiências formativas construídas ao longo dos anos da graduação. O TCC trata-se de uma construção que, em geral, segue um rigor epistemológico, estrutural e metodológico, pautado por normas de trabalho acadêmico, adotadas pelas instituições de ensino superior.

Ao cursar a Licenciatura em Artes Plásticas, concluída em 1998, não elaborei um Trabalho de Conclusão de Curso, visto que o currículo oficial não

⁷ Essa intervenção artística foi uma proposta feita por mim como parte de uma apresentação de um tema proposto na disciplina. A intervenção foi realizada pelas alunas do programa da FAV/UFG Nayara Monteles e Elmira Inácio.

contemplava esta disciplina. Assim, minha primeira experiência com uma escrita de produção científica ocorreu no curso de especialização em Formação de Professores da PUC-GO. Na ocasião, lembro-me das dificuldades que tive na elaboração da monografia e vejo a importância dessa produção nos anos iniciais da formação.

Minha primeira experiência como orientadora de TCC aconteceu na Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, em 2008, quando estava atuando como professora substituta (contrato temporário). Na época, já havia terminado o mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG. Nesta primeira experiência, o trabalho abordava a cultura visual na educação. No ano seguinte, em 2009, orientei quatro monografias de especialização em Educação Infantil na PUC-GO. Todas voltadas para o ensino de arte. Nos anos de 2011, 2012 e 2013 orientei TCCs da Licenciatura em Artes Visuais da Educação a Distância da FAV/EaD/UFG. O interesse em pesquisar as produções dos TCCs se dá também, porque tenho a expectativa de orientar Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais do IFG-Campus Cidade de Goiás⁸ e criar espaços de formação/capacitação no ensino de arte no Instituto Federal onde atuo como docente.

Esta pesquisa teve, portanto, o desafio de mapear e refletir o que se tem produzido nos Trabalhos de Conclusão de Curso na Licenciatura em Artes Visuais de duas instituições em relação à cultura visual. Para isso, utilizei o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” para esta investigação. Definidas como de caráter bibliográfico, estas pesquisas “são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (FERREIRA, 2002, p. 258). Para Soares e Maciel, essa compreensão de pesquisas do “estado da arte” ou “estado do conhecimento” sobre um tema em determinado momento, “é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos” (2000, p. 9).

⁸ Na matriz curricular do curso, é oferecida a disciplina *Arte e Cultura Visual* no núcleo específico.

Assim, a metodologia utilizada para a pesquisa sobre o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” a respeito da cultura visual, de duas universidades nas Licenciaturas em Artes Visuais no Brasil, caracteriza-se como um levantamento e uma análise da produção acadêmica e científica sobre o tema, à luz, primordialmente, de categorias que identifiquem, em cada texto e no conjunto deles, as facetas sob as quais o fenômeno vem sendo analisado.

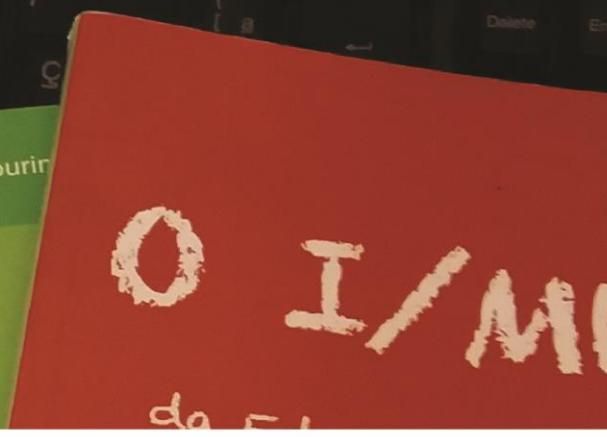
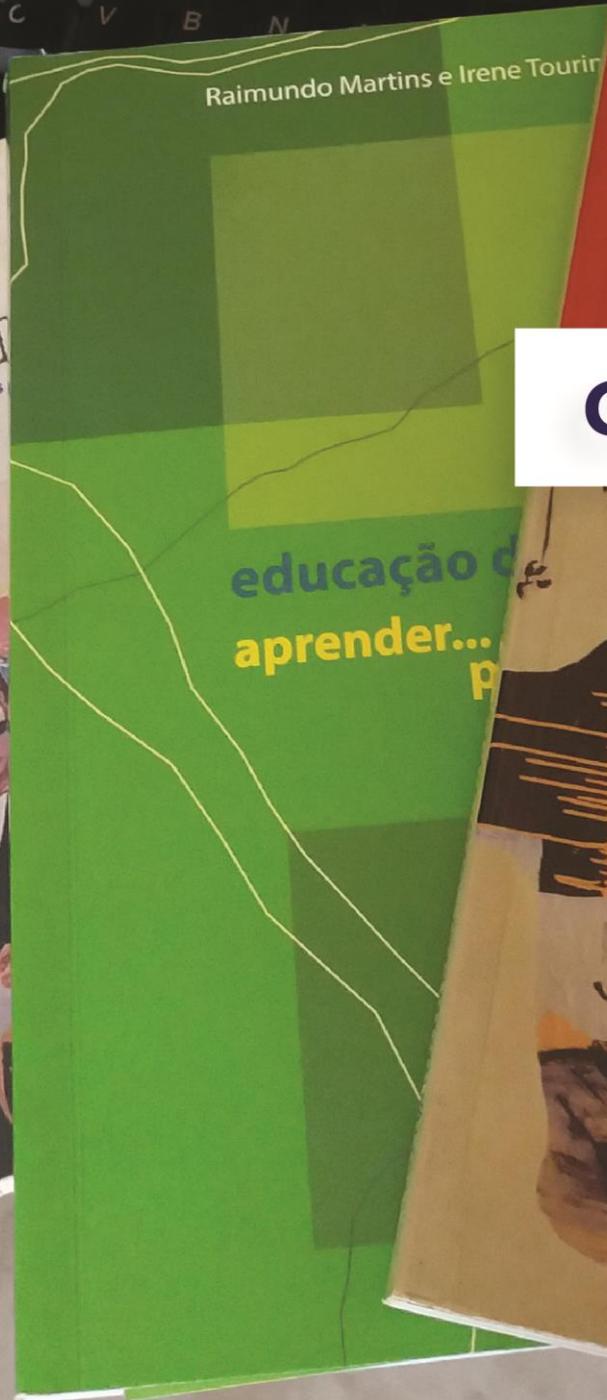
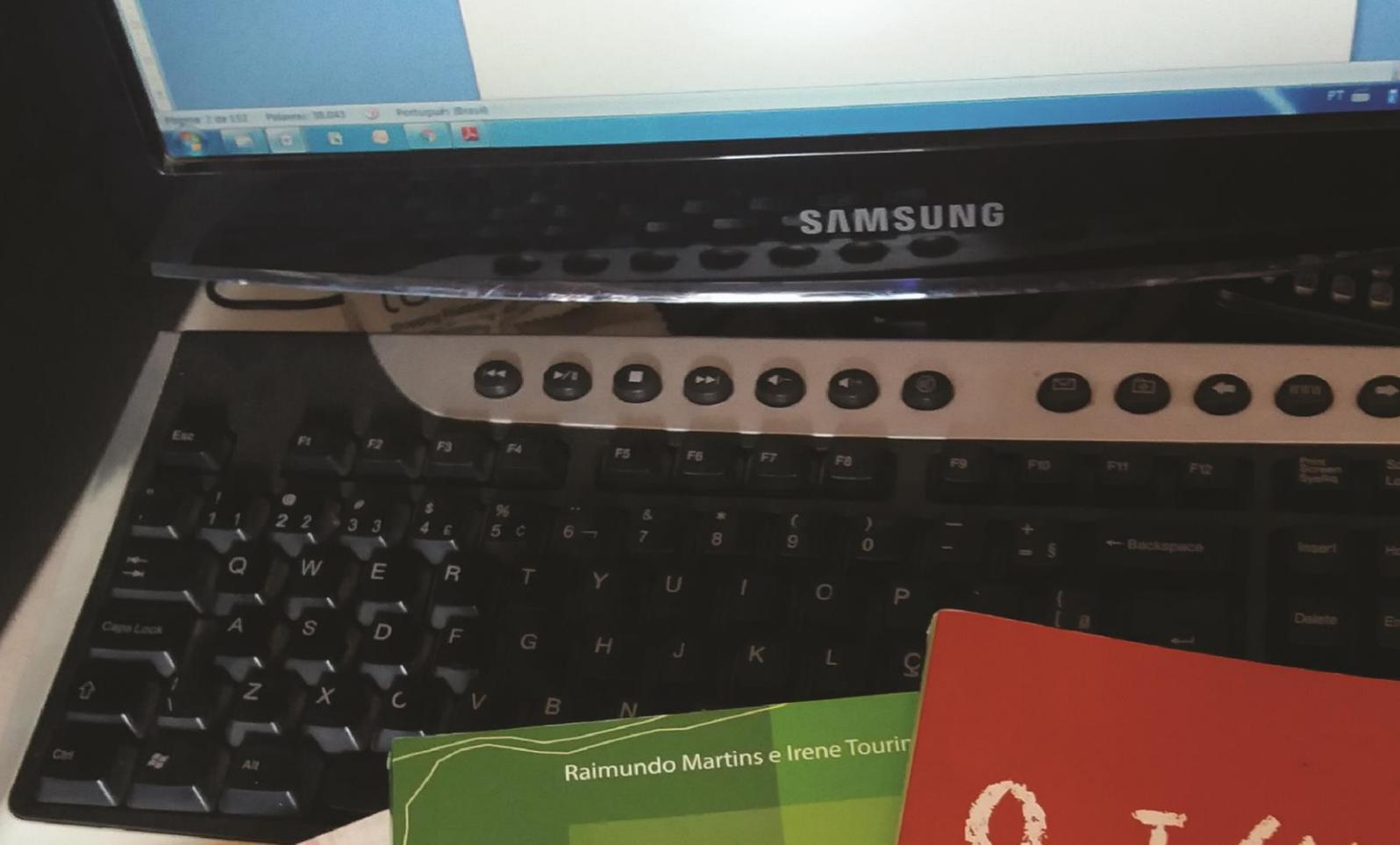
No capítulo 1, que está organizado em três partes: *Currículo, Cultura Visual e Educação da Cultura Visual*, exponho os pressupostos teóricos adotados para analisar a presença da cultura visual nos Trabalhos de Conclusão de Curso das Licenciaturas em Artes Visuais de duas universidades. Na primeira parte, apresento algumas teorias do currículo e o currículo dentro e fora dos espaços escolares. Esta escolha teve como referencial teórico, as contribuições de Tomaz Tadeu da Silva (1999), Irene Tourinho (2005; 2009) e Ivor Goodson (2007). Na segunda parte, abordo os estudos da cultura visual de autores como Mitchell (2003; 2009), Freedman (2006), Knauss (2006), Silva (2000), Hernández (2000) e, por fim, na terceira parte a educação da cultura visual a partir das referências de Dias (2008; 2011; 2012), Martins e Tourinho (2011) e Duncum (2011).

No capítulo 2, apresento a abordagem metodológica pelos *Atravessamentos da Pesquisa*. Trago as contribuições de Ferreira (2002) e Romanowski (2002) sobre o “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) são apresentados com as contribuições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), Severino (1996), Oliveira (2003) e Maciel (2014). Descrevo as etapas da pesquisa com o levantamento dos TCCs das Licenciaturas em Artes Visuais das duas universidades: da FAV/UFG e do IdA/UnB, tanto na modalidade presencial como na modalidade à distância, e situo os cursos através de um breve histórico.

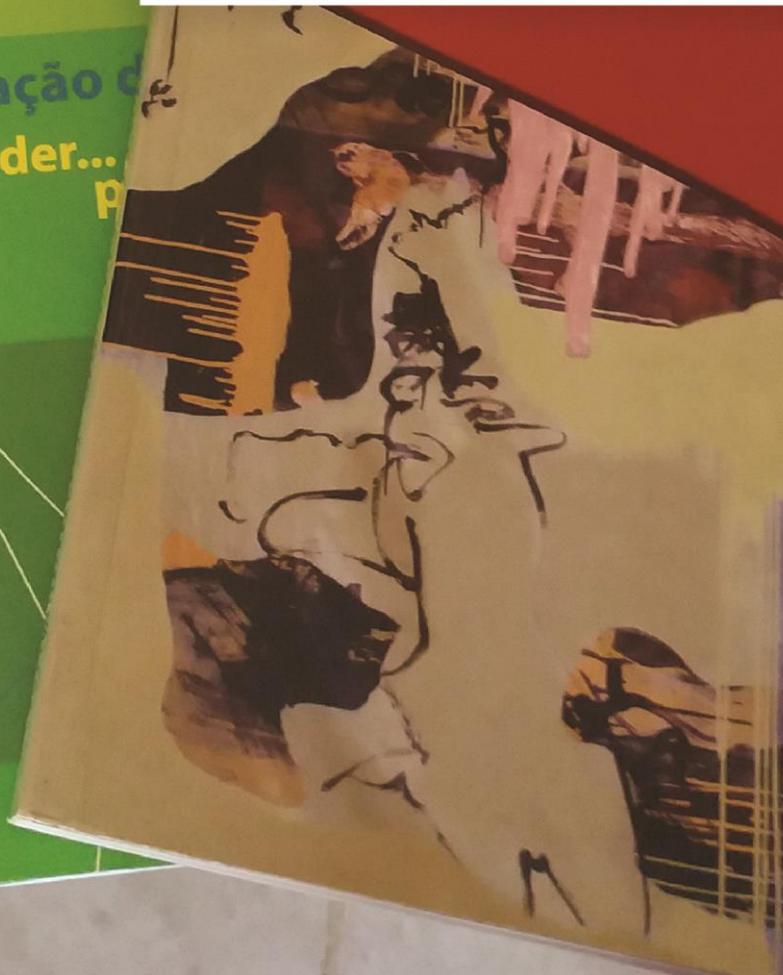
No capítulo 3, intitulado *Um olhar sobre os TCCs da FAV/UFG e IdA/UnB* apresento os quatro grupos da análise documental. Os TCCs das Licenciaturas em Artes Visuais: da FAV/UFG (presencial e a distância) e os TCCs das Licenciaturas em Artes Plásticas/Artes Visuais do IdA/UnB (presencial e a distância).

No capítulo 4, *A cultura visual nos TCCs da FAV/UFG e IdA/UnB: reflexões sobre as categorias de análise* aponto as três abordagens encontradas nas produções: a) a cultura visual como ferramenta teórica; b) a cultura visual como Educação da Cultura Visual e; c) a cultura visual como expressão genérica.

E por fim, nas considerações finais, reflito sobre o pensamento da cultura visual nas produções da formação dos professores em artes visuais a partir dos Trabalhos de Conclusão de Curso e a circulação destas produções na sociedade.



Capítulo 1



1. CURRÍCULO, CULTURA VISUAL E EDUCAÇÃO DA CULTURA VISUAL

Um ensino de arte (a educação em geral) não deveria esquecer que a arte é uma categoria que se redefine de maneira constante e em múltiplas direções, e o papel dos artistas se move entre a “coisa latente” que conta “sua” história e a voz-imagem que recolhe as vozes-experiências de outros que surgem do diálogo com seu meio e que se reflete em histórias compartilhadas.

Fernando Hernández

Ao tratar aspectos do currículo nesta pesquisa, o que se pretende é refletir categorias e conceitos que orientam o pensamento educacional e problematizar processos que acontecem nos espaços no âmbito formativo de professores de artes visuais, como também naqueles espaços considerados não formais. Pois, existem vários tipos de currículos que nos fazem sujeitos de um determinado grupo.

1.1 Algumas teorias do currículo

Para as teorias tradicionais, o currículo era concebido como uma abordagem técnica. Preocupava-se mais em discutir as formas mais eficientes de organizá-lo e focava nos conhecimentos e saberes dominantes. As teorias tradicionais acreditavam na neutralidade da ciência. O foco principal era identificar os objetivos da educação escolarizada e formar o trabalhador

especializado ou proporcionar à população uma educação geral mais acadêmica. Esses objetivos deveriam se basear num exame das habilidades necessárias para exercer com eficiência as ocupações da vida adulta. Ao levantar essas habilidades, a tarefa do especialista em currículo, seria de “planejar e elaborar instrumentos de mediação que possibilitassem dizer com precisão se elas foram realmente apreendidas” (SILVA, 1999, p. 24). Nesse sentido, as escolas são consideradas como locais de instrução, agências de reprodução social, econômica e cultural.

As teorias críticas passam a questionar o conhecimento no currículo e deslocam a ênfase dos conceitos pedagógicos de ensino aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder. Segundo Silva, “o currículo é um aparelho ideológico do Estado capitalista”. Para ele, “através das relações sociais do currículo, as diferentes classes sociais aprendem quais são seus respectivos papéis nas relações sociais mais amplas” (SILVA, 1999, p. 148). No desenvolvimento desses conceitos, existia uma ligação entre educação e ideologia. Contra a ideia conservadora da transmissão de um conhecimento objetivo, os educadores críticos sustentam que o conhecimento escolar é uma representação particular da cultura dominante, um discurso privilegiado que seleciona e exclui e, portanto, longe de ser um processo neutro, a educação escolar se caracteriza por selecionar e legitimar formas de linguagem e relações sociais e o currículo está atrelado ao poder e representa a cultura dominante.

Ainda segundo Silva (1999), a reprodução cultural, neste contexto, atua como educação excludente, eliminando do processo educacional crianças de famílias menos favorecidas que não têm como compreender a linguagem e os processos culturais das classes dominantes. As crianças das classes dominantes são, em geral, bem-sucedidas e alcançam um grau mais elevado de escolarização, e as das classes dominadas são excluídas da escola ou apenas frequentam até um nível básico da educação.

Martins e Tourinho (2011) afirmam que, “o desdobramento dessa teorização, conhecida como pedagogia crítica”, articula aprendizados que tem como objetivos fazer com que os indivíduos tomem consciência da dominação que os constroem em sociedades extremamente desiguais. Explicitam, que essa teorização no currículo, afirmando que ela “tem sua ênfase na crítica como caminho e alternativa para esclarecer os indivíduos sobre a práxis e a ordem social instituída, ajudando-os a compreender o fenômeno de dominação social” (2011, p.59).

As teorias pós-críticas, segundo Silva, “continuam a enfatizar que o currículo não pode ser compreendido sem uma análise das relações de poder nas quais ele está envolvido” (1999, p. 148). Contudo, o poder não tem mais um único centro, como o Estado. O poder está por toda a rede social. O mapa do poder é ampliado pelos processos de dominação ao incluir as questões de etnia, gênero e sexualidade.

Assim, uma das contribuições das teorias pós-críticas é o multiculturalismo como análise do currículo. O multiculturalismo surge de um movimento de reivindicação dos grupos dominados para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas. Silva (1999), explica que as desigualdades criadas dentro do processo escolar não aparecem apenas nas relações de poder entre grupos dominantes a partir de questões econômicas, mas também nas diferenças raciais, de sexo e gênero, quando são colocados como dominantes valores.

Outro enfoque presente nas teorias pós-críticas, que questionam, não apenas as desigualdades de classes sociais são as questões de gênero. Silva (1999) considera que o feminismo aparece para questionar o predomínio de uma cultura extremamente patriarcal, na qual existe uma profunda desigualdade entre homens e mulheres. O acesso à educação era desigual para homens e mulheres e, dentro do currículo, havia distinções de disciplinas masculinas e femininas. Segundo ele, o trabalho em torno das diferenças de gênero, através do feminismo, nos anos 70, ampliou o entendimento do âmbito

pessoal e político. Como a categoria gênero estava estruturada nas formações sociais, os estudos culturais mudaram o enfoque e a categoria de gênero passou a ser analisada não somente através da cultura de classe. Neste sentido, a teoria feminista tinha, através do conceito de gênero, problematizado as concepções que viam a identidade masculina e feminina como biologicamente definidas. O conceito de gênero enfatizava o fato de que as identidades masculinas e femininas são histórica e socialmente produzidas (SILVA, 1999, p. 105).

Contudo a teoria *queer*, também dentro das teorias pós-críticas representa uma radicalização do questionamento da estabilidade e da fixidez da identidade feito pela teoria feminista. O termo *queer* está relacionado ao estranho, esquisito, fora do normal, excêntrico. Um currículo inspirado na teoria *queer* é “um currículo que não se limita a questionar o conhecimento como socialmente construído, mas que se aventura a explorar aquilo que ainda não foi construído” (SILVA, 1999, p. 109).

Segundo DIAS (2011), o termo *queer* é utilizado como adjetivo para friccionar e, principalmente, situar transversalmente várias categorias e classificações convencionais, normativas das representações de gênero e sexualidade. Já o uso teoria *queer* define teorias sobre a visibilidade da construção, estabelecimento e circulação discursiva do sexo e gênero. A teoria *queer* permite discutir as identidades múltiplas, as identidades construídas que implicam, por vezes, silenciamento de outras, descentraliza a heterossexualidade. Sugere novas formas de pensar a cultura, a educação, o conhecimento, o poder e a representação. Desta forma, a teoria *queer*, abre novas formas de aproximação com a sexualidade e gênero que desarticulam conceitos considerados hegemônicos. Pois, permite fluxos transdisciplinares de espaços e lugares. Neste sentido, Dias esclarece sobre a importância de diversificar as práticas pedagógicas, pois “uma aproximação teórica queer ao campo da arte educação acolhe todos os tipos de representação visual, mas, ao mesmo tempo, desloca a prática educacional para longe de todos os conceitos fixos que ela possa carregar” (2011, p. 81).

Também pelo viés de uma teoria pós-crítica, os estudos culturais têm implicações para a análise do currículo. Os estudos culturais são um campo de teorização e investigação que têm origem, de forma organizada, na fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1964. Os estudos culturais tiveram como ponto de partida as preocupações que abrangiam “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 138-9). Essas investigações, segundo Escosteguy, refletiam principalmente na sua origem, sobre o poder dos meios de comunicação de massa e sobre a vida cultural da classe trabalhadora. Os estudos culturais “propiciaram novos questionamentos em torno de questões referentes à identidade, pois introduziram novas variáveis na sua constituição” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 152).

Para Silva, os estudos culturais permitem conceber o currículo como um campo de luta em torno da significação e da identidade. A “análise do currículo baseada nos Estudos Culturais enfatiza o papel da linguagem e do discurso nesse processo de construção” (SILVA; 1999, p. 135). As regras implícitas dos discursos orientam o que pode ser dito e o que deve permanecer calado. Por isso, a importância de examinar as relações de poder envolvidas na sua produção. Nessa perspectiva, então, os estudos culturais têm se caracterizado como um extenso campo de pesquisa, abrangendo um conjunto de saberes heterogêneos, não disciplinares.

E por fim, o currículo de educação para a compreensão da cultura visual. Para Hernández, ele deve “abordar as imagens como representações sociais: transdisciplinarmente; baseando-se nas características evolutivas, sociais e culturais dos estudantes; estabelecendo conexões interculturais e; partindo de uma posição social crítica”. (2000, p. 140)

1.1.2 O currículo dentro e fora dos espaços escolares

Os processos de ensino e aprendizagem não são restritos ao contexto escolar, já que é possível ensinar e aprender também fora da escola. Pois, para Silva,

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja a identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (1999, p.150).

Ainda segundo Silva, “o currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas é também aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós” (2001, p. 194). O currículo é ação e seus efeitos. Podemos desviá-los, subvertê-los, contestá-los. Nós o fazemos e ele nos faz. Portanto, é uma relação social, pois a produção de conhecimento se realiza através de uma relação entre pessoas. Importante perceber que neste processo de produção estão envolvidos relações desiguais de poder entre grupos sociais. O currículo também é político. A esse respeito o autor afirma que

se ao produzir o currículo, somos também produzidos, é porque podemos ser produzidos de formas muito particulares e específicas. E essas formas dependem de relações específicas de poder. Flagá-las e identificá-las constitui, assim, uma ação fundamentalmente política (SILVA, 2001, p. 194).

Para Sacristán (2000), duas bases estruturantes se destacam no currículo: o “currículo prescrito” e o “currículo na prática (ou currículo em ação)”. Para ele,

o currículo prescrito para o sistema educativo e para os professores, mais evidente no ensino obrigatório, é a sua própria definição, de seus conteúdos e demais orientações relativas aos códigos que o organizam, que obedecem as determinações que procedem do fato de ser um objeto regulado por instâncias políticas e administrativas. (2000, p. 109)

Considerando que o currículo prescrito é o que orienta e determina os direcionamentos de determinada instituição educativa, no caso deste estudo, os cursos de licenciatura, quem de fato aplica esse currículo prescrito são os professores. O currículo configura uma prática. Nesse sentido, têm-se as orientações e regras presentes no currículo prescrito e a prática dos professores, que seria a efetivação dele. A experiência de vida do professor, sua visão e conhecimento de mundo, assim como seus valores, também interferem no trabalho com o currículo prescrito. Ou seja, o currículo na prática pode alterar o currículo prescrito. No entanto, para que o currículo na prática de fato altere o currículo prescrito é importante estudos sobre as produções advindas destes currículos.

No currículo se produz sentido e significado sobre os vários campos e atividades sociais. Nele são trabalhados os sentidos e significados recebidos sobre os materiais culturais existentes. O currículo constrói sujeitos particulares, específicos. Ele pode ser compreendido como um discurso que constitui sujeitos particulares, e está envolvido em um processo de constituição e de posicionamento.

É importante pensar em uma concepção de currículo que esteja baseada em uma noção dinâmica de cultura, vista como produção, como criação, ressaltando as relações sociais. Nesse contexto, a cultura é estabelecida pelas relações sociais, pelas relações de negociação, de conflito e de poder. A cultura e o currículo podem ser vistos como prática de significação, como uma prática produtiva. Mesmo submetido a regras, restrições,

convenções e regulamentos institucionais, o currículo pode ser visto como texto, como uma rede de significados e analisado como um discurso.

Bateson (1986) escreveu que a aprendizagem se divide em três tipos. Há a aprendizagem primária, que seria um primeiro nível de aprendizagem de conteúdo do currículo formal. A secundária, o processo do aprender a aprender que depende dos atributos do mundo no qual os alunos deverão viver suas vidas. E a aprendizagem terciária que é descrita como aprender a quebrar a regularidade, reorganizar as experiências fragmentadas, até então considerados padrões.

Quando o foco do currículo está no professor, descarta-se a riqueza de um currículo descentrado. A chance de experimentar posições diferenciadas de sujeito, chamando alunos e alunas para construir, coletivamente, experiências estéticas enriquece o processo de ensino e aprendizagem. O currículo pode ser visto como um discurso que traz narrativas particulares do indivíduo e da sociedade. As narrativas contidas no currículo incorporam noções sobre conhecimento, sobre a sociedade e os grupos sociais.

Ivor Goodson (2007, p. 248) chama a atenção para uma aprendizagem narrativa: um tipo de aprendizagem que se desenvolve na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade. Entre os motivos que emergem na aprendizagem narrativa estão o trajeto, a busca, o sonho. Esse tipo de aprendizagem passou a ser vista como central para o entendimento da forma como as pessoas aprendem ao longo da vida, pois requer uma maneira diferente de pesquisa e elaboração para que se compreenda esse tipo de aprendizagem como oposto às formas mais tradicionais da aprendizagem formal ou informal. O autor acredita que a mudança de currículo seria a passagem de uma aprendizagem primária e de um currículo prescritivo para uma aprendizagem terciária e um currículo narrativo. Segundo ele “a inércia contextual de um currículo prescritivo, baseado em conteúdo, não resistirá às rápidas transformações da nova ordem do mundo globalizado” (2007, 251).

É Goodson, ainda, que nos adverte sobre uma questão que ele considera crucial sobre a aprendizagem: o interesse dos alunos. O planejamento curricular se baseia, por vezes, nas definições prescritivas sobre o que se deve aprender e por isso a aprendizagem é vista como uma tarefa formal que não se relaciona com as necessidades e interesses dos alunos. O aluno não se sente atraído ou engajado.

Dessa forma, ver a aprendizagem como algo ligado à história de vida é entender que ela está situada em um contexto, e que também tem história – tanto em termos de histórias de vida dos indivíduos e histórias e trajetórias das instituições que oferecem oportunidades formais de aprendizagem, como de histórias de comunidades e situações em que a aprendizagem informal se desenvolve. (2007, p. 250)

Os conhecimentos e saberes são oriundos do encontro de várias culturas, mesmo daquelas historicamente excluídas das propostas curriculares hegemônicas. Na atualidade, essas culturas começam a ser consideradas pertinentes e necessárias. A escola tem procurado reconhecê-las, possibilitando um diálogo entre os diferentes sujeitos, instâncias sociais e na criação de conhecimento. Nessa perspectiva de estudo, o currículo e o conhecimento podem ser descritos “como campos culturais, como campos sujeitos à disputa e à interpretação nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer a sua hegemonia” (SILVA; 1999, p. 135).

Ao analisar quatro propostas curriculares da educação básica de dois estados e dois municípios brasileiros⁹, Tourinho afirma que

Nas instituições escolares no Brasil, o currículo ora privilegia uma concepção técnica-universalista – na qual o currículo é compreendido como a expressão de tudo que existe na cultura (científica, artística e

⁹ As propostas curriculares analisadas foram as dos Estados de São Paulo e Goiás e as dos municípios de Gaspar (Santa Catarina) e Patos de Minas (Minas Gerais).

humanista) transposto para uma situação de aprendizagem –, ora dá ênfase a uma perspectiva processual-culturalista, que vê o currículo como espaço de cultura que se faz na interação e negociação entre alunos e professor. (2009, p. 52)

Paraíso (2004) reforça a visão do currículo como uma prática cultural, ou seja, uma prática de produção e veiculação de significados, um espaço de representações. Por isso, o currículo é construído culturalmente a partir de formas de compreender o mundo social. O currículo representa um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, portanto, importante no processo de construção da identidade do indivíduo. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados.

Para Imbernón (2010), “a formação baseada em situações problemáticas centradas nos problemas práticos responde as necessidades definidas da escola” (p. 56). Compreender questões que envolvem a organização, funcionamento e relações que criam o conjunto de fatores para o desenvolvimento da prática pedagógica também é atribuição do educador. O currículo é um dos elementos integrantes desse conjunto. O que ensinar? Para que ensinar? Como e quando ensinar? São questionamentos que constantemente permeiam os educadores. Segundo ele, o currículo tem uma especificidade muito particular. Todos os que dele participam e todos os que têm ingerência sobre o currículo, não o fazem de maneira neutra. Trata-se de uma área impregnada de valores, ideologias, forças, interesses e necessidades e exige, para uma definição mais exata, a explicitação de um quadro de referência filosófica, histórica, política.

O currículo é um espaço instituído pela pluralidade de vozes que interagem e negociam sentidos e valores. As tensões que configuram esse processo de disputas e territórios devem ser negociadas nos discursos curriculares. A concepção de um currículo fragmentado e estanque da modernidade vem sendo debatida pelo discurso pós-moderno de interdisciplinaridade e um maior diálogo entre as disciplinas.

Ao analisarmos o currículo, percebemos que nem tudo o que ocorre no processo pedagógico está inscrito ou explícito nos currículos. Alunos aprendem nas relações entre eles, seus professores, pais e comunidade e estão presentes no cotidiano da educação ou da escola. Essas considerações tencionam a busca pela construção de espaços significativos nas práticas educativas e incitam possibilidades de construir e favorecer a produção de sentidos dos sujeitos envolvidos nos processos de aprendizagens. O currículo é um lugar em que, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura. O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura.

1.2 Cultura visual

Discutir as imagens que nos cercam é algo fundamental para a cultura visual. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 33), a cultura visual designa um campo de estudos ligado aos estudos culturais. Surge com o intuito de analisar a natureza predominantemente visual da cultura contemporânea.

Para Stuart Hall, “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas com as quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas”. (1997, p. 10). A cultura é sempre passível de várias interpretações, de forma que, são os interesses que definem os grupos sociais e que decidem sobre os sentidos da leitura simbólica. Os produtos culturais constituem representações ou expressões de experiências por intermédio de sistemas codificados de símbolos. Para ele, os sistemas de símbolos são o fundamento das culturas e as interpretações constituem os sujeitos no âmbito da significação. Segundo ele, “os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido” (1997, p. 1). Tendo, então, acesso à produção simbólica e à natureza de seus discursos é possível chegar a interpretação.

A cultura tem, portanto, um papel constitutivo em todos os aspectos da vida social. A cultura seria, então, um espaço onde se estabelecem divisões que implicam desigualdades, onde acontecem os embates políticos: o espaço privilegiado em que ocorre a luta pela significação. Terry Eagleton, em seu livro *A ideia de cultura*, afirma que:

Cultura como modo de vida é uma versão estetizada da sociedade, encontrando nela a unidade, imediação sensível e independência de conflito que associamos ao artefato estético. A palavra “cultura”, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político (EAGLETON, 2005, p. 41).

Eagleton traz as variações nas definições de cultura que, neste estudo, nos auxiliam, a compreender melhor essa noção. Desde seus significados originais, quando se refere ao processo material, como cultivo, depois “metaforicamente transferido para questões do espírito”, ele nos traz “a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar o solo à divisão do átomo” (2005, p. 10). Ele acredita que, historicamente, a cultura começa a ter uma posição de destaque quando “passa a ser uma força politicamente relevante” (2005, p. 42). A discussão sobre o que o autor entende sobre cultura pode nos ajudar a compreender conceitos e historicidades que transpõem concepções instituídas e estabelecidas na sociedade. Pode, também, contribuir para a criticidade dos que naturalizam e legitimam diferenças sociais enraizadas na hierarquia de classes e de culturas. Neste sentido, negociar espaço nos discursos dominantes pressupõe enfrentar dificuldades que a cultura visual propõe. A cultura visual às vezes é vulnerável a concepções que a discriminam como uma cultura comercial.

Diante do impacto das tecnologias de comunicação e informação – aquelas decorrentes da cibercultura¹⁰ – nas dinâmicas das estruturas culturais e da relevância destas na construção de subjetividades, a cultura visual surge, segundo Martins (2005) como discussão sobre a utilização de meios que objetivem dar acesso às reflexões que habilitam o indivíduo à ação de olhar e interpretar. Para ele,

Na cultura visual, as representações emergem como força mobilizadora, como condição e possibilidade, como expectativa de que eventos visuais, imagens visualidades ou a interação entre eles possa conferir a elas autorização para torna-se um discurso representativo. Nessa perspectiva, a cultura visual, ao mesmo tempo em que processa e descreve, transforma e reelabora imagens e ideias; pode-se dizer acontecem, simultaneamente, atos de percepção, interpretação e de interação que demandam deslocamentos ou, no mínimo, reclamam uma negociação de espaço nos discursos dominantes. (MARTINS, 2005, p. 142)

Para Martins, é uma estratégia, da cultura visual, entender as relações do sujeito e das experiências visuais com a tecnologia do visual. Neste caso, entende-se como tecnologia visual qualquer forma de dispositivo desenhado para ser olhado e para construir o olhar. Desta forma, a cultura visual não se organiza simplesmente a partir de nomes e artefatos, fatos e sujeitos, mas sim em relação a seus significados culturais. Os significados das imagens são construídos nas interações sociais e culturais que realizamos com elas. Os contextos sociais e culturais amplos ou específicos, e as pessoas, dão existência aos materiais visuais atribuindo-lhes significados. Segundo Martins:

¹⁰Para Pierre Levy (1999, p. 17), cibercultura, especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. O termo ciberespaço, especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

A imagem é uma condição vinculada ao modo como uma acepção, ideia, objeto ou pessoa se posiciona ou se localiza num ambiente ou situação. Significados não dependem da fonte que os cria, emite ou processa, mas de uma condição relacional e concreta, ou seja, da situação ou contexto no qual os vivenciamos. Construídos em espaços subjetivos de interseção e interação com imagens, os significados dependem de interpretações que se organizam (estruturam) apoiadas em bases dialógicas. (2007, p. 27)

Ela busca referenciais da arte, da arquitetura, da história, da psicologia, da antropologia, para dar-nos conhecimento da influência que estes significados operam em nossa consciência do mundo e de nós mesmos. Para o autor, “em relação às artes visuais, a cultura visual propõe deslocamentos teóricos de várias ordens, transgride princípios históricos e inaugura fronteiras” (MARTINS, 2005, p. 141).

Esta ideia também é compartilhada por Hernández (2000), quando este afirma que, a cultura visual discute “questões sobre temas, ideias-chave, como a mudança, a identidade, a representação de fenômenos sociais, e ajuda a indagar como essas concepções afetam a cada um e àqueles que os cercam” (2000, p. 106). Neste sentido, uma das características principais da cultura visual se refere a valores e identidades construídos e comunicados por uma mediação visual. Para ele

A arte, como parte da cultura visual, atua, sobretudo, como um mediador cultural. [...] A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentaram pessoalmente, e para que sua experiência dos objetos e dos fenômenos que constituem a realidade seja por meio desses objetos mediacionais que denominamos como artísticos (HERNANDEZ, 2000, p. 52).

Segundo Hernández (2006, p. 134) a noção de cultura visual é interdisciplinar e busca referenciais da arte, da arquitetura, da história, da

mediatologia¹¹, da psicologia cultural, da antropologia. Está vinculada a noção de mediação de representações, de valores e de identidades.

A cultura visual estuda a construção social da experiência visual (DIAS, 2011) e enfatiza as experiências diárias do visual e move sua atenção das artes tradicionais, ou sacralizadas, para a visualização do cotidiano. Neste sentido, a cultura visual transforma-se num campo de estudo que possibilita entender e analisar o emaranhado de formações discursivas que se valem da imagem como forma de expressão, possibilitando, assim, a base sobre a qual se pode pensar acerca das representações.

Os objetos de estudo da cultura visual são caracterizados por artefatos materiais que articulam o sentido visualmente como as imagens fixas e em movimento, as artes visuais, as representações nos meios de comunicação de massa, performances, internet e toda a infinidade de expressões visuais que transmitem significados. Considerando que a imagem incorpora uma forma de ver, o modo como nos relacionamos com a cultura visual é afetado por toda uma série de premissas aprendidas, como as suposições sobre beleza, sexualidade, corpo e estética. Isso acontece devido às diferentes concepções de valores que direcionam e moldam o olhar. Assim, pode-se concluir que a percepção visual é construída culturalmente e socialmente.

O historiador Paulo Knauss (2006, p. 110), considera duas perspectivas gerais na definição de cultura visual: uma mais restrita e outra mais abrangente. A primeira, mais restrita, entende a cultura visual na medida em que ela corresponde à cultura ocidental, especificamente, a cultura dos tempos recentes marcados pela imagem virtual e digital, sob o domínio da tecnologia. Fazendo referência a Chris Jenks¹², que define cultura visual de modo restrito, ao abordar especificamente a cultura ocidental, definida pela centralidade do olhar, Knauss esclarece que

¹¹ Segundo Debray (1996) disciplina que tem por tarefa explorar as vias e os meios da eficácia simbólica centrando-se no papel mediacional dos meios (os objetos artísticos serão alguns entre outros objetos e artefatos do universo visual). Citado em: (HERNÁNDEZ, 2000, p. 134).

¹² JENKS, Chris. *Visual culture*. London/New York: Routledge, 1995.

Esse ocularcentrismo, segundo o argumento do autor, estabelece a primazia do olhar como recurso para relacionar uma natureza exterior com uma mente interior, que traduz a metodologia da observação e o princípio epistemológico do empirismo como base do pensamento científico ocidental. É assim que se pode compreender como, no Ocidente, a experiência social do mundo é reduzida à percepção e termina por afirmar um olho inocente. A possibilidade de interrogação sobre o olhar ocidental parte do pressuposto de que os modos de ver são definidos como visões parciais do mundo, que, por meio de representações visuais, reordenam o mundo a partir do olhar. O autor conclui que a teorização do olhar como prática social implica investigar os fundamentos do pensamento na cultura ocidental, identificando cultura visual como cultura ocidental. (KNAUSS, 2006, p. 108-9)

A segunda perspectiva, mais abrangente e que abarca diversos autores, considera que a cultura visual serve para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos tempos e sociedades e não apenas a ocidental. O conceito de cultura visual seria aquele que se aproxima da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos de visualidade.

Nessa perspectiva, importa, sobretudo, não tomar a visão como dado natural e questionar a universalidade da experiência visual. Trata-se de abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão (KNAUSS, 2006, p. 107).

Do campo ampliado e difuso dos objetos de interesse da cultura visual encontram-se a moda, televisão, games, cinema, histórias em quadrinhos, cartuns, animações, publicidade e imagens estampadas em cadernos, cartazes, *outdoors*, ônibus, camisetas, capas de CD, mochilas, livros, revistas, jornais e objetos decorativos, telas de computadores, celulares. Apesar das imagens serem o foco, o campo da visão tem uma relação indispensável com o

verbal, o sonoro e o tátil. W.J. T Mitchell (2009), parte da afirmação que não há mídias puramente visuais porque não existe a percepção visual pura em si. Para Mitchell, “a cultura visual é o campo de estudo que se recusa a tomar a visão como algo certo, que insiste em problematizar, teorizar, criticar e historiar o processo visual em si” (2009, p.175). O visual está imbricado de várias sensações sensoriais. A cultura visual oferece possibilidades de se alcançar um espaço crítico mais produtivo entre o visual e os outros sentidos.

Mitchell (2003) apresenta como o estudo do campo visual é transformado pelas diversas possibilidades de ação do espectador, as quais podem ser tão problemáticas quanto várias formas de leitura. O autor salienta que as representações visuais fazem parte de um conjunto de práticas e discursos e que, por isso, há que se pensar na relação entre representações verbais e pictóricas. Ao defender o diálogo permanente entre representações verbais e pictóricas, o autor sublinha que as representações visuais são vistas como parte de um conjunto entrelaçado de práticas e discursos. Ele advoga em favor da definição não só das imagens, mas da experiência visual como um todo como objeto de estudos da cultura visual. Discutir cultura visual inclui tudo aquilo que vemos, olhamos, mostramos e exibimos, assim como o que escondemos, dissimulamos e nos recusamos a ver (2002).

Nicholas Mirzoeff (2003) defende que o estudo da cultura visual deve se posicionar como o estudo crítico da cultura global da visualidade, sob domínio da mediação tecnológica baseada na imagem digital ou virtual. Para ele, o desenvolvimento recente da tecnologia digital é a causa de mudanças culturais importantes do visual na vida cotidiana. Seu estudo resulta da interface entre todas as disciplinas que tratam da visualidade da cultura contemporânea.

A cultura visual analisa as relações existentes entre sociedades, indivíduos e imagens na compreensão de que a experiência humana é profundamente afetada por imagens. Contudo, a cultura visual não implica apenas no estudo de imagens, mas no estudo e análise de artefatos sociais. Por artefatos sociais, compreendo os objetos, representações, o currículo,

como mediadores de relações pessoais e de práticas sociais. Neste sentido, as imagens são parte dos artefatos de nossa sociedade, do mesmo modo que objetos e obras de arte também o são, de modo que, a cultura visual, compartilhando com Meneses (2003), “teria que ser estudada não como o conjunto de coisas e contextos materiais de que se serve o homem na sua vida social, mas como a dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção/reprodução social” (p. 25).

Kevin Tavin (2009, p. 226), trata de três definições interrelacionadas de cultura visual que surgem das pesquisas na década de 1990 nos Estados Unidos. A compreensão de que cultura visual é: a) uma condição cultural na qual a experiência humana é afetada pelas imagens; b) um conjunto inclusivo de imagens, objetos e aparatos; e c) um campo de estudo crítico que examina e interpreta manifestações e experiências visuais em uma determinada cultura. Para o autor, “a cultura visual é a caracterização e a avaliação da produção de sentidos através do visual” (2009, p. 225). Isso se dá tanto naquilo que vemos e como vemos; quanto no que não vemos e o que não nos é permitido ver. Vai além das fronteiras disciplinares tradicionais. Segundo ele, os estudos referentes à cultura visual entendem que a experiência social é afetada por imagens e artefatos que configuram práticas do mostrar, do ver e do ser visto, caracterizando-se, portanto, um campo crítico/político que pensa e problematiza nossas experiências visuais que surgem das condições da vida cotidiana.

O foco da cultura visual enfatizando uma noção mais abrangente inclui concepções que aliam as imagens à ideia de cotidianidade, de práticas culturais onde a produção e circulação de sentidos se sucedem e são constitutivos de eventos sociais, ou seja, imagens que não encontramos em galerias, museus e exposições do circuito artístico.

Segundo Vitório Filho e Berino,

As pequenas ocorrências pulverizadas no fluxo líquido do cotidiano são, de fato, realizações e reinvenções de formas de manutenção da própria vida, fazeres que expõem, na nossa perspectiva, a cotidianidade como fonte vital de conhecimento, na medida em que a produção do conhecimento é indispensável às ações de promoção da existência humana, o que se dá, inexoravelmente, nos modos de ser e agir diários. (2007, p. 9)

Nilda Alves (2003), afirma que “ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e fazer”. Isso se deve as nossas ações/relações também com o cotidiano. Paul Duncum (2011) enfatiza essa premissa afirmando que ao mesmo tempo em que as imagens apelam para os sentidos e as emoções, exercendo uma profunda influência com seus espectadores, estes “detêm o poder de negociar e/ou de resistir a significados dominantes, bem como de criar seus próprios significados” (p.21). As imagens oriundas da cotidianidade se colocam como fator de aproximação, de problematização e de inquietação frente aquilo que nos é dito como imutável ou intransponível. Duncum acredita que a cultura visual é inclusiva, pois além de incorporar as belas-artes, contempla a vasta gama de imagens midiáticas e de toda imagem produzida e utilizada pelas culturas humanas.

A cultura visual nos permite ampliar as possibilidades de interpretação, pois interpretar aquilo que está sendo colocado como objeto de análise implica colocar nossas percepções em evidência, concomitantemente com os nossos conhecimentos e visão de mundo. Cada indivíduo tem seu modo de descrever e representar o mundo. Cada um tem maneiras próprias de olhar para o mundo o que, conseqüentemente, dá lugar a diferentes sistemas de representação. Nessa mesma linha de reflexão, Kerry Freedman (2006) afirma que nossas identidades se refletem e se definem nas maneiras como representamos a nós mesmos visualmente. Como nos vestimos e ao que assistimos na televisão, por exemplo. Segundo Freedman (2006), a cultura é a forma de viver e a

cultura visual dá forma ao nosso mundo, ao mesmo tempo em que é nossa forma de olhar o mundo.

A cultura visual não está relacionada somente com as imagens, apesar daquilo que eventualmente o conceito possa suscitar numa primeira apreciação. A cultura visual está, principalmente, associada à visualidade que nos permite olhar e representar visualmente o mundo. Além das imagens em si, temos os diversos fenômenos e pequenos rituais cotidianos que não nos damos conta nos quais a cultura e experiências visuais interagem nos constituindo como sujeitos. Abrange, para além de um campo de estudo, os negócios, a economia, a tecnologia, as experiências da vida diária.

Já, enquanto professores, educar visualmente na perspectiva da cultura visual requer espaço suficiente para que uma multiplicidade de olhares tenha vez no processo de interpretação de imagens. Pensar o currículo nesta perspectiva é considerá-lo como espaço de produção de sentidos.

1.3 Educação da cultura visual

Segundo Belidson Dias, “a educação da cultura visual significa a recente concepção pedagógica que destaca as múltiplas representações visuais do cotidiano” (2012, p. 61). Considera que estas representações estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes ao desenvolver a cognição, imaginação e consciência social. Pois, compreende todos os tipos de representação visual, sejam elas consideradas arte ou não.

É importante ressaltar que a educação da cultura visual não elimina o diálogo com a história da arte. Contudo, não a trata através de uma concepção linear, cronológica, formalista e evolutiva da produção artística. Tampouco se detém a biografias de artistas ou com a história dos movimentos estilísticos. Sem a pretensão de enaltecer a arte e os artistas, pretende questionar como as

imagens fixam, disseminam e interferem nas nossas interpretações de nós mesmos e do mundo. Para Dias,

a essência da proposição pedagógica não é atingir a resposta estética elevada, das Belas Artes ou até mesmo das artes visuais, mas é para alcançar significado, sentido, por meio da análise de todas as formas de cultura visual contextualizadas pela experiência da vida cotidiana. (2012, p.61)

O uso do termo “educação da cultura visual” é entendido aqui como “uma pedagogia crítica, que não sugira, nem promova uma metodologia ou pedagogia unificada e específica, ou ainda, que indique um currículo específico” (DIAS, 2011, p. 67). Constitui-se numa série de conceitos transdisciplinares que promovam a identidade individual e a justiça social na educação.

Uma educação voltada para a cultura visual busca compreender influências, processos e impactos que operam na mediação das representações visuais em contextos educacionais. A educação da cultura visual se abre para diferentes formas de conhecimento incentivando professores e alunos “a tornarem-se produtores ativos da cultura, revelando e resistindo no processo às estruturas homogênicas dos discursos da visualidade” (DIAS, 2008, p. 39).

A educação da cultura visual ultrapassa a indefinida fronteira que abarca os objetos artísticos e explora a visualidade, ao focar discussões sobre a influência das imagens da mídia, tal qual o cinema, a publicidade, os jogos digitais, as revistas, histórias em quadrinhos, na busca da conexão entre a arte e a vida, entendendo a imagem como parte do cotidiano, num contexto diverso e complexo.

Dias (2012), nos lembra que é no início do século XXI, no Brasil, que se observam vários arte/educadores realizando um deslocamento gradual da

pesquisa e da prática de ensino focada nos estudos da arte de elite, para a discussão, dos aspectos culturais da visualidade do cotidiano ampliando as formas de conhecer e incorporar as questões da visualidade cotidiana nas práticas escolares.

Pesquisadores, professores que atuam na educação da cultura visual procuram não fazer distinções entre cultura superior e inferior, erudita e popular; dilatam o campo de atuação do ensino da arte. O que é apreendido não é desligado do cotidiano e da produção contemporânea. Uma das possibilidades da arte é apresentar visões de mundo. A análise e produção dessas visões ajudam a compreender melhor o outro e a nós mesmos; a perceber que as fronteiras não são tão fixas e constantes. De modo que, esta abordagem possibilita que os indivíduos não se percam nos esquemas das visões parciais da realidade e passem a se fixar na compreensão de uma visão mais abrangente:

Daí que um primeiro objetivo de uma educação para a compreensão da cultura visual, que, além disso, estaria presente em todas as áreas do currículo, seria explorar as representações que os indivíduos, segundo suas características sociais, culturais e históricas, constroem da realidade. Trata-se de compreender o que se representa para compreender as próprias representações (HERNÁNDEZ, 2000, p. 136).

Raimundo Martins e Irene Tourinho destacam que além de se ocupar da produção artística do passado, a educação da cultura visual também concentra especial atenção “nos fenômenos visuais que estão ocorrendo hoje, no uso social, afetivo e político-ideológico das imagens e nas práticas culturais que emergem do uso destas imagens” (2011, p. 53).

A perspectiva da educação da cultura visual propõe contextualizar o social e o individual. São abertas possibilidades de entendimento das relações de poder sociais e individuais, dos processos de construção identitária dos

próprios estudantes e de inserção de outras identidades para esse entendimento. Considera-se importante discutir a experiência social e cultural do ver e ressaltar sua influência na formação de identidades e subjetividades, visto que a experiência individual não pode ser pensada de modo separado da prática social.

A incorporação crítica dos fenômenos da cultura visual requer atenção ao contexto social. As práticas sociais, os rituais escolares, rotinas e todo tipo de interações pedagógicas não podem operar independentemente de seus contextos sociais. A educação da cultura visual associa e acrescenta reflexões de cunho político, social, econômico, histórico, tecnológico, artístico e educacional à bagagem de saber, memória, vivência e capacidade interpretativa que o indivíduo já possui.

Uma educação da cultura visual visa estimular a reflexão crítica do que pode ser observado, sentido, imaginado, racionalizado ou simplesmente transmitido por intermédio da visualidade. Propõe ainda, esclarecer a produção de sentidos e significados influenciados por imagens e objetos visuais, bem como o relacionamento da visualidade com a elaboração de repertórios visuais e imaginários que contribuam para as práticas sociais do homem contemporâneo, em distintos espaços, entre eles, o espaço escolar.

Neste sentido, o trabalho pedagógico desenvolvido sob a perspectiva da educação da cultura visual, parece participar da formação dos saberes que circulam nas escolas, saberes estes que, assim como os da visualidade contemporânea, influenciam as crianças e os jovens. A este respeito, Martins e Tourinho afirmam que

Crianças adolescentes e jovens são, provavelmente, os mais influenciados pelo contexto, pelas informações, referências e valores da cultura visual que os rodeia. Seus interesses, conhecimento, identidades e, principalmente, seus afetos, são contagiados por essas influências e incorporados aos seus modos de vida, passando a fazer parte de suas subjetividades e sensibilidades. (MARTINS; TOURINHO, 2011, p. 55)

Diante desta afirmação dos autores, a pergunta que permeia esta pesquisa é: o que nos revelam as produções acadêmicas na formação de professores em artes visuais sobre a cultura visual? Os contextos educativos têm tradicionalmente legitimado alguns repertórios visuais como sendo bons, melhores, superiores ou dignos de serem discutidos. Isso se deve a falta de conhecimento sobre educação da cultura visual na sua formação?

Uma educação baseada na cultura visual pode propor instigar o estudante a apreender a interpretação realizada pelos especialistas, mas também, a relacioná-la com sua própria bagagem visual e experiência do cotidiano, desenvolvendo sua criticidade em relação à visualidade. A visualidade contemporânea imprime novos modos de se ver e de se relacionar com as imagens que influenciam a atual percepção de mundo do homem.

Neste contexto, a educação da cultura visual busca essencialmente a interpretação do significado cultural da visualidade e “ênfata particularmente a construção do ser humano e, nesse ponto, a diversidade cultural se torna relevante e crucial para o ensino e aprendizagem das artes” (DIAS, 2011, p. 24). Os estudantes ao tomar consciência de que as imagens e os objetos portam significados, começam a se interessar por sua interpretação e a procurar significados em suas próprias produções. Isso ocorre à medida que estes são estimulados a contar suas histórias e fazer afirmações através de suas experiências.

Para Raimundo Martins, o foco sobre as visualidades que a cultura visual aponta choca com os valores da história da arte, pois a tarefa crítica que se propõe sobre as formas de representação, expressão e visualização coloca em questionamento a própria epistemologia da história da arte. É, portanto, uma situação em que, por uma parte pode fortalecer o campo metodológico da teoria e a história da arte e por outro minar sua importância na história das ideias como formas singulares da expressividade humana. Segundo Martins, “rever esta relação pressupõe a possibilidade de abrir mão de categorias e

hierarquizações que dominaram as práticas visuais e se estabeleceram de modo hegemônico durante o século XX.” (2008, p.33).

A educação da cultura visual não trata a imagem apenas pelo seu significado e valor estético, busca compreender o papel social da imagem no cotidiano. Parte-se do pressuposto que a experiência visual é dinâmica, mais complexa, demorada e abrangente do que a experiência de olhar, permeada por processos de constituição de visualidades, que influem diretamente nas manifestações da cultura visual.

A subjetividade ganha espaço de relevância nas investigações acerca das visualidades como produtoras de sentidos, como potências para análise das relações do indivíduo em meio à sociedade na qual está inserido. Neste sentido, o contexto do sujeito é compreendido como determinante em sua relação com a imagem, não sendo este um mero receptor, observador, mas compreendido também como produtor daquilo que vê.

De acordo com Duncum “a arte-educação precisa mudar para que possa abordar os efeitos sociais da proliferação sem precedentes da imagética comercial que, atualmente, satura a vida diária em várias partes do mundo” (2011, p. 15). Por sua vez, Dias (2011) considera que a arte/educação vem dando espaço aos estudos de cultura visual ao sofrer “mudança radical em direção à educação da cultura visual ao desenvolver novas práticas, epistemologias, identidades, subjetividades, agências e entendimentos do cotidiano.” (p. 22).

Neste sentido, a pedagogia cultural proclama a necessidade de incorporar objetos de pesquisa, no campo educacional, externas ao processo escolar. É importante considerar que existe um currículo além das fronteiras da escola, constituído por artefatos culturais que estão imbricados na vida cotidiana. A concepção de ensino da arte a partir dos estudos da cultura visual, deve nos remeter necessariamente a uma educação para a cidadania, entendida como um exercício de viver compartilhado e democrático, considerando a diversidade humana. A consciência de cidadania dificilmente se

dará se não conhecermos a produção, seja ela artística ou não, da humanidade.

A educação da cultura visual propõe espaço de mudança tanto na (re) construção de um currículo de arte que se faça mais próximo da vida cotidiana contemporânea, quanto para mobilizar, diversificar e ampliar modos de olhar. Se a intenção é reconstruir uma educação que procura a emancipação do pensamento dominado, é fundamental entender que a arte não é apenas um conhecimento, mas uma forma de se relacionar com ele, assim como não é um objeto, mas a relação experiencial com o objeto. O que num momento é um objeto da cultura visual é arte em qualquer outra circunstância e vice-versa, não há diferenças intrínsecas. Assim a cultura visual e a arte compartilham a mesma arena em que se debatem as novas performances epistemológicas e criam tensões que levam a outros processos criativos e culturais.

Uma educação da cultura visual mostra que as imagens presentes em nosso cotidiano são fundamentais na formação de uma cultura crítica nos indivíduos. Por isso, é importante que antes de escolher que imagem colar na parede de sala ou apresentar para a criança, o professor tenha em mente: o que esse desenho, foto, mural ou cartaz vai representar para estes alunos? Para Hernández (2000), devemos sempre ter em mente que a seleção das representações deve favorecer o estudo da cultura visual.

Fernando Hernández, no prefácio do livro de Teresinha Franz (2003), nos diz que “é importante pensar sobre as perguntas quando se pretende facilitar atos de compreensão”, pois “uma pergunta que não problematiza não ajuda a compreender” (p.10). O autor propõe é uma compreensão crítica da cultura visual. Isto significa que devemos levar em conta que as imagens são discursos que constroem relatos do mundo social. Para compreendermos melhor esse discurso é preciso desenvolver estratégias que permitam posicionamentos críticos diante deles. Não podemos esquecer, todavia, que a construção do conhecimento ou da sua interpretação é determinada pelas características da cultura em que o indivíduo vive. É necessário, explorar e

distinguir o papel das diferenças culturais e sociais na hora de construir maneiras de ver e de elaborar interpretações sobre as imagens.

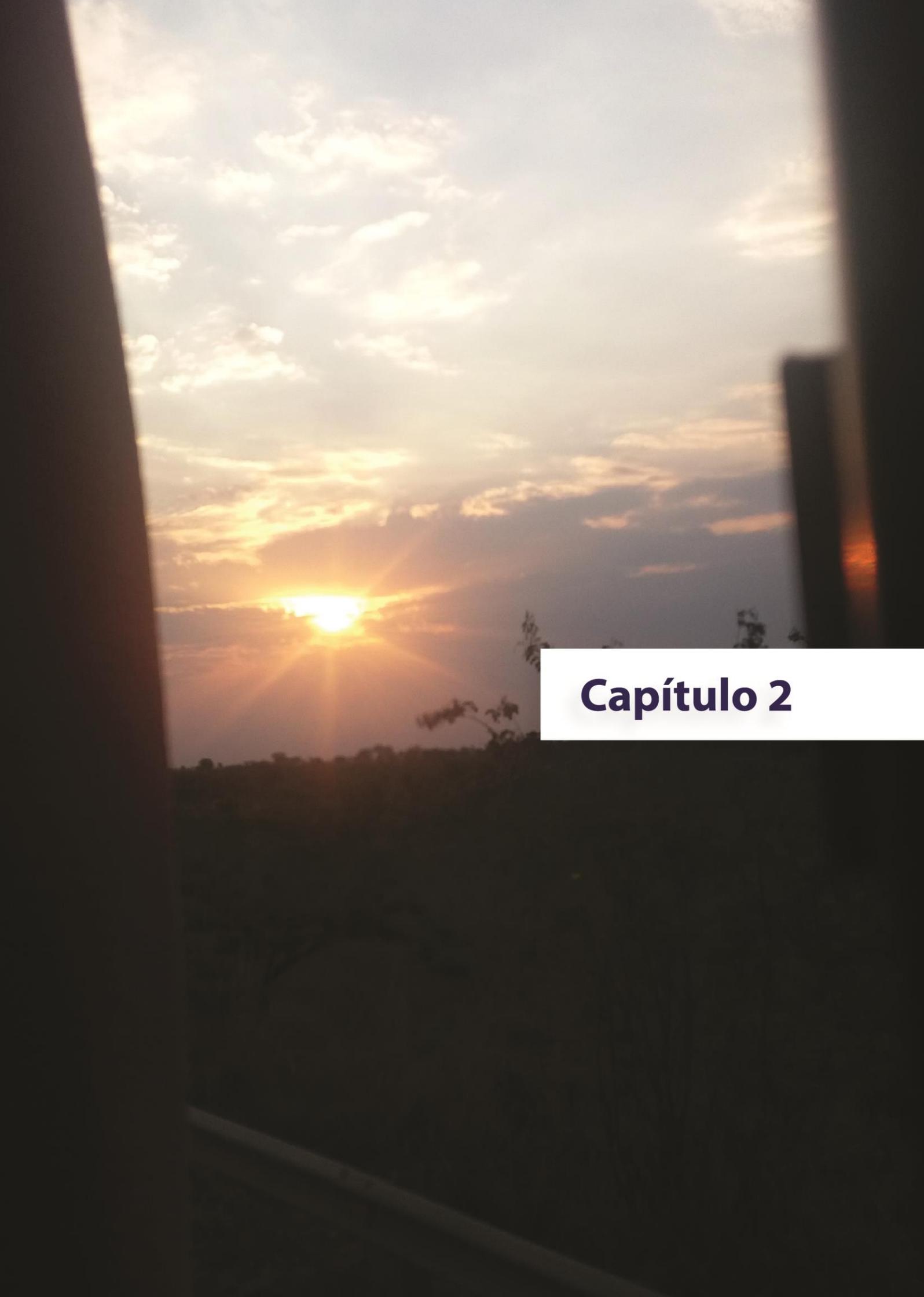
Neste contexto, a cultura visual pode surgir não como uma disciplina, mas como uma abordagem metodológica nos currículos em arte. Isso se dá também por causa do desenvolvimento e popularização das tecnologias e sua facilidade para a produção e reprodução das imagens.

O currículo deveria, pois, basear-se na natureza da cultura visual, especificamente nas experiências dos alunos relativas a ela e integradas ao conhecimento do professor. [...] um currículo que espelha a estrutura rizomática da cultura visual começará a partir de qualquer ponto, com uma imagem ou gênero, a representação de um tema, uma polêmica ou uma pergunta. (DUNCUM, 2011, p. 22)

Práticas educativas com ênfase na perspectiva da cultura visual que destaque as representações visuais do cotidiano, de gênero e sexualidade possibilitam uma experiência pedagógica significativa, pois propicia desenvolver uma visão diversa da cultura e incentiva a visão crítica que desenvolve a consciência social e a justiça. Utilizar a perspectiva da cultura visual somando as experiências dos alunos e o conhecimento do professor/a pode ser um caminho metodológico a seguir nos currículos de ensino. Na proposta de uma pedagogia dialógica, as ideias circulam em busca de coerência e os professores aprendem tanto quanto os alunos.

As imagens partem das experiências do cotidiano e podem deflagrar culturas formativas tanto para quem educa, quanto para aqueles que são educados. Por isso, o interesse em pesquisar a compreensão da cultura visual na produção acadêmica da formação de professores de artes visuais. Assim, o que se almeja é uma compreensão dos processos das experiências formativas que operam e quais suas implicações na prática pedagógica. E de que maneira essa forma de compreensão pode gerar novas propostas curriculares ou aprofundamentos sobre o tema.

No capítulo a seguir, apresento a proposta metodológica para a pesquisa dos Trabalhos de Conclusão de Curso das Licenciaturas em Artes Visuais que abordam a cultura visual de duas universidades brasileiras.

A photograph of a sunset or sunrise seen through a window. The sun is low on the horizon, creating a bright glow and lens flare. The sky is filled with soft, golden clouds. The foreground is dark, showing the silhouette of a window frame and some foliage.

Capítulo 2

2. ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA

*O narrador conta o que ele extrai da experiência
– sua própria ou aquela contada por outros.
E, de volta, ele a torna experiência
daqueles que ouvem sua história.
Walter Benjamin*

O que atravessa essa pesquisa? O que essa pesquisa me atravessa? Os currículos das Licenciaturas em Artes Visuais da UFG e da UnB me atravessam/atravessaram como aluna e professora. Busco as presenças e ausências da cultura visual como um jogo de sentidos que construo a partir de meus atravessamentos e dos formandos em artes visuais destas duas instituições. Na tentativa de investigar a formação docente, o que me interessa são os atravessamentos que a cultura visual traz nestas formações. Nesse sentido, traço um olhar reflexivo para os atravessamentos da formação inicial representadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso das Licenciaturas em Artes Visuais das duas universidades.

2.1 A metodologia

Segundo Ferreira (2002), desde a década de 1980, tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação de “estado da arte” ou “estado do conhecimento”.

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p. 258)

Ferreira (2002) argumenta que as pesquisas que avaliam o “estado da arte” ou “estado do conhecimento” são reflexos de uma política de fortalecimento da divulgação dos trabalhos científicos por parte das entidades de financiamento de pesquisas e das próprias universidades, além de se configurarem como “resposta exigida por uma sociedade que vê a universidade como prestadora de serviços e que, por isso, deve ser avaliada” (p. 260).

Corroborando com Ferreira (2002), a motivação deste estudo é guiada pelo desafio de conhecer o já construído e produzido, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade.

Romanowski (2002) afirma que, estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras, que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área.

O objetivo desta pesquisa foi fazer um levantamento dos trabalhos desenvolvidos na área da cultura visual nas licenciaturas em artes visuais de duas universidades, levantando questionamentos, os quais possam possibilitar novas pesquisas e encaminhamentos metodológicos. Como a produção atual

contribuiu para o avanço do conhecimento da área? Qual a relevância e a consistência do conhecimento produzido? Quais são as consequências políticas, sociais, metodológicas, resultantes desses estudos? Quais as contribuições desses estudos para o cotidiano escolar dos professores?

A escolha recaiu sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). A intenção de fazer um levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos licenciados em artes visuais é a de examinar o conhecimento já elaborado na área de cultura visual na formação de professores que apontem os enfoques, os temas mais pesquisados e as lacunas existentes quando se trata da abordagem da cultura visual.

2.1.1 Os Trabalhos de Conclusão de Curso

Para uma boa parte dos discentes de graduação, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é, por vezes, a primeira e única produção científica construída ao longo dos anos na experiência da graduação. O que poderemos observar mais adiante na análise dos currículos *Lattes* dos autores dos TCCs.

O Trabalho de Conclusão de Curso é uma monografia científica que possui requisitos determinados por normas utilizadas em universidades, congressos, seminários e eventos acadêmicos. De acordo com Severino (1996), “considera-se monografia aquele trabalho que reduz sua abordagem a um único assunto, a um único problema, com um tratamento especificado” (p.104). Para o autor, os trabalhos serão monográficos na medida em que satisfizerem à exigência da especificação, ou seja, no tratamento de um tema, especificado e delimitado, uma vez que o trabalho monográfico caracteriza-se mais pela unicidade e delimitação do tema e pela profundidade do tratamento, do que por sua eventual extensão, generalidade ou valor didático.

A monografia, no Trabalho de Conclusão de Curso, objetiva desenvolver o hábito da pesquisa, o sentido crítico, a capacidade de análise, o poder de síntese no campo profissional. Visa, também, colher subsídios sobre assuntos profissionais. Cabe aqui destacar a importância da reflexão no trabalho monográfico. Sem a reflexão, a monografia transforma-se em mero relatório do procedimento de pesquisa ou compilação de referências. O tratamento reflexivo vai além dos limites da documentação.

O Trabalho de Conclusão de Curso, geralmente, é resultado de um estudo científico de um tema, problema ou pergunta, ao final do curso de graduação, que vai sistematizar o resultado das leituras, observações, críticas e reflexões feitas pelo discente no decorrer do curso. Pretende ser um estudo sob o maior número de aspectos possíveis deste percurso. Ele se configura como uma atividade de pesquisa científica, em função dos recursos metodológicos que exige na sua elaboração. O objetivo é refletir, discutir, expor a pesquisa realizada. No desenvolvimento do TCC, o aluno levanta saberes que possam contribuir para um trabalho final de qualidade e que se configure como uma iniciação na busca de outros saberes e de outras competências para a sua formação profissional.

É uma construção que segue, habitualmente, um rigor epistemológico, estrutural e metodológico, pautado por normas de trabalho acadêmico, adotadas pelas instituições de ensino superior. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR 14724, traz definições a respeito dos trabalhos acadêmicos e seus similares, a saber:

(trabalho de conclusão de curso - TCC, trabalho de graduação interdisciplinar - TGI e outros): Documento que representa o resultado de estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, que deve ser obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados. Deve ser feito sob a coordenação de um orientador (2001, p. 3).

Em uma pesquisa sobre as contribuições do TCC na formação docente, Oliveira (2003, p. 112), conclui que:

- possibilita, ainda que de forma parcial, um maior conhecimento e domínio sobre algumas atividades de pesquisa;
- instrumentaliza o aluno com algumas habilidades para a prática investigativa;
- amplia, ainda que de forma insuficiente, a concepção de pesquisa do aluno;
- promove articulação interdisciplinar, promovendo integração dos professores das diversas disciplinas que compõem o currículo;
- possibilita relacionar e aproximar teoria com situações práticas;
- envolve o aluno no processo de produção de conhecimento, de forma sistematizada, incentivando assim a formação do hábito da pesquisa, da investigação e indagação nos futuros professores;
- diminui a ênfase na relação transmissão/assimilação de conhecimentos ao buscar o equilíbrio entre ensinar e ensinar e aprender, através da prática da construção de conhecimentos.

O TCC nos cursos de licenciatura tem é um instrumento amplamente utilizado e reconhecido como meio de investigar a realidade e produzir conhecimento científico. Este documento reflete o currículo de determinada instituição de ensino superior e por isso apresenta especificidades advindas de cada matriz curricular. Entretanto, alguns pré-requisitos, em termos de habilidades e competências, geralmente são exigências consideradas como condição mínima para a produção de um Trabalho de Conclusão de Curso, conforme explica Maciel (2014):

A pesquisa é compreendida como um campo do conhecimento que conduz à concretização das ideias e dos estudos, reconceptualizando a capacidade de ler e escrever textos dissertativos, de modo a organizar, selecionar e sintetizar informações – habilidades estas que praticamente qualquer indivíduo, com formação acadêmica ou não, exerce na vida cotidiana. Exige-se um determinado conhecimento da área científica em que se insere o trabalho em questão. A competência fundamental, indispensável para a aquisição de qualquer conhecimento científico, é a capacidade linguístico-comunicativa, que permite atribuir significados e interpretações ao mundo da percepção empírica, com base em métodos e procedimentos de reflexão e análise utilizados para articular teoria e a dimensão contextualizada no contexto histórico-social da investigação, a partir das conexões entre estes elementos (2014, p. 1).

O que se procura na elaboração de um TCC, e no caso específico da formação docente, é torná-lo uma atividade que por meio da compreensão e do uso do conhecimento acadêmico/científico, se aproxime teoria e prática na formação inicial. Essa pesquisa propõe levantar a pesquisa do aluno/docente de sua realidade e do objeto estudado, no nosso caso, a cultura visual. Mais ainda, essa pesquisa pretende uma função importante para a memória da produção desenvolvida nas universidades.

2.1.2 Estrutura da pesquisa

Constituindo-se uma pesquisa do tipo “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, o presente trabalho envolveu os seguintes procedimentos para o levantamento dos TCCs das Licenciaturas em Artes Visuais que abordam a cultura visual:

- Estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do estado da arte nos TCCs das licenciaturas das duas instituições escolhidas;
- Levantamento dos TCCs das licenciaturas (presencial e a distância), no repositório digital da UnB, apresentados no período de 2007 a 2015;
- Localização e coleta dos TCCs da licenciatura modalidade presencial, na sala de Leitura da FAV/UFG, apresentados no período de 2007 a 2015;
- Localização e coleta dos TCCs da licenciatura modalidade a distância, na secretaria do curso da FAV/EaD/UFG, apresentados no período de 2007 a 2015;
- Separação dos TCCs que abordam a cultura visual com os critérios estabelecidos na pesquisa: capa/título com ano de produção, resumos, palavras-chave e sumário;
- Análise do Currículo *Lattes* dos autores e dos orientadores da pesquisa;
- Descrição dos trabalhos selecionados;

- Análise dos trabalhos selecionados;
- Elaboração das conclusões.

Levantar a produção dos Trabalhos de Conclusão de Curso resultante das Licenciaturas de Artes Visuais que se dedicam a investigar a cultura visual foi uma tarefa complexa. A intenção era dar a devida atenção a um vasto número de pesquisas desenvolvidas, muitas vezes de difícil acesso, e de trazer para o público as discussões restritas às universidades que abrigam os estudos. Sobre o assunto, Ferreira (2002, p. 259) reconhece como princípios motivacionais para esta opção metodológica o desafio de conhecer o que já está construído para identificar o que ainda não foi feito.

Este desafio, apontado pela autora, foi uma das dificuldades que encontrei em uma das universidades escolhida: a fragilidade em que se encontram ainda as bases de dados e as formas de acesso a esse tipo de documento. A fonte de referência para realizar o levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso não foi a mesma para as duas instituições pesquisadas.

A pesquisa dos TCCs desenvolvidos pela Licenciatura em Artes Visuais presencial da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) foi feita na *Sala de Leitura* da FAV. Os TCCs da modalidade a distância estavam na secretaria do Curso. Nem o site da FAV, nem a biblioteca da UFG possuem um banco de dados de monografias de graduação. A UFG não tem um repositório digital de monografias. No repositório Institucional da UFG encontramos apenas dissertações e teses.

Os TCCs da FAV não tinham um acervo em mídia digital, apenas físico¹³. A maioria das mídias encontradas era dos cursos de bacharelado da FAV. Havia um armário com os TCCs na versão física. Separei todos de Licenciatura em Artes Visuais e fotografei: capa com título e ano de produção,

¹³ Foram encontradas algumas mídias digitais (CD) dentro da versão física.

resumo, sumário e palavras-chave. Apesar da fragilidade da coleta destes TCCs, a escolha por manter a pesquisa nesta universidade se deu por ela já ter a disciplina cultura visual no currículo oficial.

A mesma dificuldade foi encontrada com os TCCs da modalidade a distância da Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG. Foram encontrados alguns trabalhos em versão física na coordenação do curso. Os TCCs em forma digital estão armazenados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), sem acesso público. A coordenação do curso me informou, no começo de 2017, que eles estavam reunindo todo o acervo dos TCCs dos três programas¹⁴ concluídos até então, para criar um repositório online.

A pesquisa dos TCCs desenvolvidos pela Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília foi feita no site da Biblioteca Digital de Monografias¹⁵ (Figura 5). Foi acessado o link *Monografias de Graduação*. O passo seguinte foi entrar no link *Artes Visuais* e depois no link *Artes Plásticas*. No link *Artes Visuais* foram encontradas monografias do curso de Licenciatura de Artes Visuais da Universidade Aberta do Brasil, modalidade a distância. No link *Artes Plásticas* foram encontradas as monografias do curso presencial¹⁶.

¹⁴ Universidade Aberta do Brasil, (UAB), Pró-Licenciatura e PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica). A UAB teve duas turmas UAB1 e UAB2.

¹⁵ Disponível em: <www.bdm.unb.br>. Acesso em: 08/06/16.

¹⁶ Neste repositório não há a informação se o curso é diurno ou noturno.

Figura 5 – Tela do site da UnB.



Fonte: Site da UnB.

Disponível em: <bdm.unb.br>. Acesso em: 08/10/17.

Uma vez selecionados os TCCs, a fase seguinte foi buscar o acesso a todos os exemplares encontrados para ser feita a seleção dos trabalhos, tendo em vista o propósito de analisar a produção científica voltada para as questões da cultura visual.

2.2 Os TCCs da FAV/UFG

2.2.1 A Licenciatura em Artes Visuais da UFG, Modalidade Presencial

Criado como Instituto de Belas Artes de Goiás (IBAG) em 1963, o IBAG é anexado a Universidade Federal de Goiás. Em 1967, com o nome de

Faculdade de Artes da UFG e em 1969 muda para Instituto de Artes com a entrada do Conservatório de Música.

O curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFG teve início no ano de 1974 no então Instituto de Artes. Nessa época, o curso era chamado de Licenciatura em Desenho e Plástica. O currículo tinha como foco central às artes plásticas: desenho, modelagem, história das artes e artes aplicadas. Portanto, sem a prática da polivalência. As disciplinas pedagógicas ficavam a cargo da Faculdade de Educação da UFG. Sobre esta formação,

Apesar do curso de Licenciatura em desenho e Plástica ser de 1974, após a regulamentação oficial do Curso de Educação Artística pela Lei 5692/71, ainda não atendia as mudanças apresentadas na referida lei, ficando preso ao currículo regulamentado em 1969, o qual tinha maior ênfase no desenho. (GUIMARÃES, L. et al. 2003, p. 83)

Entre 1981 e 1983, há uma alteração na grade curricular, mas o curso permanece ainda com o mesmo nome e perfil. Há uma grande concentração de disciplinas em desenho artístico, ao contrário da grade anterior, que refletem resquícios de componentes curriculares da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro de 1826. As disciplinas pedagógicas continuam sobre a responsabilidade da Faculdade de Educação, inclusive o *Estágio Supervisionado*, que continuava sendo apenas em desenho.

Em 1984, a nomenclatura passa para Licenciatura em Educação Artística. O curso oferecia nos dois primeiros anos disciplinas comuns e polivalentes as habilitações de: Desenho, Música e Artes Plásticas. Surgem disciplinas pedagógicas específicas em arte, desvinculadas à Faculdade de Educação. Em 1987, com outra alteração curricular, tem-se uma continuação da prática polivalente do ensino de arte, permanecendo as habilitações em Desenho, Artes Plásticas e Música, aumentando a sua carga horária.

Em 1992, ficam apenas duas habilitações da Licenciatura em Educação Artística: Música e Artes Plásticas. O perfil do profissional de arte-educação permanece o mesmo de 1984: o professor polivalente. A relação com a Faculdade de Educação permanece, mas é enfraquecida, pois o campo de disciplinas pedagógicas específicas é fortalecido com a disciplina *Didática e Prática de ensino em Artes Plásticas* que passa a ser ministrada por um professor do Instituto de Artes.

É no ano 2000, que se fixa o currículo pleno de Licenciatura em Artes Visuais, capacitando o aluno para atuar nos diversos níveis de educação, atendendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, e perdendo o caráter polivalente da Educação Artística. Na estrutura curricular de 2000, um dos avanços mais significativos é o aparecimento no currículo da disciplina específica ao trabalho de investigação: o Trabalho de Conclusão de Curso. O aluno passa a participar de projetos de pesquisa e refletir sobre a produção artística. O peso maior se concentra na teoria das artes visuais e nas disciplinas pedagógicas específicas para a arte e a prática sofre uma redução de disciplinas. Neste fluxo a disciplina *Teorias da Imagem e Cultura Visual* no quarto período do curso¹⁷ (ANEXO A). O que reforça o interesse desta pesquisa em analisar os Trabalhos de Conclusão de Curso desta licenciatura.

Para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, a FAV/UFMG possui uma *Normatização do Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Artes Visuais - Licenciatura*¹⁸. Em relação ao projeto a ser apresentado, o documento, afirma que

Art. 1º Ao final do curso, o licenciando deverá apresentar e defender, em sessão pública, o Projeto de graduação – Trabalho Conclusão de Curso (TCC) – sobre tema de sua escolha, ou de acordo com

¹⁷ Fluxo de integralização curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFMG. Disponível em: <http://fav.ufg.br/up/403/o/Fluxo_de_Integraliza%C3%A7%C3%A3o_-_Licenciatura_em_Artes_Visuais.pdf?1417469230>. Acessado em: 20/04/16.

¹⁸Disponível em: https://fav.ufg.br/up/403/o/Normas_de_TCC_-_Licenciatura_em_Artes_Visuais.pdf?1417469230. Acessado em: 20/10/17.

projetos propostos por professores/orientadores, no âmbito da especificidade do ensino de artes visuais e sob a orientação de um professor da Unidade (Art. 9º da Resolução CCEP no. 410). § 1º. A formação do aluno para a pesquisa e para a elaboração do TCC - se dará ao longo do curso e deverá ser desenvolvido nas seguintes disciplinas: Introdução ao trabalho de Investigação Pesquisa em Ensino de Arte Trabalho de Conclusão de Curso I e II Práticas Pedagógicas I, II, III, IV e V Art. 2º O Trabalho Conclusão de Curso poderá ser elaborado e gestado ao longo do curso. No entanto, os 7º e 8º períodos serão dedicados à realização do projeto e desenvolvimento da pesquisa (projeto e execução). O TCC poderá ser articulado à prática pedagógica respectiva a estes dois últimos semestres, devendo impreterivelmente ser apresentado ao final do 8º semestre do curso, mediante a seguinte normatização; §1. A pesquisa deverá ser desenvolvida em áreas de conhecimento adquirido ao longo do curso, com ênfase no aspecto teórico ou teórico/prático de questões referentes a pedagogia de artes visuais.

Em relação a modalidade da pesquisa, ela pode ser desenvolvida de duas formas: teórica ou teórico/prático. A saber,

1) Teórico: Estudos que procuram revisar e/ou analisar uma produção artística ou reflexiva já existente ou sobre um de seus aspectos: teorias, crítica, análise e produção de arte, escritos de artistas, e manifestos de grupos e movimentos, políticas culturais e educacionais. 2) Teórico/Prático: Processos de Criação Artística Projetos de Conclusão de Curso que considerem obra enquanto poética visual em Artes Visuais, privilegiando o trabalho de pesquisa em atelier a partir de procedimentos técnicos, das especificidades dos materiais e da relação obra/conceitos e aspectos operacionais. O aluno deverá apresentar sua produção artística nas linguagens da pintura, gravura, desenho, escultura, objeto, performance, instalação, webart, multimídia, entre outras manifestações artísticas contemporâneas, com um número significativo de obras, aprovado pelo orientador. A produção artística deverá ser acompanhada de um relatório teórico sobre seu processo de criação, seguindo as normas técnicas da ABNT e o portfólio de todas as obras realizadas pelo acadêmico.

Em 2014, é criado um novo fluxo de integralização das disciplinas do curso de licenciatura em artes visuais (ANEXO B). O currículo passa a ofertar duas disciplinas usando a nomenclatura cultura visual. A disciplina *Arte e Cultura Visual* com a ementa: *Estudo e discussão da relação entre a imagem*

visual e as ciências humanas. Aspectos filosóficos, sociológicos, antropológicos, psicológicos e semióticos. Concepção culturalista na abordagem da imagem. Arte, imagem e cultura visual; e, a disciplina Pesquisa em Ensino de Arte e Cultura Visual com a ementa: Noções de pesquisa. Enfoques e/ou métodos de investigação e sua relação com as artes visuais. Discussões das relações entre tema, objetivos e metodologia na pesquisa na elaboração e desenvolvimento de projetos de investigação.

A cultura visual passa a ganhar mais espaço no novo fluxo. Analisando as ementas das disciplinas do fluxo a partir de 2014, podemos identificar outra disciplina que adota a cultura visual em sua ementa¹⁹. É o caso da disciplina *Compreensão e Interpretação de Imagem* que aborda a seguinte ementa: Conceito de imagem. Abordagens metodológicas de interpretações sobre as imagens, tais como: formalista, culturalista, contextualista, semiótica, entre outras. Relações entre representações de imagens e suas interpretações a partir dos estudos da cultura visual. Compreensão crítica sobre imagens em contextos educativos.

As disciplinas *Pedagogias de Fronteira, Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II, Fundamentos da Arte na Educação* sugerem na bibliografia livros que remetem a cultura visual.

2.2.2 A Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFMG, Modalidade a Distância

A Licenciatura em Artes Visuais modalidade a distância da FAV/UFMG começou a funcionar no segundo semestre de 2007 compondo o projeto Universidade Aberta do Brasil (UAB). No início do funcionamento dessa

¹⁹Disponível em: <http://fav.ufg.br/up/403/o/Ementas_e_Bibliografia_-_Licenciatura_em_Artes_Visuais_-_Grade_2014-1.pdf?1417469230>. Acesso em: 30/08/2016.

licenciatura, o planejamento do curso era centralizado pelo Centro Integrado de Aprendizagem em Rede²⁰ (CIAR).

O curso de Licenciatura em Artes Visuais aconteceu através de três programas: Universidade Aberta do Brasil (UAB), que teve duas edições: UAB1 e UAB2, o Pró-Licenciatura e o PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica). Os três programas funcionam em parceria com do Ministério da Educação (MEC) e tiveram a duração de quatro anos.

A UAB foi o primeiro programa no Curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância da FAV/UFG. No início, outubro de 2007, contava com nove municípios denominados Polos de Apoio Presencial: Aparecida de Goiânia, Alexânia, Alto Paraíso, Catalão, Cezarina, Formosa, Goianésia, Uruana, e São Simão. Em 2009, nova demanda contemplou outros seis municípios Polos de Apoio Presencial: Anápolis, Inhumas, Iporá, Mineiros, Morrinhos e Rio Verde, a UAB2.

Outro programa oferecido pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância da FAV/UFG foi o Pró-licenciatura, em 2008. Ele foi um programa de edição única que foi aprovado pelo Ministério da Educação (MEC) com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Contava com cinco Polos de Apoio Presencial: Goiânia (salas I, II e III), Jataí, Ceres, Catalão, Firminópolis²¹. O projeto visava à formação de professores que já atuam em sala de aula sem ter a formação específica de artes visuais. No programa Pró-Licenciatura o curso é fechado para professores que estão nessa situação.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) é o terceiro e último programa ofertado no curso de Licenciatura em Artes Visuais - modalidade a distância (FAV/UFG). Criado em 2009, o

²⁰ O CIAR é um órgão da Reitoria, criado em 2007, com a finalidade de implementar e apoiar as atividades acadêmicas de graduação, pós-graduação, extensão e pesquisa integradas pelas tecnologias da informação e comunicação e na modalidade a distância, desenvolvidas pela UFG.

²¹ Informação obtida no site da UFG. Disponível em: <<https://www.ufg.br/p/6093-artes-visuais>>. Acesso em: 25/04/17.

programa é destinado a professores em exercício nas escolas públicas estaduais e municipais, que não possuem formação específica em artes visuais. Os Polos de Apoio Presencial: Alexânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Formosa, Goianésia, São Simão e Uruana.

No Módulo Introdutório do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, apresenta-se o Projeto Político Pedagógico do Curso. Nele os conteúdos das disciplinas são distribuídos em quatro eixos temáticos.

Figura 6 – Quadro com a composição dos eixos pedagógicas da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial da FAV/UFG

Eixo	Composição
<i>Eixo 1 – Formação em Ensino de Arte</i>	<i>Teoria da Educação; Fundamentos da Arte na Educação; Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação; História do Ensino das Artes Visuais no Brasil; Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico; Cultura Currículo e Avaliação em Arte; Políticas Educacionais no Brasil; Políticas Educacionais para o ensino de Artes no Brasil; Questões multiculturais para o ensino de Arte; Ensino de Arte e Necessidades Educacionais Especiais; Metodologias para o Ensino de Artes Visuais; Leituras da Imagem e Estrutura da Linguagem Visual; Pesquisa e ensino de Artes Visuais; Orientação do Trabalho de Final de Curso; Elaboração de TCC.</i>
<i>Eixo 2 – Cultura,</i>	<i>Teorias da Arte e da Cultura; Matrizes Culturais da Arte no Brasil;</i>

<p>tecnologias e diálogos</p>	<p><i>Arte e Cultura Visual;</i> <i>A Psicologia e a construção do conhecimento;</i> <i>Imagem, percepção e aprendizagem;</i> <i>Introdução ao Trabalho de Investigação;</i> <i>Pensamento e Investigação em Arte e Educação;</i> <i>Antropologia da Arte e da Imagem;</i> <i>Tecnologias Contemporâneas na Educação;</i> <i>Culturas e mídias contemporâneas;</i> <i>Arte educação em museus, galerias e centros culturais;</i> <i>Tópicos Especiais para o Ensino de Artes I;</i> <i>Tópicos Especiais para o Ensino de Artes II;</i> <i>Ensino de arte e relações de trabalho.</i></p>
<p>Eixo 3 – Arte, estética e contextualização histórica</p>	<p><i>Pré-história a Idade Média;</i> <i>Estética Visual;</i> <i>Arte do Renascimento ao Neoclassicismo;</i> <i>Compreensão e Interpretação das imagens;</i> <i>Arte Moderna: do Romantismo ao Impressionismo;</i> <i>História Social da Infância e da Adolescência;</i> <i>Arte Moderna – Vanguardas Artísticas e estéticas não ocidentais;</i> <i>História da Arte Brasileira – Séc. XX;</i> <i>Arte Contemporânea;</i> <i>Arte e Cultura na América Latina;</i> <i>Arte Pública - Estéticas Urbanas.</i></p>
<p>Eixo 4 – Construção e compreensão dos processos artísticos.</p>	<p><i>Atelier de Artes visuais: Linguagens bidimensionais;</i> <i>Atelier Tridimensional;</i> <i>Atelier interdisciplinar de artes visuais;</i> <i>Atelier de gravura: meio impresso/meio digital;</i> <i>Atelier de Reciclagem e aproveitamento de Materiais Expressivo;</i></p>

	<p><i>Atelier de Poéticas Visuais Contemporâneas;</i> <i>Atelier de Arte e Tecnologia;</i> <i>Produção de Portfólio.</i></p>
--	--

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG.

No fluxograma do curso da licenciatura da UAB, a disciplina *Arte e Cultura Visual* é ofertada no primeiro período do curso (ANEXO C) e faz parte do Eixo 2 – Cultura, tecnologias e diálogos. Neste eixo, são colocados em debate conteúdos da cultura e das tecnologias que dialogam com o ensino de arte na contemporaneidade. Este eixo dá ênfase nas questões multiculturais e tecnologias contemporâneas (LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS, 2008). A ementa do curso *Arte e Cultura Visual* se apresenta como: Diferentes perspectivas teóricas e metodológicas; Educação das artes visuais e o campo de estudos da cultura visual e o campo de estudos da cultura visual; A metáfora do rizoma; Imagens e visualidades; Intercruzamentos de diferentes disciplinas; Usos e apropriações dos meios visuais contemporâneos; Consequências para o ensino/aprendizagem em artes.

O Módulo Introdutório também destaca o Trabalho de Conclusão do Curso. Ele é oferecido em dois semestres: *Trabalho de Conclusão de Curso I* no sétimo período e *Trabalho de Conclusão de Curso II* no oitavo período. O TCC consiste na elaboração de uma monografia desenvolvida pelo acadêmico, com base no desenvolvimento de um projeto interdisciplinar. A elaboração do TCC mostrará o domínio de parte significativa do conteúdo programático do curso, inclusive no que se refere aos aspectos metodológicos da elaboração de uma monografia. (Licenciatura em Artes Visuais, 2008, p. 45). A elaboração do TCC está no Eixo temático 1 – Formação em Ensino de Arte. Nesse Eixo, são conjugadas a formação pedagógica, teórica e metodológica da relação educação e arte educação.

O Eixo 3 – Arte, estética e contextualização história, encontramos a discussão dos aspectos históricos, estéticos, críticos da arte contextualizados na relação tempo/espaço. No Eixo 4 – Cultura, tecnologias e diálogos, é o eixo das linguagens propriamente ditas, sem, contudo, privilegiar apenas a construção prática. Os ateliês são propostos de maneira que o fazer seja conectado com a compreensão dos processos construtivos em diferentes contextos. (Licenciatura em Artes Visuais, 2008, p. 40)

Como professora que atuou como formadora, tutora e orientadora de TCC dos programas da FAV/EaD, entre os anos de 2008 e 2013, esse projeto interdisciplinar do TCC poderia ser feito a partir do trabalho desenvolvido na disciplina de *Estágio Supervisionado* ou alguma disciplina de práticas pedagógicas.

2.2.3 Levantamento dos TCCs da FAV/UFG, Modalidade Presencial

O levantamento dos TCCs, da licenciatura presencial, ocorreu entre os meses de março e abril de 2016 na *Sala de Leitura* da FAV/UFG. Os alunos ao produzirem seus trabalhos finais são orientados, através de uma *Normatização do Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais – Licenciatura*²², a entregar uma cópia da pesquisa, em capa dura, preta, à Coordenação de Curso, e uma cópia em CD, gravado em formato PDF, para ser arquivado na sala de monografias. Esta sala de monografias, a que se refere às normas do TCC, atualmente, é a *Sala de Leitura* da FAV/UFG.

A intenção inicial era fazer um levantamento dos TCCs até o ano de 2013 porque em 2014, houve uma mudança na estrutura curricular do curso. Porém, não foram encontrados TCCs, na *Sala de Leitura*, dos anos de 2012 e

²²Normas de TCC - Licenciatura em Artes Visuais. Disponível em: <http://fav.ufg.br/up/403/o/Normas_de_TCC_-_Licenciatura_em_Artes_Visuais.pdf?1417469230>. Acesso em: 20/04/2016.

2013. É importante ressaltar que quando comecei a fazer a leitura do material e a pesquisar os orientadores destes trabalhos, encontrei no *Lattes* destes professores alguns trabalhos orientados por eles nos anos de 2012 e 2013²³. Eles não foram incluídos na pesquisa por três motivos: primeiro que não fica claro no *Lattes* destes professores se a licenciatura é presencial ou a distância; segundo, teria que entrar em todos os *Lattes* de professores da Licenciatura em Artes Visuais e não teria acesso a alguns professores temporários e; por fim e de fator determinante, os trabalhos não estão disponíveis em lugar para ser pesquisado por meio eletrônico ou físico.

Essa escolha metodológica, de pesquisar os TCCs das duas instituições, me impôs uma série de problemas, mas que foram importantes para perceber alguns aspectos relacionados às produções dos alunos em formação nas universidades, em especial a UFG. O maior problema encontrado foi a UFG não manter um repositório das monografias de graduação. Apesar de constar a entrega nas normas de TCC da FAV/UFG não há um repositório/local de armazenamento destes trabalhos.

O quadro a seguir, revela o quantitativo de TCC encontrado no período de 2007 a 2015. Os TCCs foram realizados individualmente, em duplas ou em trios de alunos. A FAV/UFG aceita TCCs realizados em grupos. Na primeira coluna, encontra-se o ano de realização, na segunda o número de TCCs encontrados e na terceira a presença do termo cultura visual²⁴. Os critérios de busca foram: título, resumo, palavras-chave e sumário.

²³ Em uma pesquisa no currículo *Lattes* de quatro professores que orientaram Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais, foram encontrados seis trabalhos em 2012 e sete em 2013.

²⁴ Como a FAV/UFG desde 2003 tem o curso de pós-graduação em Cultura Visual, a coluna 3 do quadro informa também se o orientador do trabalho é vinculado ao programa.

Tabela 1 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG, Modalidade Presencial.

ANO	TOTAL	CULTURA VISUAL
2007	9	1 (PPG*)
2008	7	1 (PPG**)
2009	8	–
2010	3	1
2011	8	5 (3PPG)
2012	–	–
2013	–	–
2014	3	–
2015	–	–
Total geral	38	8

Fonte: Elaborado pela pesquisadora. *Programa de Pós-Graduação. **Discente do Programa de Pós-Graduação.

Neste levantamento inicial, foram encontrados trinta e oito Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura Presencial em Artes Visuais da FAV/UFG. Oito destes TCCs se referiam a cultura visual em seus textos. No ano de 2007, foram encontrados nove TCCs e apenas um com a presença da cultura visual no texto. O termo estava presente no título, resumo, palavra-chave e sumário. O TCC foi elaborado por três alunos e orientado por um professor do programa de pós-graduação da instituição. No ano de 2008, dos sete TCCs encontrados apenas um fazia referência a cultura visual. O trabalho foi desenvolvido por uma aluna. O termo estava presente no sumário, apresentando o capítulo: o papel da cultura visual na educação. A orientação foi de uma professora

formada no programa de pós-graduação da instituição²⁵. Já em 2009, dos oito trabalhos encontrados não há referência da cultura visual. Em 2010, dos três trabalhos, apenas um faz menção a cultura visual como uma das palavras-chave do texto e a orientadora não faz parte do programa de pós-graduação da instituição. Este trabalho foi realizado por duas alunas. Em 2011, dos oito trabalhos, cinco fazem referência a cultura visual (quatro trabalhos em duplas e um individual) e destes, três sob a orientação de professores do programa de pós-graduação da FAV/UFG. Não foram encontrados TCCs na sala de leitura dos anos 2012, 2013 e 2015. No ano de 2014, os três trabalhos encontrados (todos individuais), não se referiam a cultura visual.

2.2.4 Levantamento dos TCCs da FAV/UFG, Modalidade a Distância

O levantamento dos TCCs, da licenciatura da modalidade a distância, ocorreu entre os meses de abril e maio de 2017 na secretaria do curso da FAV/EaD. Fui informada que os TCCs estavam sendo separados e catalogados para serem disponibilizados a consulta pública, mas que o processo ainda estava em andamento. Solicitei a funcionária da secretaria administrativa, com autorização da vice-coordenadora do curso, que me disponibilizasse a consulta de alguns trabalhos que estavam na secretaria do curso. Consultei vinte e três TCCs. Vinte e um eram do programa Pró-Licenciatura e dois da UAB. Segui os critérios adotados para selecionar os trabalhos que abordavam a cultura visual: título, sumário, resumo e palavras-chave. Seis trabalhos foram selecionados. Um do ano de 2012 e cinco de 2013. Todos os trabalhos do programa Pró-licenciatura. O trabalho de 2012 foi elaborado por três alunas e o termo aparecia no sumário: Imagens como ferramenta de alfabetização da cultura visual. Dos trabalhos de 2013, quatro

²⁵ Este trabalho foi minha primeira orientação de um Trabalho de Conclusão de Curso de uma graduação em artes visuais. Na ocasião estava como professora substituta (contrato temporário)

foram realizados em duplas e um por um trio. O trabalho do trio, o termo aparecia nas palavras-chave e no título. Dois trabalhos o termo aparecia no sumário: um no capítulo: Docência em artes visuais: arte, docência, feminino e cultura visual e o outro no capítulo: A cultura visual na sala de arte. No quarto trabalho, o termo aparecia no título, resumo e palavras-chave e o quinto trabalho o termo foi encontrado no resumo.

Tabela 2 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais da FAV/EaD/UFG, Modalidade a Distância.

ANO	TOTAL	CULTURA VISUAL
2012	1	1
2013	22	5
Total geral	23	6

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2.3 Os TCCs do IdA/UnB

2.3.1 A Licenciatura em Artes Visuais da UnB, Modalidade Presencial

Inicialmente com o nome de Instituto Central de Artes (ICA), o ICA fazia parte do curso-tronco de Arquitetura e Urbanismo, criado em 1962. No Plano Orientador da UnB, em relação ao Instituto Central de Artes, o documento afirmava que

O investimento principal da Universidade de Brasília nesse campo será na formação artesanal e no apuramento do gosto dos estudantes de arquitetura, de desenho industrial, da arte do livro, das artes gráficas e plásticas, na formação dos especialistas no uso dos meios audiovisuais de difusão cultural e de educação. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 30).

Em 1971, o Instituto Central de Artes-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo é desmembrado, deslocando o Departamento de Música, com o nome de Departamento de Arte, para o recém-criado Instituto de Comunicação e Expressão. O Departamento de Artes Visuais e Cinema passa a denominar-se Departamento de Desenho (DES), que existiu com esse nome até 1988, quando se criou o Instituto de Artes (IdA) em 1989²⁶.

O curso de Licenciatura em Artes Visuais²⁷ da UnB teve sua origem como licenciatura diurna em Artes Plásticas em 1977. O curso de bacharelado em Artes Plásticas foi criado em 1989. Em 1993, é criado o curso noturno de Licenciatura em Artes Plásticas. Ao ser criado, o curso noturno de licenciatura, tinha uma estrutura curricular afinada com o curso de bacharelado e não com o de licenciatura diurno. Como os dois cursos se apresentavam com os currículos diferentes, em 1999 foi feita uma reforma e uniformização curricular que passou a vigorar em 2001 e se mantém até hoje.

Na grade curricular que se mantém até hoje, podemos encontrar a disciplina de *Diplomação em Artes Plásticas - Licenciatura* no último período. (ANEXO D). A disciplina consiste em uma pesquisa individual no campo da licenciatura, sob a orientação de um professor tutor, visando à elaboração de monografia, que acompanha trabalho de aplicação em prática pedagógica, a

²⁶ Informação obtida no site da UnB. Disponível em: <<http://ida.unb.br/o-instituto-de-artes>>. Acesso em: 30/08/2016.

²⁷ No projeto de Curso da licenciatura encontrei o nome Licenciatura em Artes Plásticas, porém, no site do Instituto de Artes e na matrícula web da UnB o curso tem a nomenclatura Licenciatura em Artes Visuais e a grade curricular é a mesma desde 2001. Por isso, adotarei a nomenclatura Licenciatura em Artes Visuais.

serem apreciados por banca de professores²⁸. A grade curricular não possui a disciplina cultura visual.

O *Manual de Normatização da Diplomação do Departamento de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura* considera mais apropriado realizar a monografia como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Por se tratar de mais um requisito para complementação de curso de graduação, a monografia para o Departamento de Arte Visuais (VIS) do IdA/UnB é entendida como um estudo sobre um assunto determinado, não necessitando, no entanto ser tão completo em relação ao tema escolhido. Contudo ela deve aprofundar o máximo possível a abordagem de um tema que por sua vez tem que ser bem delimitado.

Apesar de não ter uma disciplina específica sobre a cultura visual, o VIS considera que “uma monografia é um trabalho individual escrito acerca de determinado ponto dos estudos das Artes Visuais, Cultura Visual, da arte/educação ou do trabalho teórico/prático do estudante que está se diplomando” (DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS, 2008, p. 5).

O Manual indica os pressupostos básicos para o desenvolvimento da monografia dentro da área específica de escolha do aluno:

- a) As monografias de final de curso deverão contemplar a área de habilitação do aluno.
- b) Em todas as habilitações, porém, é possível o desenvolvimento de uma monografia de caráter especificamente **teórico** ou com uma abordagem **teórico-prática**. No caso da segunda opção, ela se configura, tanto para os alunos cursando o Bacharelado quanto para os alunos de Licenciatura, como trabalho em torno de poética pesquisada e experimentada ao longo do curso.
- c) Os alunos com dupla habilitação que estão aptos a diplomar nos dois cursos ao mesmo tempo podem, ao final do curso, ter dois orientadores ou um único orientador; e podem desenvolver as duas monografias ou um projeto de base comum para as duas áreas. Terá que escrever duas monografias ou uma monografia ampliada que

²⁸ Ementa da disciplina disponível em:

<<https://matriculaweb.unb.br/graduacao/fluxo.aspx?cod=5657>>. Acesso em: 30/08/16.

atenda as exigências das duas áreas de concentração. Dependendo da especificidade do projeto haverá duas defesas com duas bancas distintas pelas áreas ou somente uma banca ampliada com membros das duas áreas de concentração.

d) Em qualquer um dos casos, o essencial é que, ao iniciar a monografia, o aluno tenha claro qual é a questão (o problema da pesquisa) do qual tratará seu trabalho e qual é o enfoque que deseja dar a ele. Uma escolha de temática implica necessariamente em abandonar outras. Da clareza e objetividade em relação ao recorte escolhido depende a estruturação do trabalho.

e) A monografia de final de curso de graduação tem a dupla função de início e final de percurso. É fechamento de uma etapa e, ao mesmo tempo, lança as bases para uma outra. Seu caráter, portanto, é propositivo, embora não se coloque, nessa etapa, a exigência de originalidade nas hipóteses trabalhadas.

f) O essencial no trabalho é a articulação entre as fontes de pesquisa, a experiência possibilitada pelos anos de curso e a apropriação que é feita desses referenciais para uma situação específica: a do recorte definido pelo autor. (DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS, 2008, p. 5-6)

O Manual, portanto, indica apenas duas possibilidades de monografia: a abordagem teórica, que na licenciatura, se refere a:

A pesquisa que contemple a História da arte/educação, Teoria, Crítica e História da Arte, compilações curriculares, estudos curriculares, estudos da filosofia da arte/educação ou a análise de linhas metodológicas e estratégias de ensino e pesquisa em arte poderão constituir-se em temas para a monografia final de curso. A abordagem teórica possibilita também a pesquisa interdisciplinar que explore, por exemplo, determinadas manifestações culturais como objeto de projetos educacionais, ou os diferentes contextos e demandas de clientela diferenciadas como definidores das práticas educativas. Outra linha de pesquisa possível dentro dessa abordagem é a que estuda a função de espaços culturais e dos meios de comunicação na formação estética e no processo de educação visual dos diferentes públicos. Em qualquer desses casos, a estrutura da monografia deverá conter um aprofundamento da reflexão no campo escolhido e ver acompanhada dos referenciais teóricos e iconográficos aos quais faz referência. (DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS, 2008, p. 7)

E a abordagem teórico-prática, que na licenciatura se refere a:

A habilitação em licenciatura tem por objetivo formar arte/educadores: profissionais capazes de estabelecer um vínculo sistemático, direto e

transdisciplinar entre arte e educação. O desenvolvimento de pesquisa de final de curso poderá apresentar-se em torno de poética visual pesquisada e experimentada ao longo do curso em relação direta a questões pedagógicas em arte assim como em propostas de planejamento e/ou aplicação pedagógica e ou curricular no espaço escolar formal ou não-formal privados ou públicos como em espaços culturais e de informação, por exemplo, museus, galerias e centros culturais. Nesse caso, a monografia deverá conter a explicitação da proposta, os referenciais teóricos utilizados, a identificação do público ou audiência ao qual se destina, a(s) linha(s) metodológica(s) às quais se filia, e se necessário, os recursos necessários para a sua implementação. Deverá vir acompanhada do material proposto para a aplicação e/ou dos resultados de fase experimental de implementação do projeto quando for o caso. No caso específico de proposta de produção de material didático – para utilização em sala de aula, em espaços culturais ou outros (no caso de livros ou revistas, por exemplo) – deverá ser apresentado o protótipo do material. (DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS, 2008, p. 6-7)

2.3.2 A Licenciatura em Artes Visuais do IdA/EaD/UnB, Modalidade a Distância

O projeto político pedagógico que está disponível no site da UnB²⁹ define as diretrizes fundamentais do curso de Licenciatura em Artes Visuais a distância da Universidade de Brasília que está nos termos da Ação 6328/2005 do Ministério da Educação e do programa Universidade Aberta do Brasil para a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior à distância.

O curso foi elaborado a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciatura em Artes Visuais, das exigências do Parecer CNE-CP 21-2001, da Resolução CD/FNDE/Nº 34, de 9 agosto de 2005, a Resolução CNE n.1 de 16 de janeiro de 2009 o Parecer CNE/CES n. 280/2007 e dos Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância - SEED/MEC.

²⁹ Disponível em: <https://www.ead.unb.br/arquivos/ppp/ppp_artes_visuais.pdf>. Acesso em: 30/03/17

A Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior por meio da Educação a Distância. A Universidade de Brasília integra esse sistema desde 2007 ofertando cursos de licenciaturas e especializações para mais de 20 municípios das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul³⁰.

Os polos ofertados na Licenciatura em Artes Visuais são: Acrelândia-AC, Brasília-AC, Cruzeiro do Sul-AC, Rio Branco-AC, Sena Madureira-AC, Tarauacá-AC, Posse-GO, Buritis-MG, Ipatinga-MG, Barretos-SP, Itapetininga-SP, Palmas-TO.

O curso é desenvolvido por meio de disciplinas e de atividades pedagógicas, respeitando a legislação em vigor. As disciplinas são todas encadeadas, conforme indicado no fluxograma do curso (ANEXO E), e agrupadas em quatro núcleos distintos:

(1) Núcleo de Acesso ao Curso

Fundamentos do curso

Disciplina: Fundamentos do curso

Formação em Educação a Distância

Disciplina: Estratégias de ensino e aprendizagem a distância.

(2) Núcleo de Fundamentação

Formação em linguagem escrita

Disciplina: Leitura e produção de texto

Formação Psicopedagógica

Disciplina: A Psicologia e a construção do conhecimento

Formação em Educação

Disciplina: Teorias da Educação

Disciplina: Tecnologias contemporâneas na escola 1

Disciplina: Tecnologias contemporâneas na escola 2

³⁰ Informação obtida no site da UnB. Disponível em: <<https://www.ead.unb.br/quem-somos>>. Acesso em: 30/03/17.

Disciplina: Tecnologias Contemporâneas na escola 3
Formação em sociologia e antropologia da cultura
Disciplina: Antropologia cultural

(3) Núcleo de Aprofundamento e Formação Específica em Artes Visuais

Formação em Arte-educação

Disciplina: História da Arte-educação 1

Disciplina: História da Arte-educação 2

Disciplina: Estágio Supervisionado em Artes Visuais 1

Disciplina: Estágio Supervisionado em Artes Visuais 2

Disciplina: Estágio Supervisionado em Artes Visuais 3

Disciplina: Projeto Interdisciplinar Formação em Artes visuais

Disciplina: Atelier de Artes Visuais 1

Disciplina: Atelier de Artes Visuais 2

Disciplina: Atelier de Artes Visuais 3

Disciplina: Atelier de Artes Visuais 4

Disciplina: Atelier de produção Interdisciplinar

Disciplina: Laboratório de arte e tecnologia

Formação em Teoria e História da Arte

Disciplina: Teoria da Arte

Disciplina: Arte e cultura popular

Disciplina História das Artes Visuais 1

Disciplina: História das Artes Visuais 2

Disciplina: História das Artes Visuais no Brasil

Disciplina: Laboratório de poéticas contemporâneas

(4) Núcleo de Conclusão do Curso

Projeto de Conclusão do curso

Disciplina: Projeto Interdisciplinar de ensino e aprendizagem 1

Disciplina: Projeto Interdisciplinar de ensino e aprendizagem 2

Disciplina: Trabalho de conclusão do Curso

Disciplina: Seminário Presencial de Conclusão do Curso

Nas disciplinas da estrutura curricular do curso, podemos encontrar as disciplinas: *Trabalho de Conclusão de Curso* e *Seminário Presencial de Conclusão do Curso* no último semestre. A ementa da disciplina TCC se apresenta como: Monografia, envolvendo elaboração de projeto didático. A Interdisciplinaridade nos contextos escolares. Projeto de ensino e projeto de aprendizagem. Abordagens teórico-metodológicas aplicadas aos projetos interdisciplinares³¹. A ementa de Seminário de Conclusão de curso é: Seminário presencial de apresentação das monografias e encerramento do curso. O curso não oferece uma disciplina voltada para Cultura Visual.

2.3.3 Levantamento dos TCCs do IdA/UnB, Modalidade Presencial

O levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Universidade de Brasília ocorreu no período de agosto e novembro de 2016. A UnB possui um banco de dados de monografias. Foi acessado o site da Biblioteca Digital de Monografias (www.bdm.unb.br). No link *Artes Plásticas* foram encontradas duzentos e quarenta e uma monografias. É importante ressaltar, que este link não separa as monografias de bacharelado e de licenciatura. Portanto, acessei todas as monografias com data de publicação entre 2009³² e 2016³³ para separar apenas as de licenciatura. Foi um total de cento e catorze monografias de licenciatura.

Foi feita uma consulta do termo *cultura visual* no corpo do texto por meio da ferramenta de busca do atalho *Ctrl F* disponível no *Windows*. Destas monografias, quarenta e três aparecia o termo cultura visual.

³¹ Ementa da disciplina disponível em: <https://matriculaweb.unb.br/graduacao/disciplina.aspx?cod=193518>. Acesso em: 30/03/17.

³² Não havia data de publicação anterior a 2009. A data de publicação nem sempre se refere a data de apresentação da pesquisa. A pesquisa encontrada na data de publicação de 2009 foi apresentada em 2007.

³³ As publicações de 2016 se referiam, em sua maioria, aos trabalhos apresentados entre 2013 e 2015. Não foram consideradas as apresentações de 2016.

No Link *Educação Artística* havia 7 monografias. Dentre elas, uma monografia era da licenciatura em Artes Visuais. As outras 6 eram do curso em Artes Cênicas. Não foi encontrado o termo cultura visual nesta monografia.

Monografias encontradas no Link Artes Plásticas:

Tabela 3 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais da IdA/UnB, Modalidade Presencial.

ANO	TOTAL	CULTURA VISUAL	CRITÉRIOS UTILIZADOS
2007	1	-	-
2008	-	-	-
2009	1	-	-
2010	-	-	-
2011	22	4	2
2012	12	5	3
2013	42	17	7
2014	22	9	4
2015	14	8	4
Total geral	114	43	20

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Foram encontrados 114 TCCs da Licenciatura em Artes Visuais. Como a ferramenta de busca, amplia os critérios da pesquisa, foram encontrados 43 trabalhos com o termo cultura visual. Utilizando os critérios: título, sumário resumo e palavras-chave foram selecionados 20 TCCs. Dois trabalhos no ano de 2011, três no ano de 2012, sete no ano de 2013 e quatro nos anos de 2014 e 2015 cada.

2.3.4 Levantamento dos TCCs do IdA/EaD/UnB, Modalidade a Distância

O levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso da licenciatura em Artes Visuais da modalidade a distância da Universidade de Brasília ocorreu em novembro de 2016. Foi acessado o site da Biblioteca Digital de Monografias (www.bdm.unb.br) no link *Artes Visuais*. Foram encontradas duzentas e quarenta e uma monografias disponíveis³⁴. Destas, duzentas e trezes foram da Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância.

Foram encontradas mais seis monografias onde não consegui identificar se eram na modalidade a distancia ou presencial. Contudo, nenhuma destas seis monografias continham o termo cultura visual. Foi feita uma consulta do termo *cultura visual* no corpo do texto por meio da ferramenta de busca do atalho *Ctrl F* disponível no *Windows*. Destas monografias, sessenta e seis aparecia o termo cultura visual.

Monografias encontradas no Link Artes Visuais:

Tabela 4 – TCCs encontrados da Licenciatura em Artes Visuais do IdA/EaD/UnB, Modalidade a Distância.

ANO	TOTAL	CULTURA VISUAL	CRITÉRIOS UTILIZADOS
2011	68	23	3
2012	93	28	4
2013	39	10	4
2014	7	3	1
2015	6	2	-
Total geral	213	66	12

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

³⁴ Atualizado em 30 de novembro de 2016 no site www.bdm.unb.br.

Dos sessenta e seis TCCs encontrados com o termo cultura visual, doze atendiam aos critérios estabelecidos na pesquisa: capa/título com ano de produção, resumos, palavras-chave e sumário. Três trabalhos no ano de 2011, quatro trabalhos em 2012, quatro trabalhos em 2013 e um trabalho no ano de 2014.

No capítulo a seguir, apresento os quarenta e seis Trabalhos de Conclusão de Curso selecionados através de um breve resumo. Apresento também, os conceitos sobre a cultura visual destes trabalhos.

Os alunos/pesquisadores, autores desenvolvem conceitos sobre a cultura visual não só para melhor compreendê-la, mas para justificar ou apontar possibilidades do seu estudo.



Capítulo 3

3. UM OLHAR SOBRE OS TCCs da FAV/UFG e IdA/UnB

*Educar o olhar e os sentidos,
para aprender a ler imagens e
vivenciar os espaços criticamente.
Ver e pensar sobre o que acontece ao nosso redor.
Atravessar as aparências.
Precisamos aprender a ver, imaginar.
Ocupar de modo poético e inventivo o imaginário urbano.
Construir outras possibilidades por meio da imaginação.
Criar novas maneiras de pensar as cidades e agir em seus espaços.
Trazer o campo simbólico e imaginário para o real.
Precisamos criar lugares para o sonho.
Manifesto Poro³⁵*

O ato de pesquisar possui em si mesmo um caráter de curiosidade e de avaliação diante de uma situação estabelecida. Nos estudos que compõem o cenário desta pesquisa, o problema é a presença da cultura visual nos Trabalhos de Conclusão de Curso nas licenciaturas em artes visuais de duas universidades: FAV/UFG e IdA/UnB.

3.1 Os TCCs da FAV/UFG

3.1.1 A Licenciatura Presencial

Após fazer o levantamento dos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais presencial da FAV/UFG, oito monografias atendiam aos critérios selecionados: título, resumo, sumário e palavras-chave.

³⁵ Poro é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 realizando intervenções urbanas e ações efêmeras que procuram levantar questões sobre os problemas das cidades através de uma ocupação poética e crítica dos espaços. Manifesto disponível em: <<http://poro.redezero.org/publicacoes/manifesto/>> Acessado em: 10/10/2017.

TCC 1: COSTA, G.; AZEVEDO, R.; BORGES, R. *Educação e cultura visual: uma experiência com imagens de um “clipe” numa turma de alunos do 8º ano do CEPAE*. Ano: 2007. Orientação: MARTINS, R.

TCC 2: DUARTE, M. *Representações da mulher na arte e na mídia impressa: valores, conflitos e experiências com um grupo de estudantes do ensino médio*. Ano 2008. Orientação: BRAGA, M. M. M.

TCC 3: MENESES, H.; REOLON, S. *Memória social, educação e ensino da arte*. Ano 2010. Orientação: VELOSO, S.

TCC 4: SANTOS, M.; SOUZA, P. *Arte contemporânea e fotografia: uma reflexão acerca do cotidiano dos surdos*. Ano 2011. Orientação: MARTINS, A.

TCC 5: DOMICIANO, G.; FLEURY, K. *Comer com o olhar: sentidos de memória e subjetividade*. Ano 2011. Orientação: TOURINHO, I.

TCC 6: SILVA, H. *Ensino de artes visuais e contemporaneidade: aproximações a partir do cotidiano escolar*. Ano 2011. Orientação: SOARES, M.

TCC 7: RIQUELME, M.; LISBOA, P. *Visualidades do cotidiano: suas influências e transformações nas representações de alunos*. Ano 2011. Orientação: MARTINS, R.

TCC 8: RODRIGUES, A. G.; BORGES, B. T. S. *Imagens, representações sociais e influências do espaço de vivências do estudante em sua formação identitária*. Ano 2011. Orientação: VELOSO, S.

A seguir, apresento uma síntese das pesquisas desenvolvidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Esta síntese, parte dos critérios adotados para a seleção: título, resumo, palavras-chave e sumário e, também consta a consulta no *Lattes* dos alunos/pesquisadores e seus respectivos orientadores. A presença da cultura visual surge através dos seguintes trabalhos:

No TCC 1 (2007), *Educação e cultura visual: uma experiência com imagens de um “clipe” numa turma de alunos do 8º ano do CEPAE*, os autores fazem um breve levantamento sobre conceitos de cultura visual e imagens

publicitárias cujo alvo são adolescentes habituados a um universo repleto de imagens. Buscam fundamentar a pesquisa com alunos de uma turma do oitavo ano do ensino fundamental em dois momentos: o primeiro com base nas imagens de um clipe publicitário (Nike - “Women Body by Dance”) escolhido pelo grupo dos alunos/pesquisadores e no segundo momento a interpretação dos alunos a respeito dessas imagens e como elas contribuem para a formação de identidades. O primeiro capítulo intitulado de *Fundamentação Teórica* tem uma sessão sobre o conceito de cultura visual. No *Lattes* dos três autores/pesquisadores não foi encontrada publicação sobre a pesquisa. O trabalho foi orientado por um professor do programa de pós-graduação da instituição.

No TCC 2 (2008), *Representações da mulher na arte e na mídia impressa: valores, conflitos e experiências com um grupo de estudantes do ensino médio*, a autora propôs levantar aspectos da representação da mulher na mídia em contexto educativo. O trabalho é fundamentado nos estudos de gênero e da cultura visual. A pesquisa foi realizada com educandos de uma escola pública de Goiânia. Para abordar essas representações foram apresentadas imagens da mulher em propagandas da mídia impressa atual. A partir de uma ação pedagógica no ensino da Arte, a autora trabalhou essas imagens com objetivo de explorar uma abordagem mais participativa e questionadora sobre as representações favorecendo, assim a compreensão da cultura visual que elas representam. O trabalho aborda, no capítulo dois, o papel da cultura visual na educação. No *Lattes* da autora não aparece publicação do trabalho. A orientadora fez licenciatura em artes visuais e mestrado em cultura visual na instituição

No TCC 3 (2010), *Memória social, educação e ensino da arte*, as autoras realizaram o trabalho em formato de artigo. Tiveram como base os conceitos sobre memória social e suas implicações entre arte e educação. O trabalho visou estimular o aluno à percepção e representação de formas significativas de suas memórias mostrando que suas lembranças fazem parte da constituição de suas vidas e identidades. Para tanto, produziram artefatos

culturais: uma colcha de retalhos e cartões postais onde foram expressas suas memórias. A investigação segundo elas voltou-se para a pesquisa prático-teórica que teve como eixo metodológico a investigação etnográfica. O artigo abordou a importância da cultura visual ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana das pessoas. Apesar de não associar a cultura visual diretamente ao relato de experiência, o trabalho mostra indícios de vincular os estudos da cultura visual no processo metodológico. O trabalho não foi publicado segundo pesquisa do *Lattes* das autoras. A orientadora não faz parte do programa de pós-graduação da instituição.

No TCC 4 (2011), *Arte contemporânea e fotografia: uma reflexão acerca do cotidiano dos surdos*, as autoras investigaram como ensinar arte para o público surdo através da fotografia. Realizaram uma oficina, resultado da disciplina de *Estágio Supervisionado*, na Associação dos Surdos de Goiânia que abriga o Centro Especial Elycio Campos. No relato da experiência, a partir de imagens de artistas da atualidade, fizeram uma conexão entre cultura visual e zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky discutindo sobre fotografia documental/registo e artística. Os alunos vivenciaram a atividade a partir dos conceitos de corpo, identidade e cotidiano. O TCC não gerou artigo, mas podemos encontrá-lo na íntegra na internet em um site de compartilhamento de apresentações e documentos³⁶. A orientadora faz parte do programa de pós-graduação da instituição.

No TCC 5 (2011), *Comer com o olhar: sentidos de memória e subjetividade*, as autoras investigaram como alunos do curso técnico de Serviço de alimentação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e adultos – ProeJa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) constroem significados nas suas relações com a comida, situando a alimentação numa perspectiva cultural e artística. Elas foram guiadas pela perspectiva da educação da cultura visual para compreender a mútua relação

³⁶ Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/arte-contemporanea-e-fotografia-uma-reflexao-acerca-do-cotidiano-dos-surdos.html>>. Acesso em: 30/09/2016.

entre as imagens e os sujeitos que as olham. O TCC é um relato de experiência e a educação da cultura visual é trabalhada como aporte teórico e metodológico. A monografia gerou o artigo de mesmo título: *Comer com o olhar: sentidos de memória e subjetividade* publicado nos anais VI Seminário Nacional de Arte e Cultura Visual pela aluna/pesquisadora G. Domiciano. Em 2015 a mesma pesquisadora conclui o mestrado em Arte e Cultura Visual pela FAV/UFG com o tema: *Comer com os olhos: um diálogo possível entre visão e paladar*. Um desdobramento da sua pesquisa de graduação. Este trabalho teve como orientadora uma professora do programa de pós-graduação da instituição.

No TCC 6 (2011), *Ensino de artes visuais e contemporaneidade: aproximações a partir do cotidiano escolar*, a autora pretendeu pontuar algumas mudanças que o ensino de artes visuais passa, relacionando às mudanças de paradigmas nas ciências humanas, artes e educação em geral. Com alguns aportes teóricos sobre arte/educação e contemporaneidade propõe uma ação pedagógica na Escola Municipal João Braz em Goiânia. A ação foi planejada a partir da perspectiva dos estudos da cultura visual visando o desenvolvimento pelos estudantes de uma postura crítica sobre as imagens que se proliferam no nosso cotidiano. A cultura visual neste trabalho aparece como aporte teórico e metodológico. A monografia apresentada, consultando o *Lattes* da aluna/pesquisadora, não gerou um artigo. Em 2015, a autora concluiu o mestrado em Comunicação. Este trabalho foi orientado por um professor que não é do programa de pós-graduação da FAV/UFG.

No TCC 7 (2011), *Visualidades do cotidiano: suas influências e transformações nas representações de alunos*, os autores tiveram como tema central o estudo de como as imagens do cotidiano dos alunos interferem na construção de suas identidades e subjetividades. A pesquisa surgiu de questionamentos e indagações de como as imagens do cotidiano dialogam e influenciam na formação identitária dos alunos da oitava série da EAJA (Educação de Adolescente, Jovens e Adultos) da Escola Municipal Pedro Xavier Teixeira. Usaram como eixo norteador da pesquisa o que eles chamam

de aspectos/temáticos da cultura visual e segundo eles, pouco abordados na estrutura curricular de ensino. O trabalho foi um relato de experiência onde eles se colocam como *bricoleurs* aprendizes. O primeiro capítulo Visualidades na escola na perspectiva da cultura visual aborda a cultura visual para o ensino de artes na EAJA. A pesquisa não gerou artigos, segundo o *Lattes* dos dois autores. O trabalho foi orientado por um professor do programa de pós-graduação da instituição.

No TCC 8 (2011), *Imagens, representações sociais e influências do espaço de vivências do estudante em sua formação identitária*, as autoras realizaram o trabalho em formato de artigo. A pesquisa teve o objetivo de investigar os ambientes físicos e visuais de vivências dos estudantes e como estes exercem influência na construção da identidade por meio de imagens e ação educativa em artes visuais. Levantaram questionamentos de que maneira as vivências dos estudantes, no espaço de suas moradias, trajetos e espaço escolar poderiam ser incorporadas em sala de aula. Foi realizada uma pesquisa-ação desenvolvida no estágio através de desenhos, colagens, textos escritos e questionário analisados qualitativamente. Recorreram aos estudos da cultura visual para realizar trabalhos acerca dos espaços, de suas imagens, e de como são vivenciadas pelos estudantes no ensino de artes visuais. Contudo não aparece o que entendem por cultura visual no texto. O trabalho não foi publicado segundo consulta no *Lattes* do autor. A orientadora não faz parte do programa de pós-graduação da instituição.

3.1.2 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura Presencial

Figura 8 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial da FAV/UFG

Título	Ano	Cultura visual	Referências
<p>1.Educação e cultura visual: uma experiência com imagens de um “clipe” numa turma de alunos do 8º ano do CEPAE.</p>	<p>2007</p>	<p>A cultura visual cumpre a função de manufaturar as experiências dos seres humanos mediante a produção de significados visuais, sonoros, estéticos, etc (p. 14).</p> <p>Segundo Martins (apud OLIVEIRA; HERNÁNDEZ, 2005, p.35), “a cultura visual se configura como um campo amplo, múltiplo, em que se abordam espaços e maneiras como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura”.</p> <p>Para Hernández (2000), a importância primordial da cultura visual é analisar e buscar compreender os processos sobre como olhamos e como nos olhamos, contribuindo para a produção de mundos, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentaram pessoalmente e para que a experiência em relação aos objetos e fenômenos que constituem a realidade seja feita por meio de mediações que denominamos processos artísticos.</p>	<p>HERNANDEZ, F. <i>Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho</i>. São Paulo: Artmed, 2000.</p> <p>OLIVEIRA; HERNÁNDEZ. <i>A formação do professor e o ensino das artes visuais</i>. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.</p>

<p>2. Representações da mulher na arte e na mídia impressa: valores, conflitos e experiências com um grupo de estudantes do ensino médio.</p>	<p>2008</p>	<p>Na perspectiva da cultura visual, a mídia impressa, o cotidiano e a arte são referências que articulam sentidos e significados, motivando os sujeitos para questionamentos e revelando conflitos, capacidade de compreensão e transformação produzida por essas imagens (p. 17).</p> <p>Segundo Martins (2005, p. 135), <i>corpus</i> de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente dos Estudos Culturais, a cultura visual é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência do cotidiano.</p> <p>A cultura visual surge no final da década de 80, no meio de um debate entre diferentes áreas que se conectam. Como exemplo a história da arte, os estudos dos meios, os estudos cinematográficos, a linguística e a literatura. Segundo Hernández (2007, p. 30), “esta nova realidade, no que diz respeito às referências e aos campos de investigação nas ciências sociais em torno da visão e da visualidade, é um dos argumentos para revisar a fundamentação da educação das artes visuais”.</p>	<p>MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando. <i>A formação do professor e o ensino das artes visuais</i>. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005, p. 133-145.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Catadores da Cultura Visual: Transformando Fragmentos em Narrativa Educacional</i>. Porto Alegre: Mediação, 2007.</p>
<p>3. Memória social, educação e</p>	<p>2010</p>	<p>Na atualidade, a cultura visual tem papel importante por ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana das pessoas. (...) Ela</p>	<p>VELOSO, Sainy. <i>Entrecruzamentos para arte/educar: visualidades, memória e cultura visual</i>. Goiânia, p.7,</p>

ensino da arte.	<p>leva a uma compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e da representação visual, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula. (p.11)</p> <p>Muitos autores que escrevem sobre cultura visual colocam a abordagem da compreensão crítica na construção de uma história compartilhada, narrada. Contudo, a história será narrada por pessoas ou grupos, a partir de um determinado ponto de vista – lugar que ocupa na trama social, gênero, interesses, construção de poderes, entre outros. O que significa a construção de uma história impositiva, no sentido de fazer-se verdadeira. Para tanto, há de predominar sobre outras. O que não ocorre com a memória. Ao relembramos dos ensinamentos distintivos entre história e memória, de Pierre Nora, compreendemos que a memória pode ser revitalizada, no corpo, e constantemente (re) significada por meio de lembranças pessoais e coletivas, implicando uma dinâmica mais efetiva para acompanhar nossos tempos velozes. O que permite a reflexão e crítica sobre as imagens e até mesmo, no exercício de sua produção, saber quem sou dentro do contexto plural de quem somos (VELOSO, 2009, p. 7).</p>	<p>2009. Disponível em: http://www.cleabrasil.com.br. Acesso em: 05.04.2010.</p>
-----------------	---	---

<p>4.Arte contemporânea e fotografia: uma reflexão acerca do cotidiano dos surdos.</p>	<p>2011</p>	<p>Em seu livro <i>Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho</i>, Hernández nota que os alunos devem estabelecer relações com seu conhecimento básico para que possam realizar transferências que lhes possibilitem continuar aprendendo (p.22).</p> <p>Na cultura visual, é necessário pensar a aprendizagem como uma relação entre a construção da subjetividade individual e a construção social e política da compreensão (HERNANDEZ, 2005. p. 141).</p>	<p>HERNÁNDEZ, Fernando; OLIVEIRA, Marilda (Orgs.). <i>A formação do professor e o ensino das artes visuais</i>. Editora UFSM. Santa Maria. 2005.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho</i>. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Editora Artmed. Porto Alegre. 2000.</p>
<p>5. Comer com o olhar: sentidos de memória e subjetividade.</p>	<p>2011</p>	<p>Mais do que se tratar de meramente incluir imagens diversas, tanto de origem “artística” ou dos meios de comunicação, se apropriar da cultura visual para construir este trabalho significou tentar entender a mútua relação entre o que se vê e quem olha, ou seja, entre a experiência social do ver e a experiência de ser visto (p. 28).</p> <p>Além do interesse de pesquisa pela produção artística do passado, a cultura visual concentra atenção especial nos fenômenos visuais que estão acontecendo hoje, na utilização social, afetiva e político-ideológica das imagens e nas práticas culturais e educativas que emergem do uso dessas imagens. Ao adotar essa perspectiva, a cultura visual assume que a percepção é uma interpretação e, portanto,</p>	<p>TOURINHO, Irene. <i>A experiência do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escolar deve lidar com isso?</i> Ano XXI, Boletim 9, Agosto 2011. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf> Acesso em: outubro de 2011.</p>

		<p>uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crença, informação e experiência sociocultural. (TOURINHO, 2011, p. 5-6)</p>	
<p>6. Ensino de artes visuais e contemporaneidade: aproximações a partir do cotidiano escolar.</p>	2011	<p>Vejo a proposta da Cultura Visual no ensino de Artes como a forma mais abrangente e significativa de se trabalhar Artes Visuais na escola. Ao ampliar o repertório visual, trazendo imagens do cotidiano dos estudantes, enfatizando o desenvolvimento crítico, possibilita conexões com a vida, produzindo assim sentido (p. 23).</p> <p>Kerry Freedman (2003 <i>apud</i> SILVA, C., 2010, p.103) define o currículo enquanto forma de ação social e, por isso, deve promover a liberdade intelectual, imaginação criativa e responsabilidade social dos alunos. É nesse sentido que apresenta três tópicos de referência para o ensino da Cultura Visual: (1) contexto de produção; (2) contexto de exploração; (3) forma significativa.</p> <p>Silva (2010, p.74-75), com o intuito de clarificar o conceito, caracteriza em separado três dimensões da Cultura Visual: DIMENSÃO FENOMENOLÓGICA: refere-se à condição cultural contemporânea em que o predomínio dos registros visuais influencia a construção de</p>	<p>SILVA, Carolina Carvalho Palma da. <i>A Cultura Visual na Educação Artística: "Entre Sila e Caribdes"</i>. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Artística). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.</p>

	<p>novos saberes e novos modos de ser;</p> <p>DIMENSÃO SUBSTANCIAL: inclui imagens, objetos e lugares criados com fins estéticos, ideológicos ou práticos e que apelam ao sentido da visão de forma significativa;</p> <p>DIMENSÃO PEDAGÓGICA: reflete sobre a prática do ver e ser visto e é um campo interdisciplinar.</p> <p>Duncum (2009; 2002; 1997) defende que a escolha de referentes para o ensino da Cultura Visual deve ser baseada num princípio de proporção, ou seja, como a Arte Popular tem maior representatividade no cotidiano dos alunos esta deve ser uma escolha preferencial para os professores em relação aos referentes do mundo da Arte (SILVA, 2010, p.93).</p> <p>O ensino pautado nos Estudos da Cultura Visual não consiste apenas num conjunto de premissas que devem ser acrescentadas ao currículo do modelo vigente, mas sim numa mudança estruturante que reinterpreta conteúdos, estratégias e objetivos (SILVA, 2010, p.79).</p> <p>Arthur Efland (2005) aponta que a dificuldade da Cultura Visual é ser ampla e extensa. O que coloca aos professores um problema de seleção e avaliação do conteúdo. “Podemos</p>	
--	--	--

		considerar que Cultura Visual lança um duplo desafio aos professores, por um lado, pela dispersão em que os mergulha e, por outro lado, pelo domínio da teoria que os obriga” (SILVA, 2010, 104).	
7. Visualidades do cotidiano: suas influências e transformações nas representações de alunos	2011	<p>Um motivo que nos levou a escolher a cultura visual é a pouca presença desta abordagem na estrutura curricular de ensino (p. 14).</p> <p>O propósito da educação da cultura visual não é substituir conceitos, abordagens curriculares ou práticas do ensino de arte, mas inserir e incorporar no fazer artístico a discussão do lugar/espço das imagens – qualquer imagem ou artefato artístico – e seu potencial educativo na experiência humana (TOURINHO; MARTINS, 2011, p. 57).</p> <p>A cultura visual, diferente de outros campos de estudo, (...) aborda e discute a imagem a partir de outra perspectiva, considerando-a não apenas em termos do seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura (MARTINS, 2008, p. 30).</p>	<p>MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos. In: MARTINS (org.). Visualidades e educação. (Coleção Desenrêdos). Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 25-35.</p> <p>TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: _____. (orgs). <i>Educação da cultura visual: conceitos e contextos</i>, Santa Maria: Ed. UFSM, 2011, p. 51-68.</p>
8. Imagens, representações sociais e influências do	2011	A partir de um ensino voltado aos estudos da cultura visual, dos saberes providos das ruas, das casas e dos cotidianos, partilhamos experiências e percebemos que fazer e	FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). <i>Arte/Educação</i>

<p>espaço de vivências do estudante em sua formação identitária.</p>		<p>aprender arte se torna significativo tanto ao professor quanto aos alunos. (p. 23).</p> <p>Kerry Freedman (2005) expõe que as formas populares de cultura visual poderiam ser usadas para apresentar uma oportunidade dos estudantes trazerem suas realidades de fora para dentro da sala de aula. Assim, eles têm a possibilidade de ampliar o conhecimento e a imaginação por meio de produções da cultura visual e crítica. (p. 16).</p>	<p><i>contemporânea:</i> consonâncias internacionais. São Paulo: Editora Cortez, 2005.</p>
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.1.3 A Licenciatura a Distância

Os trabalhos selecionados da Licenciatura em Artes Visuais a distância da FAV/UFG, para a pesquisa, é apenas uma amostra dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Como explicitado no capítulo anterior, não foram pesquisados todos os trabalhos apresentados na conclusão dos três programas da FAV/EaD/UFG. Os trabalhos selecionados foram:

TCC 1: BORGES, A. C.; MENDONÇA, J. D. F.; MENDONÇA, S. M. O. *Trajeto UFG-FAV-EAD: transformações na arte e na vida*. Firminópolis, 2012. Orientação: PAVAN, V.

TCC 2: MATA, M. V. N.; CERQUEIRA, M. B. *Lições intermitentes da trajetória do arte educador na UFG/FAV/EAD*. Firminópolis, 2013. Orientação: FORTE, M.

TCC 3: NUNES, E. L. O.; MORAIS, N. R. A. *Descobertas de educadoras através do ensino e aprendizagem das artes visuais e da cultura visual*. Firminópolis, 2013. Orientação: MENDES, K.

TCC 4: OLIVEIRA, M. A. D. D.; FARIA, R. S. *Docência em arte-educação: memórias e trajetórias*. Ceres, 2013. Orientação: MARQUES, V.

TCC 5: MOURA, M. O. S.; DIAS, T. S. L. *Construção de uma identidade em licenciatura em artes visuais na modalidade à distância*. Goiânia, 2013. Orientação: UCKER, L.

TCC 6: FARIA, C. S.; PEREIRA, E. M.; ALVIM, W. P. *Ver-sentir-fazer: tecendo aproximações entre arte e cultura visual e significados no ensino de arte*. Ceres, 2013. Orientação: ELER, R.

A seguir, apresento uma síntese das pesquisas desenvolvidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, modalidade a distância. Esta síntese, parte dos critérios adotados para a seleção: título, resumo, palavras-chave e sumário. Consta também, a consulta no *Lattes* dos alunos/pesquisadores

e seus respectivos orientadores. A presença da cultura visual surge através dos seguintes trabalhos:

O TCC 1 (2012), *Trajetos UFG-FAV-EAD: transformações na arte e na vida* foi escrito em forma de artigo pelas autoras. Foi construído a partir das imagens que representavam a trajetória de cada uma. A partir de uma atividade criada no AVA, as autoras narraram suas trajetórias durante o curso a partir de uma imagem escolhida. Tem um capítulo intitulado: Imagens como ferramenta de alfabetização da cultura visual. Só foi encontrado o *Lattes* de uma das autoras. Mas não constava a atualização da licenciatura em artes visuais nem produção na área. A orientadora tem mestrado em arte e moda e atua na área de arte e educação.

O TCC 2 (2013), *Lições intermitentes da trajetória do arte educador na UFG/FAV/EAD* foi escrito em forma de artigo pelas autoras. O artigo foi escrito a partir das narrativas reflexivas construídas nos quatro anos de curso das autoras. Relata as trajetórias disciplinares, exposições visitadas durante o curso e a *performance* artística *Imergência Íntima* elaborada e executada pelas autoras. Tem um capítulo sobre a cultura visual na sala de aula. No *Lattes* das autoras não consta produção desenvolvida a partir da pesquisa. O orientador fez mestrado em cultura visual.

O TCC 3 (2013), *Descobertas de educadoras através do ensino e aprendizagem das artes visuais e da cultura visual* foi escrito em forma de artigo pelas autoras. O artigo relatou as descobertas através do ensino e aprendizagem das artes visuais e da cultura visual. Descreveu as trajetórias das autoras e uma proposta poética realizada e executada no curso. A cultura visual está no título, resumo e palavras-chave. Não foi encontrado o *Lattes* das autoras. A orientadora é professora da FAV/EaD e tem doutorado em Ed. Artística y Aprendizaje de las Artes Visuales.

O TCC 4 (2013), *Docência em arte-educação: memórias e trajetórias* foi escrito em forma de artigo pelas autoras. Relatou as reflexões sobre as experiências e trajetórias vivenciadas durante o curso. Relataram suas memórias com o objetivo de desconstruir conceitos pré-formados a fim de reconstruir uma nova prática docente valendo-se da narrativa como processo emancipador.

Possui um capítulo intitulado: docência em artes visuais: arte, docência, feminino e cultura visual. Não foi encontrado o *Lattes* das autoras. O orientador é formado em Ciências Sociais e tem mestrado e doutorado em Cultura Visual.

O TCC 5 (2013), *Construção de uma identidade em licenciatura em artes visuais na modalidade a distância* foi escrito em forma de artigo pelas autoras. O texto apresentou suas trajetórias durante o curso e a busca de identidade como arte educadoras. As autoras relatam a importância do curso para a formação acadêmica, as imagens que as representaram durante essa trajetória e a produção poética, a partir de autorretratos, realizada durante o curso. O termo cultura visual foi encontrado apenas no resumo. Não foi encontrado o *Lattes* das autoras. A orientadora é professora da FAV/EaD, tem mestrado em cultura visual e mestrado e doutorado em arte y educacion.

O TCC 6 (2013), *Ver-sentir-fazer: tecendo aproximações entre arte e cultura visual e significados no ensino de arte* foi escrito em forma de artigo pelas autoras. O texto, dividido em duas partes, trata primeiro das experiências pedagógicas desenvolvidas no decorrer do curso, em especial, nas disciplinas Pesquisa em ensino de Arte e; do processo de construção da instalação *Travessias* realizada pelas autoras. O termo cultura visual aparece no resumo. Não foi encontrado o *Lattes* de uma das autoras. No *Lattes* das outras autoras não consta a atualização da Licenciatura em Artes Visuais nem produção na área. A orientadora é professora da FAV/EaD, tem mestrado em Cultura visual e doutorado em arte digital.

3.1.4 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura a distância

Figura 9 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância da FAV/EaD.

Título	Ano	Cultura visual	Referências
1. Trajeto UFG-FAV-EAD: transformações na arte e na vida.	2012	<p>Consta no sumário, um capítulo intitulado: Imagens como ferramenta de alfabetização da cultura visual, mas não foi encontrado o que entendem por cultura visual.</p> <p>As autoras fazem indagações como:</p> <p>O que é preciso analisar nas imagens? O que essa imagem traz em si de cultura visual? O que vejo de mim nessa imagem? Qual a importância dessa imagem para a construção de minha identidade? Quando e como devemos usar a mediação do processo ensino-aprendizagem? (p.10-11)</p> <p>Outro ponto relevante é entender que o campo das imagens e da cultura visual abrem leques para sugestões de atividades e projetos (p. 12).</p>	Não foram encontradas referências que conceituem a cultura visual.
2. Lições intermitentes da trajetória do arte educador na UFG/FAV/EAD.	2013	E nesse contato com a cultura visual ampliaram-se as oportunidades de explorar o conteúdo visual em que estamos inseridos para então termos o embasamento necessário para questionar o fluxo de imagens com os quais temos cotidianamente através dos meios mediáticos (p. 20).	EFLAND, A. Educación artística y cognición. Barcelona: Octaedro, 2004.

		<p>O ambiente escolar, através da cultura visual, tem o poder de transformar a sala de aula em um espaço de reflexão onde todos nós aprendemos. (...) As imagens são recursos que refletem as ações humanas e vice-versa e por assim lançar mão da cultura visual, pode ser um dos espaços ideais para essa reflexão, além de fomentar debates que irão culminar na formação de opiniões e ainda auxiliar na produção de novos trabalhos (p. 22).</p> <p>A cultura visual entrou nessa trajetória, simbolizando mais uma oportunidade de compreensão crítica dos objetos, através da arte. Ela “suscita uma compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e da representação visual, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula” (EFLAND, 2004, p. 229).</p>	
3.Descobertas de educadoras através do ensino e aprendizagem das artes visuais e da cultura visual.	2013	Nos dias atuais considerar a cultura visual presente em nosso cotidiano permite uma leitura crítica das mensagens transmitidas. A imagem está presente em tudo articulando informação, conhecimento e comunicação. A cultura visual, além de ocupar uma parte considerável do cotidiano de professores e alunos, rompe com a experiência estática da apreciação e “suscita uma compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e da representação visual, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula” (EFLAND, 2004, p. 229).	Não consta MARTINS, 2007 nas referências. EFLAND, A. Educación artística y cognición. Barcelona: Octaedro, 2004.

		Essas imagens advindas da cultura visual são tratadas segundo Martins (2007) não apenas pelo valor estético que elas têm, mas principalmente buscando compreender o papel social da imagem na vida cultural.	
4.Docência em arte- educação: memórias e trajetórias.	2013	<p>O importante de um trabalho de compreensão crítica da cultura visual não está no que pensamos das representações e sim do que através delas pensamos sobre nós (p. 13).</p> <p>Não há uma metodologia especial para tratar as questões da cultura visual. As abordagens são híbridas, diversificadas, ecléticas, podendo utilizar elementos práticos e empíricos, bem como perspectivas teóricas e criativas. Isso porque são várias as implicações decorrentes dessas mudanças culturais que estamos experimentando; chama atenção, especialmente, a liberdade com que essas visualidades misturam materiais, processos de criação, referenciais visuais, conhecimentos, formas de representação e de mediação, conectando e miscigenando culturas, pessoas, práticas de aprender e de ensinar, além de alterar/apagar fronteiras entre áreas de conhecimento anteriormente bem definidas. (TOURINHO, 2011, p. 13)</p>	TOURINHO, I. As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? <i>Salto para o futuro</i> , v. 21, n. 09, 2011.
5.Construção de uma identidade em	2013	Não foi encontrado o que entendem por cultura visual.	Não foram encontradas referências que

licenciatura em artes visuais na modalidade à distância.		<p>Trecho do resumo:</p> <p>Passamos por várias disciplinas dentro do curso que nos revelavam, a cada encontro presencial, a necessidade da busca por novos conhecimentos e metodologias na área do ensino de artes e da cultura visual. Busca essa que se faz necessária para a construção da identidade subjetiva como arte educadoras críticas e comprometidas com o ensino de artes nas nossas escolas.</p>	conceituem a cultura visual.
6.Ver-sentir-fazer: tecendo aproximações entre arte e cultura visual e significados no ensino de arte.	2013	<p>As questões sobre a imagem, conforme Tourinho (2009, p.9) são características da cultura visual, do “ver e ser visto e das experiências do ver e ser visto na contemporaneidade”, do papel do professor como agente de transformação social e da relevante importância das tecnologias de comunicação e informação na prática pedagógica (p. 9).</p> <p>As imagens não são só um atributo. A nossa relação com a imagem, ou dos alunos com a imagem, é uma relação dialógica, de interação. Eu olho a imagem e acontece uma espécie de comunicação. A imagem diz coisas, ela me arrepia, ela me irrita. Ou, então, ela me seduz, ou ainda, ela me toca de uma maneira que eu não sei verbalizar. A cultura visual considera muito essa relação de mão dupla, do ver e do ser visto (MARTINS, 2011, p.3).</p> <p>[...] as imagens são mediadoras de valores culturais</p>	<p>HERNANDEZ, F. <i>Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho</i>. São Paulo: Artmed, 2000.</p> <p>MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.). <i>Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos</i>. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.</p>

		e contêm metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2000, p. 133).	
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.2 Os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais do IdA/UnB

A quantidade maior de TCCs do IdA/UnB, cento e catorze, tem uma particularidade em relação aos TCCs da FAV/UFG: eles são produzidos individualmente. O que já aumenta o número de trabalhos apresentados. Outro fator importante é a existência de um repositório de monografias digitais, onde se pode ter um controle de recebimento e armazenamento destes trabalhos. O uso da ferramenta de busca foi um fator facilitador neste universo. Foi importante usar essa ferramenta para se ter um panorama maior das referências da cultura visual nos trabalhos. Com o uso da ferramenta, foi possível visualizar o termo cultura visual, além dos critérios adotados para essa pesquisa.

3.2.1 A Licenciatura Presencial

Do total de cento e catorze trabalhos, quarenta e três deles citavam a cultura visual ou apareciam nas referências. Por isso, só entraram nesta pesquisa os trabalhos que a cultura visual aparece no título, resumo, palavras-chave e sumário. Ficando assim, com os mesmos critérios adotados nos trabalhos selecionados da FAV/UFG. Desta forma, foram selecionados vinte TCCs:

TCC 1: MENEZES, D. M. G. *O desafio das imagens: a inserção do jogo no ensino das artes*. 2011. Orientação: HARGREAVES, L. M.

TCC 2: MACHADO, M. C. *Um olhar sobre a arte contemporânea na 29ª Bienal de São Paulo através da educação em cultura visual*. 2011. Orientação: FERREIRA, L. C. P.

TCC 3: SPINOLA, J. M. *Práticas pedagógicas e as diferenças: educação da cultura visual e Teoria Queer*. 2012. Orientação: DIAS, B.

TCC 4: FERREIRA, G. T. *Educação das artes visuais em páginas singulares: uma proposição metodológica com o livro de artista*. 2012. Orientação: CASTRO, R. A. C.

TCC 5: OLIVEIRA, A. L. *Cultura visual como colaboradora no ensino de artes*. 2012. Orientação: BARROSO, A. B. P. C.

TCC 6: FIGUEIREDO, M. G. *A imagem, o ensino e o currículo: um estudo sobre o currículo da rede pública do Distrito Federal para o Ensino Fundamental – anos finais, pela perspectiva da cultura visual*. 2013. Orientação: PERES, M. B. B. V.

TCC 7: PEREIRA, W. S. *O encantamento do olhar: a cultura visual no olhar cotidiano*. 2013. Orientação: FERREIRA, L. C. P.

TCC 8: SOUSA, J. R. *Cultura visual e protagonistas negras: representações visuais das mulheres negras na primeira pessoa do plural*. 2013. Orientação: SILVA, N. F. I.

TCC 9: ROSA, S. M. *Mediações em cultura popular na sociedade da imagem: um tempo vivo e presente*. 2013. Orientação: SILVA, N. F. I.

TCC 10: ALMEIDA, M. N. B. *Artes visuais: a sua importância na formação do conhecimento*. 2013. Orientação: BARRETO, C. C.

TCC 11: KUDO, S. F. *Redes da arte/educação: a educação pela cultura visual*. 2013. Orientação: NAVA, R.

TCC 12: FREIRE, G. S. *Cartografia da/na arte: mapas como ferramentas de culturas visual e migrante*. 2013. Orientação: PAGOTTO, M. B.

TCC 13: RAULINO, L. M. *Dualidade entre mundo informatizado e escola tradicional*. 2014. Orientação: MARI, M.

TCC 14: BATISTA, C. P. *História em quadrinho e seu potencial como objeto de ensino e aprendizagem*. 2014. Orientação: FERNÁNDEZ MÉNDEZ, M. R. T.

TCC15: MAIA JÚNIOR, J. T. *Ray Ban metodológico: uma visão sobre experiências metodológicas de ensino e aprendizagem de Artes Visuais no Brasil*. 2014. Orientação: FERNÁNDEZ MÉNDEZ, M. R. T.

TCC 16: VILARINS, A. L. R. *Se não for pra causar nem saio de casa: Drag Queen como potência pedagógica*. Ano 2014. Orientação: DIAS, B.

TCC 17: SKEFF, N. *Estratégias de mediação na exposição Leonardo da Vinci e a natureza da invenção*. 2015. Orientação: SILVA, C. V. H.

TCC 18: PAIVA, B. M. *Leitura de imagem e o ensino das artes no Brasil*. 2015. Orientação: FERNÁNDEZ MÉNDEZ, M. R. T.

TCC 19: AMORIM, M. S. *A xilogravura na literatura de cordel: apontamentos teóricos visando a dialogicidade*. 2015. Orientação: INOCÊNCIO, N. F.

TCC 20: FELIX, A. B. *Subjetividade: um olhar para o ensino das artes visuais*. 2015. Orientação: FERREIRA, L. C. P.

A seguir, apresento uma síntese das pesquisas desenvolvidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Esta síntese, também parte dos critérios adotados para a seleção: título, resumo, palavras-chave e sumário. Foram feitas consultas no *Lattes* dos alunos/pesquisadores e seus respectivos orientadores. A presença da cultura visual surge através dos seguintes trabalhos:

O TCC 1 (2011), *O desafio das imagens: a inserção do jogo no ensino das artes* foi desenvolvido, segundo a autora, com o propósito de tornar o ensino da arte mais próximo à vida do aluno, para despertar maior interesse. Essa tentativa de aproximação do conteúdo, proposto à experiência dos alunos, teve como base o ato de brincar, a dinâmica do jogo, os princípios que envolvem as atividades lúdicas. Para isso foi desenvolvido um jogo de tabuleiro, de perguntas e respostas que estimula os educandos questionando-os sobre a leitura e interpretação de imagens. O trabalho tem um capítulo chamado *Os fundamentos da linguagem visual e a inserção da cultura visual no ensino das artes*. Porém não traz o conceito de cultura visual. Apenas remete que a sua inserção fará com que tenha uma melhor compreensão do cenário que o cerca. Não foi encontrado *Lattes* da autora. A orientadora faz parte do programa de pós-graduação da UnB.

O TCC 2 (2011), *Um olhar sobre a arte contemporânea na 29ª Bienal de São Paulo através da educação em cultura visual*, teve como objetivo relatar as experiências e o gosto artísticos dos estudantes do Centro de Ensino Médio Paulo Freire e analisar a compreensão destes alunos em relação à arte contemporânea com base em um kit educativo da 29ª Bienal Internacional de São Paulo ocorrido em 2010. A autora buscou com base nas suas experiências, pontos fundamentais

que ajudasse na criação de aulas de artes com foco crítico em arte contemporânea. O trabalho tem um capítulo: *A cultura visual e o significado da imagem* onde traz o conceito da cultura visual para fundamentar e justificar o trabalho. No *Lattes* da autora não aparece produção e/ou apresentação do trabalho desenvolvido. O orientador faz doutorado em Arte e Cultura Visual na FAV/UFG.

O TCC 3 (2012), *Práticas pedagógicas e as diferenças: educação da cultura visual e Teoria Queer*, apresentou uma revisão de alguns estudos referentes à arte/educação e investiga, de modo superficial, uma nova pedagogia visual que, ao criar novas metodologias e abordagens sobre as visualidades em que vivemos, busca a superação de uma arte/educação tradicionalista para alcançar uma educação crítica e social. Por meio dessa revisão, a autora teceu alguns apontamentos sobre como as imagens cotidianas são permeadas por estruturas de poder e que, por isso, não podem ser negligenciadas na formação dos estudantes. Apresentou uma análise crítica de alguns programas e ações governamentais criados pelo Ministério da Educação – MEC para a promoção de uma educação em gênero e sexualidade não discriminatória no espaço escolar. A análise crítica desse material do MEC pretendeu apontar lacunas e destacar aspectos positivos para a arte/educação, apontando possíveis metodologias, abertas e não normativas. Apontou a educação em cultura visual como um meio de tornar o ensino das artes mais igualitário e atrativo para alunos, por propiciar contato com os seus interesses e vivências cotidianos. Possui um capítulo intitulado *A necessidade da cultura visual na educação contemporânea* onde justifica o embasamento teórico e outro intitulado *Entrelaçando educação da cultura visual e teoria queer*. No *Lattes* da autora não aparece produção e/ou apresentação do trabalho desenvolvido. O orientador faz parte do programa de pós da instituição.

O TCC 4 (2012), *Educação das artes visuais em páginas singulares: uma proposição metodológica com o livro de artista*, foi concebido a partir de reflexões teóricas, criações artísticas e experimentos pedagógicos sobre o livro de artista. Essas experiências foram e são direcionadas para o ensino das artes visuais na educação básica. Na perspectiva de vincular prática e teoria, a autora pesquisa

sobre o livro de artista e de que modo pode vinculá-lo à prática docente em artes visuais. Tem uma seção intitulada *Mas afinal, o que é cultura visual?* dentro do capítulo *Texto e imagem: visualidades na educação das artes visuais*. A definição sobre cultura visual é abordada em seu sentido crítico relacionada à visualidade e a imagem na contemporaneidade. Não foi encontrado o *Lattes* da autora. A orientadora está fazendo doutorado no Instituto de Psicologia da UnB e pesquisa formação de professores.

O TCC 5 (2012), *Cultura visual como colaboradora no ensino de artes*, propôs que a cultura visual, a arte-educação deveria experimentar não somente um modelo, mas várias possibilidades metodológicas ao desempenhar seu papel de criar condições favoráveis para a educação crítica. Para a autora, a arte como produto cultural integra a história do ser humano, mediando e refletindo na sua materialidade e conceitos as múltiplas realidades existentes nos âmbitos de ordem emocional, intelectual, espiritual, bem como social. Para ela, o ensino de artes mantém muitas vezes um padrão metodológico imóvel, estável e ineficaz em abarcar a diversidade, não só a trazida pelo alunado, mas também a diversidade que compõe a História da Arte. Tem um capítulo sobre *Arte-educação e cultura visual* e um subtítulo *Cultura Visual como Colaboradora no Ensino de Artes* para fundamentar a pesquisa. No *Lattes* da autora não foi encontrada publicação da pesquisa. A orientadora fez parte do programa de pós-graduação da instituição.

O TCC 6 (2013), *A imagem, o ensino e o currículo: um estudo sobre o currículo da rede pública do Distrito Federal para o Ensino Fundamental – anos finais, pela perspectiva da cultura visual*, propôs um estudo do currículo para o Ensino Fundamental dos anos finais, que compreende do 6º aos 9º anos. Relata que encontrou desafios ao perceber a falta de conexão entre as ideias para o desenvolvimento dos estudantes de Ensino Fundamental e o currículo resultante de artes visuais. A autora relatou que na reta final do curso, procurou se aprofundar nos estudos da cultura visual, traçando um histórico a respeito desse campo de estudo. Partiu das problematizações da cultura visual, da arte/educação, questionando o ensino atual, buscando ampliá-lo e pretendendo tomar o espaço das aulas para explorar seu grande potencial em fazer diferença no desenvolvimento de estudantes. Tem um capítulo intitulado *Imagem e a cultura*

visual: um breve histórico (ou “vamos por partes”) para fundamentar a pesquisa. No Lattes da autora não foi encontrada publicação sobre a pesquisa. Não foi encontrado o *Lattes* da orientadora.

O TCC 7 (2013), *O encantamento do olhar: a cultura visual no olhar cotidiano*, teve como objetivo analisar possibilidades de conectar as práticas pedagógicas ao cotidiano do aluno, a partir da sua visão de mundo, favorecendo novas alternativas para se estudar a imagem como mediadora de conhecimento. Levantou a importância da vivência nos circuitos de galerias de arte, especificamente na área de mediação, porque acredita que torna possível a compreensão de uma diferente abordagem na regência escolar, e a reflexão sobre o aprimoramento de narrativas de práticas tradicionais no ensino. Relatou a oportunidade de entrar na docência mesmo antes de finalizar a licenciatura, as dificuldades e descobertas dessa experiência empírica e por fim, a experiência de uma atividade realizada com os alunos em sala de aula. Teve um capítulo sobre *cultura visual na sala de aula* para fundamentar o trabalho. No *Lattes* do autor não foi encontrada publicação sobre o trabalho. O orientador fez doutorado em Arte e Cultura Visual na FAV/UFG.

O TCC 8 (2013), *Cultura visual e protagonistas negras: representações visuais das mulheres negras na primeira pessoa do plural*, foi um estudo sobre representações visuais de mulheres negras elaborado a partir dos efeitos produzidos pela cultura visual hegemônica no Brasil. O objetivo foi o de analisar a construção dos discursos, a produção de sentidos e a criação dos estereótipos presentes nos modos mais recorrentes de olhar o referido segmento. Avaliou os efeitos dessas práticas na formação identitária das mulheres negras, e na construção do imaginário social e cultural da sociedade brasileira. Tem um capítulo dedicado a *Mulheres negras: cultura visual e educação* para fundamentar a pesquisa. A aluna/pesquisadora publicou artigo com a mesma temática *Produção artística de mulheres negras na formação da arte contemporânea brasileira e as produções das artistas plásticas Rosana Paulino e Yêda Maria* no II Seminário Enlaçando Sexualidades. No *Lattes* do orientador ele informa que atua na área dos estudos da cultura visual.

O TCC 9 (2013), *Mediações em cultura popular na sociedade da imagem: um tempo vivo e presente*, teve o intuito de propor uma educação mais voltada para o cotidiano dos educandos e para caminhar cada vez mais próximo dos documentos oficiais do Estado. O estudo pretendeu se aprofundar nos recortes feitos com a finalidade de desenvolver o respeito e tolerância à diversidade cultural. O trabalho se debruçou sobre a questão da cultura, em especial da cultura popular. Procurou pensar as condições de continuidade das tradições populares no contexto das sociedades urbanas contemporâneas, privilegiando nesta análise a experiência gaúcha. Os desdobramentos desse processo, a exemplo dos Centros de Tradições Gaúchas e o papel que estes desempenharam no que tange à educação não formal foi o foco da pesquisa. A monografia abrangeu ainda as peculiaridades geradas a partir dos processos migratórios de sul-rio-grandenses com enfoque no Distrito Federal e as questões alusivas à afirmação de identidade nesse contexto. Deu ênfase às representações visuais da identidade gaúcha, recorrendo às contribuições fornecidas pelos Estudos da Cultura Visual, como aporte teórico, apresentada no capítulo *Cultura visual*. Não foi encontrado *Lattes* da autora. No *Lattes* do orientador, ele informa que atua na área dos estudos da cultura visual.

O TCC 10 (2013), *Artes visuais: a sua importância na formação do conhecimento*, analisou os métodos de ensino de artes na atualidade e do papel da escola e do educador no processo de formação do conhecimento do aluno. Afirmou que o currículo escolar é tido como fundamental para o sucesso do método de ensino inclusivo e que escolas e educadores devem ter mecanismos de trabalho que permitam que suas atividades se aproximem da realidade vivenciada pelos alunos. Coloca a cultura visual como uma nova perspectiva na educação das artes visuais possibilitando a implementação de projetos escolares nos quais os alunos encontrem na escola um lugar para aprender de forma eficiente e articulada com as próprias experiências de vida. A cultura visual neste trabalho consta no resumo, palavras-chave e aparece como uma relação entre as artes visuais e a educação. No *Lattes* da autora não aparece produção sobre o trabalho desenvolvido. A orientadora fez graduação e mestrado em Arte pela UnB.

O TCC 11 (2013), *Redes da arte/educação: a educação pela cultura visual* teve por objetivo refletir sobre a aplicabilidade da educação pela cultura visual. Por meio de oficinas de projetos como o Arte/Fatos da Universidade de Brasília e Projeto SOMA da Villa-Lobos Produções foram desenvolvidos trabalhos com objetivo de provocar no educando reflexões sobre as imagens recorrentes ligadas às temáticas cotidianas, tais como identidade e gênero. Um espaço foi aberto para possível troca de informação entre áreas de conhecimento, criando territórios e conexões em rede. No *Lattes* do autor não aparece produção sobre o trabalho desenvolvido. A orientadora foi aluna da graduação e do mestrado da UnB.

O TCC 12 (2013), *Cartografia da/na arte: mapas como ferramentas de culturas visual e migrante* fez uma análise sobre a história da cartografia e sua relação com arte e apresentou uma proposta prática de utilização de mapas no ensino de arte. Propôs ensinar arte a partir do uso de imagens da cultura visual, trazendo elementos da cultura de massa para criar relações entre o cotidiano dos alunos e o contexto a ser estudado. No *Lattes* do autor não tem produção sobre o trabalho desenvolvido. A orientadora tem mestrado em Teoria da Arte e pesquisa arte/educação.

O TCC 13 (2014), *Dualidade entre mundo informatizado e escola tradicional*, apresentou reflexões acerca da dualidade entre mundo informatizado e escola tradicional com base nos preceitos da cultura visual realizada no curso de artes plásticas com habilitação em licenciatura da Universidade de Brasília (UnB). Tendo como ponto de partida a prática docente da autora durante um estágio e suas problemáticas, faz uma retrospectiva histórica sobre o ensino das artes no Brasil e Europa e contextualiza os estudos da cultura visual realizando uma conexão com o uso das tecnologias digitais no processo educativo. Sugere a utilização de objetos de aprendizagem como uma maneira alternativa de amenizar essa problemática. Não foi encontrado o *Lattes* da autora. O orientador tem doutorado em Filosofia e atua na área de História, Teoria e Crítica de Arte.

No TCC 14 (2014), *História em quadrinho e seu potencial como objeto de ensino e aprendizagem*, o autor investigou a utilização das histórias em quadrinhos (HQs) como objeto de ensino e aprendizagem. Tratou de conceitos

como aprendizagem significativa, arte sequencial e narrativa. Essa pesquisa teve como principal objetivo evidenciar a importância da utilização dessas HQs dentro do ambiente escolar, a partir de estudos, de observações realizadas durante os estágios, além de suas próprias experiências, adquiridas antes e durante o curso de artes plásticas. Não foi encontrado o Lattes do autor. A orientadora faz parte do programa da instituição e atua na área de pedagogias culturais.

O TCC 15 (2014), *Ray Ban metodológico: uma visão sobre experiências metodológicas de ensino e aprendizagem de Artes Visuais no Brasil* abordou diferentes teorias de correntes sociais e culturais que influenciaram a educação brasileira, e conseqüentemente o ensino de Arte. Cria uma metáfora com os óculos para permear sua escrita. Para ele, os óculos de grau são colocados para enxergarmos o passado e o presente. Analisa três abordagens metodológicas, a proposta triangular, os projetos de trabalho e a educação em cultura visual. Com o auxílio de óculos de sol, que nos ajudam a enxergar mais facilmente o ambiente, apresenta as experiências de ensino e aprendizagem utilizadas para analisar elementos das abordagens metodológicas, bem como a metodologia utilizada na escolha e na análise. São relatadas suas experiências pessoais de Estágio Supervisionado, dois projetos que possuem elementos da proposta triangular, dois projetos com elementos característicos dos projetos de trabalho, e um último projeto com elementos da educação em cultura visual. Analisou os elementos observados que caracterizam cada abordagem e sua identificação, com a ajuda de lentes de contato, em cada experiência. Para uma análise comparativa, procurou observar em cada experiência critérios como as relações de poder entre professores e alunos, as relações com os objetos de arte, e os resultados obtidos ao final do período. No Lattes do autor não aparece publicação do trabalho. A orientadora faz parte do programa de pós-graduação da instituição e atua na área de pedagogias culturais.

O TCC 16 (2014), *Se não for pra causar nem saio de casa: Drag Queen como potência pedagógica*, explorou as possibilidades pedagógicas dentro da performance Drag Queen, através da análise discursiva de um vídeo que se tornou viral em redes sociais, entre o período de março e julho de 2014, que tratava de uma performance Drag executada em uma instituição de ensino básico.

Motivado pela comunhão de sua vivência Drag Queen aos estudos de gênero e sexualidade já realizados em sua trajetória acadêmica, o autor buscou trazer a problemática heteronormativa, assim como a abordagem de representações transviadas, para o âmbito da educação em cultura visual. Neste projeto, construiu leituras críticas de elementos que edificam uma personagem Drag Queen, assim como a repercussão do vídeo em meio às redes, através de uma perspectiva fundamentada nos estudos da Teoria Queer. Realizou a fundamentação teórica de princípios relevantes a esta investigação, como a questão performativa dos gêneros e o processo de desidentificação dos sujeitos queers. Realizou a abordagem descritiva do vídeo, discriminando as características pertinentes à performance subversiva de gênero para, gradativamente, flexioná-los à análise dos discursos. O projeto foi composto pela construção e recomendação de possibilidades didáticas de inclusão da questão de gênero, assim como as representações não normativas, dentre os currículos da arte-educação. Como outras temáticas que buscam explorar a pedagogia como um fértil campo de transformações, esta abordagem temática da expressão Drag Queen, assim como outras representações subversivas, buscou revelar a emergência de reflexão a respeito das estruturas metodológicas em atual vigência, para a construção e consolidação de novas narrativas educacionais. No *Lattes* do autor não aparece publicação do trabalho. O orientador faz parte do programa de pós da instituição e atua na área da cultura visual.

O TCC 17 (2015), *Estratégias de mediação na exposição Leonardo da Vinci e a natureza da invenção*, o autor se debruçou sobre as artes visuais e a mediação cultural, atrelado à atuação da Arte/Educação em um espaço não escolar ao longo de uma exposição. Ele apresentou uma pesquisa teórica e o relato de uma prática em mediação, com o uso de recursos pedagógicos em grupos focais para refletir sobre abordagens interdisciplinares na educação não formal. Investigou acerca das potencialidades e experiências que podem surgir em abordagens que incluam a cultura visual e as visualidades. O objetivo desta pesquisa foi abordar a relação entre o mediador e o público e investigar sobre os benefícios e desafios que os recursos pedagógicos trazem para o âmbito da mediação de museus, a fim de destacar aspectos relacionados à sensibilidade,

experiência, criatividade e ludicidade. No *Lattes* da autora não consta produção do trabalho. O orientador é do programa da pós-graduação da instituição e atua na área de história e teoria da Educação em artes visuais.

O TCC 18 (2015), *Leitura de imagem e o ensino das artes no Brasil*, partiu de uma análise comparativa de dois relatos de experiência de projetos vencedores do prêmio Arte na Escola. Um na perspectiva da proposta triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, e outro da educação em cultura visual, sob a ótica de autores como Fernando Hernández e Belidson Dias. Para o autor, o ensino das artes mantém na atualidade uma divisão modernista entre as artes: artes/artesanato; arte erudita/arte popular; cultura de massa/alta cultura. Além disso, pouco leva em conta as experiências estéticas dos alunos. Não foi encontrado *Lattes* do autor. A orientadora faz parte do programa de pós-graduação da instituição e atua na área de pedagogias culturais.

O TCC 19 (2015), *A xilogravura na literatura de cordel: apontamentos teóricos visando a dialogicidade* apresentou um estudo sobre a possibilidade do estabelecimento de diálogos entre a xilogravura no contexto da literatura de cordel e o ensino da arte educação. O trabalho apresentou um breve panorama histórico da xilogravura no Brasil, para esclarecer os princípios de sua utilização pelos produtores dos folhetos no ambiente cultural do Nordeste. Abordou conceitos de arte popular, arte erudita, hibridismo cultural e cultura visual. A cultura visual, segundo a autora, integra a proposta metodológica, que consiste em usufruir dos elementos dos meios de comunicação de massa, reconhecendo que estes também se vinculam, de algum modo, à arte popular. A proposta pedagógica foi focada no estímulo ao senso crítico dos educandos por meio de interações, tanto entre os estudos da cultura visual e a arte popular quanto entre disciplinas como história, ciências sociais e artes visuais. Para a autora, interdisciplinaridade é uma forma de promover o entendimento global de determinadas questões, sendo o arte educador responsável por mediar e conduzir determinadas discussões em sala de aula com base em seus conhecimentos acumulados. Não consta publicação do trabalho desenvolvido, no *Lattes* da autora. No *Lattes* do orientador, ele informa que atua na área dos estudos da cultura visual.

O TCC 20 (2015), *Subjetividade: um olhar para o ensino das artes visuais*, tratou do olhar sobre os indivíduos e sobre o ensino das Artes Visuais. Compreende que os indivíduos se desenvolvem por meio de suas relações sócio-históricas e culturais. Indivíduos, que por meio de suas narrativas visuais e de suas biografias, expressam suas particularidades, seus processos de singularização, que dão consistência à condução de seus projetos. Adotando a cultura visual, como uma abordagem de ensino que permite a exploração das representações artísticas conectando o universo fora da escola com o universo da escola, propôs uma prática educativa utilizando-se das representações dos alunos em diálogo com os meios da arte postal e das possibilidades de atuação desta arte, estudadas a partir das obras de artistas como Paulo Bruscky. Não foi encontrado o *Lattes* da autora. O orientador fez doutorado em Arte e Cultura Visual na FAV/UFG.

3.2.2 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura Presencial

Figura 10 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial do IdA/UnB.

Título	Ano	Cultura Visual	Referências
1.O desafio das imagens: a inserção do jogo no ensino das artes.	2011	<p>O termo aparece várias vezes no capítulo, como sinônimo das imagens do cotidiano:</p> <p>Devemos considerar que o ensino das artes deve se diferenciar, também pela inserção da cultura visual em seu conteúdo, para que o educando preste mais atenção e compreenda um pouco mais o cenário que o cerca (p.13).</p> <p>A cultura visual visa aproximar ainda mais o aluno e o professor daquilo que está sendo vivido (p. 29).</p>	<p>Aparece nas referências o livro:</p> <p>MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). <i>Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa</i>. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009.</p> <p>HERNANDEZ, Fernando. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). <i>Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa</i>. Santa Maria: Edufsm, 2009.</p>
2.Um olhar sobre a arte contemporânea na 29º Bienal de São Paulo através da educação em cultura visual.	2011	<p>A cultura visual busca interpretar a imagem não somente do ponto de vista estético, mas também procura compreender seu papel social na cultura a qual ela pertence (p. 21).</p> <p>“Parece evidente para Duncum que a cultura visual não está somente interessada em lidar</p>	<p>DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (org.). <i>Visualidade e educação</i>. Coleção Desenredos.</p>

		<p>com o visual mas ao contrário, com todas as formas de comunicação sensorial” (DUNCUM, 2002b apud DIAS, 2008, p.43).</p> <p>A cultura visual “revisa o atual status da arte e papel que as imagens exercem na construção de representações sociais” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 45).</p>	<p>Goiania: Funape, 2008, p. 37-53.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.</p>
<p>3.Práticas pedagógicas e as diferenças: educação da cultura visual e Teoria Queer.</p>	<p>2012</p>	<p>A educação da cultura visual possibilita que a arte/educação trate a arte e as imagens de um modo mais pluralista e permita, assim, maior liberdade de sujeitos não normativos conquistarem visibilidade em um campo ainda fechado (p. 20).</p> <p>“A cultura visual é a caracterização e a avaliação da produção de sentidos através do visual, - como vemos, o que vemos, o que não nos é permitido ver etc. – que vai além das fronteiras disciplinares tradicionais.” (TAVIN, 2009, p. 225).</p> <p>“(…) a cultura visual direciona suas atenções para a contemporaneidade, a partir de suas visualidades, suas configurações, suas percepções sobre os sujeitos, de maneira a abrir espaços para a pluralidade em contraposição à homogeneização” (BARRETO,</p>	<p>A autora não colocou a referência BARRETO, 2011.</p> <p>DIAS, Belidson. Acoitamentos: os locais da sexualidade e gênero na arte/educação contemporânea. <i>Visualidade: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/Faculdade de Artes Visuais/UFG: Goiânia-GO: Ed. UFG, FAV, v.4, n.1, 2006, p.101-132.</i></p> <p>MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual. In: <i>Visualidades: Revista do</i></p>

		<p>2011, p. 29).</p> <p>Esta [educação da cultura visual] é entendida como uma “recente concepção pedagógica que destaca as ubíquas representações visuais do cotidiano como elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça.” (DIAS, 2006, p. 103). O propósito da cultura visual é desenvolver um conhecimento mais profundo, rico e complexo colocando em perspectiva a ‘relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo’ (...) a cultura visual dá grande importância não apenas a compreensão, mas também, à interpretação crítica da arte e da imagem como artefatos culturais (MARTINS, 2006^a, p. 71).</p>	<p>Programa de Mestrado em Cultura Visual. Goiânia: UFG, FAV, v. 4, n. 1 e 2, 2006^a.</p> <p>TAVIN, Kevin. Contextualizando a visualidade na vida cotidiana: problemas e possibilidades do ensino de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). <i>Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa</i>. Santa Maria: Edufsm, 2009, p. 225-239.</p>
<p>4.Educação das artes visuais em páginas singulares: uma proposição metodológica com o livro de artista.</p>	<p>2012</p>	<p>A cultura visual examina e questiona o papel da imagem na cultura, buscando diluir fronteiras e considerar todos os objetos - e não apenas aqueles classificados como arte - como tendo complexidade estética e ideológica. (DIKOVITSKAYA, 2005 <i>apud</i> MARTINS, 2007). Raimundo Martins alerta que a cultura visual "discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando</p>	<p>A autora não colocou a referência MARTINS, 2007.</p>

		<p>compreender o papel social da imagem na vida da cultura". (2007, p.26).</p> <p>Os aportes da teoria pós-estruturalista, largamente utilizados em diferentes áreas/disciplinas das Ciências Humanas e, mais recentemente, no campo da cultura visual, não tratam a desconstrução com um objetivo em si mesmo, mas como uma abordagem flexível capaz de ajudar pesquisadores e professores a rever e reorientar suas perspectivas sobre arte, sua história e suas práticas pedagógicas (MARTINS, 2007, p.34).</p>	
5.Cultura visual como colaboradora no ensino de artes.	2012	<p>A abordagem da Cultura Visual é transdisciplinar, permitindo a confluência e a integração de todas as áreas disciplinares, como se fosse um grande conjunto de saberes (p. 27).</p> <p>As noções da cultura visual podem contribuir de maneira favorável para a narrativa da arte/educação, propiciando aos alunos experiências que os permitam relacionar as imagens, artefatos e objetos presentes no seu meio (onde também se encontram as Artes Visuais) às suas experiências e modos de olhar e interpretar o mundo, bem como o seu lugar nele (p. 27).</p> <p>Para a Cultura Visual, é muito importante comparar narrativas e modalidades de</p>	<p>DIAS, Belidson. <i>O Mundo da Educação em Cultura Visual</i>. Brasília: Editora de pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.</p> <p>NASCIMENTO, Erinaldo. <i>Representações da morte para aproximar a escola da vida: Uma experiência com a Cultura Visual no Ensino Básico</i>. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). <i>Educação na Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa</i>. Santa</p>

	<p>representações imagéticas diferentes, mesclando épocas e culturas diversas. Trata-se de uma maneira de questionar, por contraste ou por diferenciação, as narrativas persistentes e renitentes do passado no presente. Pode-se afirmar que a cultura visual serve-se do multiculturalismo, não apenas para valorizar o que é diferente, mas, a partir do diferente, questionar ou estranhar o que nos parece comum ou familiar. É uma maneira de confrontar narrativas com lógicas e valores contrastantes para fazer pensar sobre as possibilidades de empreendermos mudanças ou oscilações no presente. (NASCIMENTO, 2009, p.50)</p> <p>A educação da cultura visual não anula a arte considerada de elite do currículo, ela “aborda os percursos curriculares a partir de perspectivas inclusivas nas quais diferentes formas de produção da cultura visual possam ser estudadas e entendidas de um modo mais relacional e contextual e menos hierárquicas.” (DIAS, 2011, p.62).</p>	<p>Maria: Ed. UFSM, 2009.</p>
<p>6. A imagem, o ensino e o currículo: um estudo sobre o currículo da rede pública do Distrito Federal para o Ensino Fundamental – anos finais, pela perspectiva da cultura visual.</p>	<p>2013</p> <p>A cultura visual permite novas problematizações das questões da história da arte e da própria arte, ampliando objetos de estudos ao mesmo tempo em que redefine conceitos e propõe novos desafios (p. 12).</p> <p>A cultura visual abarca, além das imagens</p>	<p>DIAS, Belidson. <i>O I/Mundo da Educação da Cultura Visual</i>. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.</p>

		<p>por/em si, os “os modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os objetos visuais são usados e entendidos” (MARTINS e TOURINHO, 2011, p. 53).</p> <p>A educação da cultura visual, então, conduz primariamente ao diálogo para a compreensão crítica do mundo, dirigindo “ações assentadas para resistir processos de superioridades, hegemonias e dominação nas nossas vidas diárias” (DIAS, 2011, p. 62).</p>	<p>MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.). <i>Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos</i>. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.</p>
7. O encantamento do olhar: a cultura visual no olhar cotidiano.	2013	<p>Cultura visual como metodologia auxiliadora do ensino das artes visuais visa compreender as regularidades e distinções dentre os conhecimentos estabelecidos e investigar os resultados dessas relações na estruturação das subjetividades para se elaborar narrativas visuais a partir de diversos meios e processos, tendo em foco a autoria e ação do aprendiz. (p.19)</p> <p>A “cultura visual representa um questionamento contínuo ao passado que atravessa o presente, via as interpretações desencadeadas pelas imagens circundantes, com a finalidade de construir um outro ‘hoje’.” (NASCIMENTO, 2009, p.45).</p> <p>O estudo da relação existente entre tal condição cultural, bem como os efeitos que</p>	<p>NASCIMENTO, Erinaldo. <i>Representações da morte para aproximar a escola da vida: Uma experiência com a Cultura Visual no Ensino Básico</i>. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). <i>Educação na Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa</i>. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009.</p> <p>TAVIN, Kevin. <i>Contextualizando a visualidade na vida cotidiana: problemas e possibilidades do ensino de cultura visual</i>. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). <i>Educação da</i></p>

		esta exerce com suas manifestações simbólicas nas identidades individuais e coletivas, corresponde à proposta de um novo campo de pesquisa, o da Cultura Visual. (TAVIN, 2009)	<i>cultura visual</i> : narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Edufsm, 2009, p. 225-239.
8.Cultura visual e protagonistas negras: representações visuais das mulheres negras na primeira pessoa do plural.	2013	<p>O estudo da cultura visual se propõe a estudar não somente as imagens e seus usos, mas também a maneira pela qual tais imagens e usos são fomentados de relações sociais e históricas (p. 14).</p> <p>Os valores ideológicos que recaem sobre a imagem das mulheres negras por intermédio das imagens e linguagens presentes na cultura visual são compostas pelo poder que reitera na prática a sua essência colonialista e patriarcal (p. 29).</p> <p>A ideia de que as imagens têm vida cultural e exercem poder psicológico e social sobre os indivíduos é o bordão que ampara a cultura visual (MARTINS, 2005, p. 73).</p>	MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? In: _____. (org). <i>Visualidades</i> . Revista do programa de mestrado em cultura visual. FAV/UFG. 2005.
9.Mediações em cultura popular na sociedade da imagem: um tempo vivo e presente.	2013	<p>Pensar em cultura visual, segundo o pensamento de Carolina Carvalho Palma da Silva, é admitir a existência de um olhar que a modernidade possibilitou (p. 26).</p> <p>A cultura visual, contudo, não pretende, de forma platônica, colocar toda produção visual na seara artística. Mas sim, em primeira</p>	FRIDMANN, Luís Carlos. <i>Pós-Modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento</i> . Hist. Cienc. Saud-Manguinhos. [online]. Jul/jul.

		<p>instância, trazer a tona essas relações de poder que estavam envolvidas em um véu. Depois, admitir que outras produções são passíveis de fruição, reconhecimento, interação e formação (p. 27).</p> <p>O ensino da cultura visual tem o intuito de preparar o cidadão frente à “sociedade da imagem” (FRIDMANN, 1999), ou seja, do visual. Procura operar em todos os aspectos visuais na sociedade e não na parcialidade dos mesmos, a fim de que, a partir disso seja possível tirar a escola de seu utópico caráter neutro e coloca-la na realidade social dos jogos de poder. (p. 27-8)</p>	<p>1999, vol 6, nº. 2.</p> <p>SILVA, Carolina Carvalho Palma. <i>A cultura visual na educação artística</i>. Dissertação de Mestrado em educação artística. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes. 2010.</p>
<p>10. Artes visuais: a sua importância na formação do conhecimento.</p>	<p>2013</p>	<p>A visão crítica dos alunos nas leituras das imagens poderá transformar o espaço do aluno e seus arredores, a cultura visual promove o questionamento de assuntos dormentes e visualiza possibilidades para a educação que está fora do foco da escola (p.29).</p> <p>Trabalhar a leitura de imagens com os alunos facilita o diálogo e introdução de assuntos controversos, além de servir como catalizadores que ilustram a interação entre culturas nas salas de aula (DIAS, 2009b).</p> <p>O conceito de cultura visual relaciona-se com três áreas de trabalho, quais sejam: (a) ideias e</p>	<p>A autora não colocou a referência HERNÁNDEZ, 2003.</p> <p>DIAS, Belidson. <i>Desobediências de um boy interrompido: perversão e censura na educação da cultura visual</i>. Programa de Pós-Graduação em artes – IDA- UnB, v.8, n. 1, 2009b, p.32.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>A Cultura visual como um</i></p>

		<p>temáticas relacionadas com suas funções, implicações e efeitos nas vidas das pessoas; (b) os objetos, eventos, lugares e experiências que caem nesta categoria de classificação; (c) um currículo relacionado com as formas pelas quais este conteúdo pode ser ensinado, interpretado e aprendido (TAVIN, 2000 apud HERNANDES, 2003, p. 205) e pode ser definida como aqueles hábitos e costumes visuais relativos a um grupo de pessoas ou a um determinado povo.</p> <p>Diante dessa necessidade de reformular horizontes e repertórios visuais, de criar novos mapas para aprender e compreender o momento complexo pelo qual atravessa a comunidade educadora tem-se a necessidade de articular a relação do indivíduo com o universo, com as práticas artísticas, visuais, culturais, educacionais e, a crescente produção de artefatos e imagens da cultura visual não apenas influencia, mas também modifica a forma de pensar desses indivíduos (HERNANDEZ, 2011).</p>	<p><i>convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito.</i> Traduzido por Danilo de Assis Clímaco. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação na cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.</p>
11.Redes da arte/educação: a educação pela cultura visual.	2013	Dias (2011) afirma que a Cultura Visual é uma área que, sobretudo, procura entender as relações e interferências que os sistemas culturais acarretam ao processo visual de identificação e entendimento do mundo e da realidade.	DIAS, Belidson. <i>O I/Mundo da Educação da Cultura Visual.</i> Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

		Pautados na Educação pela Cultura Visual, as redes de constituição cultural, social e principalmente a artística, se interligam de forma que qualquer experiência, seja a do educando como a do educador, constrói e constitui a educação em arte (p. 29-30).	
12.Cartografia da/na arte: mapas como ferramentas de culturas visual e migrante.	2013	<p>Também em seu texto “Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer” (2011, p.15) Paul Duncum coloca os novos pensamentos sobre o ensino da arte em contraposição com as ideias mais antigas, dando maior ênfase ao uso de imagens da cultura visual, ou seja, imagens que estão vinculadas ao cotidiano das pessoas, estando elas em revistas, televisão, jornais, filmes, etc (2011, p.15).</p> <p>Fernando Hernández traz uma nova forma de conceitualização da cultura visual através do uso e estudo das imagens. Ao invés de restringir o indivíduo a perguntas como: “o que você vê nessa imagem?” ou “qual história conta essa cena?”, Hernández defende que este passe a se questionar de outra forma, como: “o que vejo de mim nessa representação visual?”, “o que diz esta imagem de mim?” ou “como essa representação contribui na minha construção identitária, como forma de ver-me e ver o mundo?” (2007, p.38).</p>	<p>O autor não coloca a referência de DUNCUM, 2011. Mas sugere que é o texto é do livro: MARTINS, Raimundo e Irene Tourinho. Educação da cultura visual – conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional</i>. Porto Alegre, RS. Editora Mediação, 2007.</p>

<p>13. Dualidade entre mundo informatizado e escola tradicional.</p>	<p>2014</p>	<p>Existe um espaço vazio entre o ensino formal e a realidade contemporânea. A Cultura Visual busca, de certa forma, tentar tapar esse buraco, fazendo com que o ensino da arte deixe de ser isolada da vida dos alunos e que busque construir um olhar crítico e multifocal (p. 22)</p> <p>Ensinar artes visuais a partir dos princípios da cultura visual pressupõe, segundo Charréu (2011), a “demolição” de um conjunto de conteúdos que estão cristalizados ao redor do que tradicionalmente se tem designado como Ensino artístico.</p> <p>A cultura visual, como campo transdisciplinar ou pós-disciplinar, é espaço de convergência que congrega discussões sobre diversos aspectos da visualidade, buscando fomentar e responder questões que se entrecruzam a partir de campos como a história da arte, a estética, a teoria fílmica, os estudos culturais, a literatura e a antropologia. (Guasch, 2003)</p>	<p>A autora não coloca a referência de GUASCH, 2003.</p> <p>Não coloca referência CHARRÉU, 2011.</p>
<p>14. História em quadrinho e seu potencial como objeto de ensino e aprendizagem.</p>	<p>2014</p>	<p>O termo aparece na sessão de um capítulo como: <i>Cultura visual e objetos de aprendizagem</i>. O termo se apresenta como sinônimo das imagens do cotidiano:</p> <p>Podemos nos apropriar da cultura visual dos próprios alunos, buscar informações e</p>	<p>O autor não coloca referência do conceito de cultura visual adotado no texto.</p>

		conteúdo naquilo que eles estão acostumados a visualizar todos os dias, seja uma pichação, um grafite, um programa de internet/televisão, ou outras inúmeras manifestações visuais presentes no cotidiano. (p. 10)	
15. Ray Ban metodológico: uma visão sobre experiências metodológicas de ensino e aprendizagem de Artes Visuais no Brasil.	2014	<p>Nessa investigação defende-se que a Educação em Cultura Visual deva tomar a Posição da Autorreflexão, por entender que os (as) alunos (as) não são vistos como seres passivos e indefesos frente aos “ataques da mídia”, mas onde exista uma busca pelo posicionamento e a reflexão, e onde os (as) alunos (as) possam ter a liberdade para agradarem-se esteticamente com a visualidade da Cultura Visual (p. 45).</p> <p>Com atuação na área da visualidade, a Educação em Cultura Visual também tem espaço para trabalhar com objetos de arte. De acordo com Dias “(...) o ensino e a aprendizagem da cultura visual (...), não suprime as artes de elite do currículo.” (DIAS, 2011, p. 62), ao invés disso, a Educação em Cultura Visual “aborda os percursos particulares a partir de perspectivas inclusivas nas quais diferentes formas de produção da cultura visual possam ser estudadas e entendidas de um modo mais relacional e contextual e menos hierárquicas” (DIAS, 2011, p. 62).</p>	<p>DIAS, Belidson. <i>O Mundo da Educação da Cultura Visual</i>. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Catadores da Cultura Visual: Transformando Fragmentos em Narrativa Educacional</i>. Porto Alegre: Mediação, 2007.</p>

		Hernández (2007) afirma que questões importantes devem ser consideradas na prática crítica e performativa da Educação em Cultura Visual, como a consciência de que, ao invés de se tentar “pedagogizar” as experiências relacionadas à cultura visual, deve-se procurar usá-las como questões para investigação.	
16. Se não for pra causar nem saio de casa: Drag Queen como potência pedagógica.	2014	<p>Por este anseio a um ensino não mais punitivo, a educação em cultura visual, pode melhor visibilizar as margens, em um levante de resistência às imposições da cultura de dominação, para que, a partir destas pontuações, o sistema social possa assimilar a existência do queer, reconhecendo as diferenças entre os indivíduos sem a necessidade de subjugá-las à abjeção. (p.34)</p> <p>Os caminhos para solucionar algumas questões da arte/educação, dentre os horizontes queers, iniciam-se pela necessidade de uma abordagem direcionada à educação em cultura visual, para que sejam incluídas, num conceito comum, todas as realidades visuais, as visualidades, sejam elas quais forem, que afetam os sujeitos em seus cotidianos (DIAS, 2011).</p>	DIAS, Belidson. <i>O I/Mundo da Educação da Cultura Visual</i> . Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.
17.Estratégias de mediação na exposição Leonardo da Vinci e a natureza da invenção.	2015	O termo "Cultura Visual" inclui todas as manifestações da vida cultural que se expressam através de aspectos visuais e	DIAS, Belidson. <i>O I/Mundo da Educação da Cultura Visual</i> . Brasília: Editora da

		<p>interpretadas por meio de experiências individuais e compartilhadas. Trata-se da compreensão das visualidades e sua influência nas práticas culturais, ideológicas, poderes e disciplinas (p. 16).</p> <p>Nos vemos gratamente levados a ampliar nosso campo de estudo para todos os artefatos geradores de experiência estética, provenham esses das belas artes, das artes populares ou da denominada cultura visual. Colocar no espectro de nosso âmbito de estudo a cultura popular e inclusive a cultura de massa; submeter esse tipo de práticas à análise crítica e à desconstrução de suas relações com as tramas das hegemonias e do poder são ações que respondem, perfeitamente, aos fundamentos de uma educação artística renovada. (AGUIRRE, 2009)</p> <p>A educação da cultura visual situa questões, institui problemas e visualiza possibilidades para a educação em geral. [...] conduz os sujeitos à consciência crítica e a crítica social como um diálogo preliminar, que conduz à compreensão, e, então, à ação. (DIAS, 2011, 62).</p>	<p>pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.</p> <p>AGUIRRE, Imanol. <i>Imaginando um futuro para a Educação Artística</i>. In. MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene (Orgs.). <i>Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e de Pesquisa</i>. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.</p>
18.Leitura de imagem e o ensino das artes no Brasil.	2015	A Educação em Cultura Visual surge na Educação como uma reação à divisão notadamente modernista entre arte erudita e	HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Catadores da Cultura Visual: Transformando</i>

	<p>arte popular, alta cultura e cultura de massa, obra de arte e artesanato. Desta forma, esta abordagem passa a considerar e a integrar no ensino da arte a vasta gama de visualidades a que todos estão expostos na contemporaneidade, sem prejulgamentos e preconceitos. (p. 11)</p> <p>Hernández (2007) argumenta que a Educação em cultura visual estimula o alfabetismo visual crítico, permitindo a análise e a interpretação da multiplicidade de textos existentes na contemporaneidade, como textos visuais, auditivos e corporais, entre outros, na sala de aula.</p> <p>Por se tratar de uma abordagem multirreferencial e transdisciplinar, um trabalho de compreensão crítica da cultura visual dos mais variados ambientes de aprendizagem pode ser desenvolvido por qualquer educador/a que deseje e se disponha a problematizar as representações sócias de menina, menino, mulher, homem, família, criança, adolescente, adulto, velho, pobre, rico, preto, branco, professor/a, estudante, escola, entre tantas outras possíveis, nas imagens dos livros didáticos, dos cadernos, das revistas, dos outdoors, dos videogames, da televisão, dos cartões postais, dos brinquedos, das obras de</p>	<p>Fragmentos em Narrativa Educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.</p> <p>SARDELICH, Maria Emília. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. <i>Cadernos de Pesquisa</i>, v. 36, n. 128, p. 451-472, 2006.</p>
--	--	---

		arte etc. (SARDERLICH, 2006, p. 468).	
19. A xilogravura na literatura de cordel: apontamentos teóricos visando a dialogicidade.	2015	<p>É possível inserir elementos da cultura visual (imagens publicitárias, vídeos, filmes, histórias em quadrinhos, etc.) não apenas com o intuito de situar os estudantes em um meio que lhes seja reconhecível, mas principalmente com a intenção de aprimorar o senso crítico dos educandos (p. 17).</p> <p>Sobre o debate em torno do que denominamos por cultura visual, converge uma série de propostas intelectuais em termos de práticas culturais relacionadas ao olhar e às maneiras culturais de olhar na vida contemporânea, especialmente sobre as práticas que favorecem as representações de nosso tempo e levam-nos a repensar as narrativas do passado. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22)</p>	HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Catadores da Cultura Visual: Transformando Fragmentos em Narrativa Educacional</i> . Porto Alegre: Mediação, 2007.
20. Subjetividade: um olhar para o ensino das artes visuais.	2015	Hernández (2000) afirma que a cultura visual exerce uma posição de ponte, um campo de saberes que permite conectar e relacionar o universo visual de fora da escola com uma aprendizagem estratégica que pode reinterpretar e transformar este universo na escola.	HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho</i> . Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.2.3 A Licenciatura a Distância

Dos duzentos e treze trabalhos encontrados, sessenta e seis deles citavam a cultura visual ou apareciam nas referências. Utilizando os critérios adotados na pesquisa, trabalhos que contenham o termo cultura visual no título, resumo, palavras-chave e sumário, foram selecionados 12 TCCs da licenciatura em artes visuais da modalidade a distância da UnB. São eles:

TCC1: MACIEL FILHO, A. *Cultura visual de prédios históricos: uma proposta pedagógica de ensino de arte*. 2011. Universidade Aberta do Brasil, Cruzeiro do Sul - AC. Orientação: DIAS, B.

TCC 2: SOUZA, E. J. *Narrativas visuais: um “olhar” voltado para um cotidiano escolar sob a perspectiva da cultura visual*. 2011. Universidade Aberta do Brasil, Itapetininga - SP. Orientação: Cruz, C. M.

TCC 3: SOUZA, R. F. *Artes visuais: leitura de imagem e a apuração do olhar para o ensino da arte*. 2011. Universidade Aberta do Brasil, Rio Branco - AC. Orientação: Mota, J.

TCC 4: SILVA, M. S. *A leitura de imagem no ensino de arte no 7º ano da escola João Kubitschek na cidade de Cruzeiro do Sul*. 2012. Universidade Aberta do Brasil, Cruzeiro do Sul – AC. Orientação: SILVEIRA, M. P.

TCC 5: COSTA, S. F. *Leitura de imagem para a arte contemporânea: uma proposta de ensino para o fundamental II da Escola Instituto Santa Juliana de Sena Madureira-Acre*. 2012. Universidade Aberta do Brasil, Sena Madureira - AC. Orientação: VULCÃO, M. G. V.

TCC 6: FUREGATI, J. P. *Arte contemporânea: uma possibilidade para alfabetização visual*. 2012. Universidade Aberta do Brasil, Barretos - SP. Orientação: FERREIRA, L. C. P.

TCC 7: AQUINO, M. R. A. *O cotidiano do trabalho em Cruzeiro do Sul a partir da obra do pintor de murais Ary*. 2012. Universidade Aberta do Brasil, Cruzeiro do Sul - AC. Orientação: CAETANO, A. C. M.

TCC 8: LOPES, M. C. S. *“Arte da rua”*: um olhar sobre o artista Vik Muniz: uma prática escolar com artista da cidade de Posse-Goiás. 2012. Universidade Aberta do Brasil, Posse - GO. Orientação: CASTRO, V. M. P.

TCC 9: SILVA, E. V. *A representação da sexualidade nas artes visuais: a fotografia de Robert Mapplethorpe e a poética do desejo no contexto escolar*. 2013. Universidade Aberta do Brasil. Orientação: AFRAHI, S.

TCC 10: BEZERRA, D. S. *Uma nova perspectiva didática em artes visuais por meio da cultura visual e da alfabetização visual*. 2013. Universidade Aberta do Brasil, Brasília - DF. Orientação: BARRETO, C. C.

TCC 11: CORRÊA, J. *Como trabalhar em artes visuais o uso de imagens com alunos do EJA - Educação Para Jovens e Adultos*. 2013. Universidade Aberta do Brasil, Itapetininga - SP. Orientação: RANGEL, A. G. Q.

TCC 12: OLIVEIRA, M. S. *Reflexões e intervenções nas práticas do ensino da arte numa perspectiva de alfabetização visual*. 2014. Universidade Aberta do Brasil, Pimenta Bueno-RO, 2014. Orientação: BARRETO, C. C.

A seguir, apresento uma síntese das pesquisas desenvolvidas nos Trabalhos de Conclusão da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Esta síntese, também parte dos critérios adotados para a seleção: título, resumo, palavras-chave, sumário e a consulta no *Lattes* dos alunos/pesquisadores e seus respectivos orientadores. A presença da cultura visual surge através das seguintes pesquisas:

O TCC 1 (2011), *Cultura visual de prédios históricos: uma proposta pedagógica de ensino de arte* teve como objetivo despertar a relação dos alunos do Ensino Médio com seu cotidiano e com a cultura por meio do ensino em artes

a partir de interpretações de imagens de prédios históricos da cidade de Cruzeiro do Sul no Acre. Por meio da análise de imagens fotográficas antigas e atuais foi produzido um trabalho que pretendeu auxiliar na atual prática educativa em artes de docentes e discentes do Ensino Médio da cidade. O tema foi abordado mediante a análise das imagens iconográficas captadas. Com o uso das imagens fotográficas e das pesquisas sobre cultura visual, os discentes desenvolveram sensações, formularam interpretações subjetivas, perceberam e despertaram para a relação que possuíam com aquelas imagens, itens necessários no processo de formação de suas identidades culturais. O estudo proposto pretendeu estabelecer uma conexão entre cultura visual e os estudos culturais, tendo a formulação de reflexões históricas e artísticas como resultado desta conexão. Para a base do estudo foi realizada pesquisa bibliográfica fundamentada na revisão de literatura e na análise de imagens fotográficas de prédios históricos. Não foi encontrado o *Lattes* do autor. O orientador faz parte do programa de pós-graduação da instituição.

O TCC 2 (2011), *Narrativas visuais: um “olhar” voltado para um cotidiano escolar sob a perspectiva da cultura visual*, teve por objetivo investigar o poder visual exercido por uma imagem, cuja dualidade simbólica passeia por entre paredes, cadernos, corpos, cabelos, carteiras, muros de uma escola de Itapetininga, a Escola Estadual AZ na qual a autora atua como arte/educadora. O trabalho procurou buscar respostas a indagações sobre que é hoje, no Brasil, ser um arte/educador em cenários como os da escola pesquisada: ilhados por violência, drogas e controle de facções. Buscou desenvolver uma teorização e uma problematização sobre a imagem considerada contraventora e o modo como essa espécie de “logotípiã” social está presente na relação indivíduo/escola/cotidiano. O trabalho se referenciou nas ideias de Raimundo Martins, Belidson Dias, Irene Tourinho, Fernando Hernandez entre outros. Propôs uma ação investigativa acerca da influência da cultura visual dentro da tríade: educacional/simbólico/social, bem como o multiculturalismo voltado às práticas pedagógicas para atuar como coautora de concepções e narrativas educativo/sociais. A autora tem mestrado em Arte e é tutora EaD no Arte na Escola. Não foi possível identificar uma produção gerada a partir da pesquisa do

TCC. Mas consta produção na área de arte. A orientadora é professora da instituição e atua nas áreas de ensino e pesquisa em práticas artísticas.

O TCC 3 (2011), *Artes visuais: leitura de imagem e a apuração do olhar para o ensino da arte* foi pautado numa busca reflexiva no sentido de proporcionar uma melhor compreensão sobre a questão “leitura de imagem”, como fator de contribuição para o desenvolvimento cognitivo dos alunos do 8º ano das turmas “A e C” da Escola Serafim da Silva Salgado, Rio Branco-AC. O trabalho aborda um relato de experiência com estes alunos a partir da Arte Moderna Brasileira, em especial, as obras da artista Tarsila do Amaral. O trabalho possui uma sessão de capítulo intitulada: Cultura visual: um breve relato. Não foi encontrado o Lattes da autora. A orientadora é da área da educação e atua na EaD.

O TCC 4 (2012), *A leitura de imagem no ensino de arte no 7º ano da escola João Kubitschek na cidade de Cruzeiro do Sul* trouxe uma abordagem sobre a leitura de imagem na sala de aula, buscando contribuir com professores e alunos a repensarem as formas de se apreciar uma obra de arte. A autora afirma que a leitura da imagem trabalhada na prática pedagógica, desenvolve procedimentos para o aluno ler e expressar-se em artes, levando-o a conhecer a biografia e obra dos artistas nacionais e internacionais. As ideias apresentadas resultam de uma oficina de reprodução e leitura de imagem realizada no 3º bimestre de 2011, com uma turma de alunos do 7º ano da escola João Kubitschek, em Cruzeiro do Sul, Acre. Para sua execução foram seguidos os seguintes pressupostos metodológicos: Reprodução, Fazer Artístico, Imagem, A leitura de Imagem, Cultura Visual e Ensino de Arte. Os referenciais teóricos são baseados nos estudiosos do Ensino de Artes Visuais, em especial, Ana Mae Barbosa. Não foi encontrado o Lattes da autora. A orientadora tem mestrado em arte pela instituição.

O TCC 5 (2012), *Leitura de imagem para a arte contemporânea: uma proposta de ensino para o fundamental II da Escola Instituto Santa Juliana de Sena Madureira-Acre* teve como objetivo o exercício da leitura visual através da Arte, sobretudo, uma leitura imagética que procurasse resgatar a capacidade de ver e observar, compreender e articular através das diversas formas e

concepções da imagem. O trabalho pontuou essa necessidade através de roteiros de entrevistas realizados com alguns professores, que por sua vez, apresentaram suas ideias a respeito da leitura de imagem e suas concepções quanto à importância dessa temática na sala de aula. Mediante a coleta dessas informações, o autor propôs um plano de curso que contemplou a Leitura de Imagem voltada para a Arte Contemporânea. Segundo ele, os professores puderam nortear suas práticas centradas na leitura de imagem. O autor afirma ser indispensável que a escola tenha em seu currículo a proposta de ensino da cultura visual. Para ele, o aluno necessita ter acesso às produções visuais de seu tempo, conhecer os olhares de cada artista em relação ao mundo, para assim, poder reformular suas próprias concepções a respeito da sua cultura e de sua identidade. Não foi encontrado o *Lattes* do autor. A orientadora tem mestrado em arte pela instituição.

O TCC 6 (2012), *Arte contemporânea: uma possibilidade para alfabetização visual* teve como propósito refletir sobre informações e ações desenvolvidas no âmbito escolar acerca da análise e interpretação de obras contemporâneas, com o objetivo de explicitar como e quanto esta prática pode colaborar para uma alfabetização visual e uma formação crítica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do assunto, entrevista oral e questionário respondido por arte/educadores. O objetivo do trabalho foi reunir dados que pudessem colaborar com as imagens produzidas na contemporaneidade e sua compreensão crítica da cultura visual. Não foi encontrado o *Lattes* da autora. O orientador é professor da UnB e realiza pesquisa de Doutorado em Arte e Cultura Visual.

O TCC 7 (2012), *O cotidiano do trabalho em Cruzeiro do Sul a partir da obra do pintor de murais Ary* teve o objetivo de conhecer o cotidiano do trabalho em Cruzeiro do Sul a partir da pintura de murais do pintor Ary. Tal tema surgiu a partir da ideia histórica de que o homem busca através da arte, uma forma de expressão de suas emoções e de sua sobrevivência. Por meio da observação e da análise dos trabalhos de Ary, a autora destaca como os alunos tiveram a oportunidade de conhecer como a arte pode auxiliar no modo de sobrevivência do homem amazônico. O estudo proposto fez um enfoque na obra de um artista

local, que faz da arte seu modo de ser, de viver e de se expressar. Pelo trabalho, observou-se as características tanto locais quanto globais na obra a partir das obras de Ary e Portinari. A proposta pretendeu despertar nos alunos o interesse em conhecer melhor a sua realidade e a realidade do meio em que está inserido e a sensibilidade para das obras de Portinari e sua relação com os murais e pinturas de Ary. A intenção foi fundamentar conceitos artísticos e estéticos, seus valores sociais, culturais e a relação destes com a cultura visual presente nas obras observadas. O trabalho fortalece o contexto entre as obras e a cultura visual presente, com seus significados e seu papel frente ao processo ensino aprendizagem. Não foi encontrado o *Lattes* da aluna. A orientadora tem mestrado e doutorado em Arte pela instituição e atua na EaD.

O TCC 8 (2012), *“Arte da rua”: um olhar sobre o artista Vik Muniz: uma prática escolar com artista da cidade de Posse-Goiás*, teve o objetivo de oferecer ao leitor a compreensão da cultura visual a partir das criações artísticas de Vik Muniz e do artista possense Joaquim de Simão. A pesquisa levantou nas obras destes artistas, questões significativas do cotidiano no sentido de despertar o desejo de recriar sentidos de mudanças. A temática do projeto teve uma proposta educativa no Colégio Estadual Dom Prudêncio, com alunos do ensino médio no componente curricular Artes Visuais. O trabalho pretendeu abrir possibilidades que reforçam a importância de uma educação visual na atualidade a partir das práticas escolares. Não foi encontrado o *Lattes* da aluna. A orientadora é professora da pós-graduação da instituição.

O TCC 9 (2013), *A representação da sexualidade nas artes visuais: a fotografia de Robert Mapplethorpe e a poética do desejo no contexto escolar* teve como tema a questão do gênero e as manifestações da sexualidade nas artes visuais, usando a leitura de imagens fotográficas como elemento de apropriação do exercício do olhar crítico e a reflexão dos papéis relacionados à diversidade sexual e suas representações na arte. Propôs o estudo destas representações por meio do trabalho do artista Robert Mapplethorpe no contexto escolar, analisando as interferências conservadoras e moralistas que a escola faz da sexualidade tendo como referências a heteronormatividade. Não foi encontrado o *Lattes* da autora. O orientador é professor da instituição.

O TCC 10 (2013), *Uma nova perspectiva didática em artes visuais por meio da cultura visual e da alfabetização visual* propôs elencar a importância da alfabetização visual para o ensino da cultura visual no Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), e teve como intuito propor a prática pedagógica no ensino de artes a fim de proporcionar aos alunos um contato com a arte de forma emancipatória e crítica. A ideia central do texto foi proporcionar uma vivência didática que demonstrasse de fato a emancipação dos estudantes por meio do uso da alfabetização visual e da cultura visual. Não foi encontrado o Lattes da autora. A orientadora fez licenciatura em artes plásticas e mestrado na UnB abordando a cultura visual.

O TCC 11 (2013), *Como trabalhar em artes visuais o uso de imagens com alunos do EJA - Educação Para Jovens e Adultos* levou em consideração as características próprias da modalidade EJA, disposto em norteadores da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo em conformidade com os PCN e LDB. Neste sentido, levou em consideração as características próprias dos alunos como: idade, classe social, experiência cultural e no mundo do trabalho, no ensino-aprendizagem. No campo do Ensino das Artes, este trabalho discutiu encaminhamentos teórico-práticos que possibilitaram a apropriação de saberes frente aos processos de leitura e interpretação de imagens estabelecidas pelos meios formais de produção cultural e artística, como da produção de sentidos frente a imersão na aula de artes na discussão da cultura visual como objeto de investigação e fruição estética. Não foi encontrado o Lattes da autora. O orientador tem mestrado em Artes e é doutorando pela UnB. Pesquisa a área de criação e ensino arte em novas mídias.

O TCC 12 (2014), *Reflexões e intervenções nas práticas do ensino da arte numa perspectiva de alfabetização visual* propôs discutir e refletir os avanços e conquistas da arte-educação no Brasil e em Pimenta Bueno-RO, a partir da promulgação da Lei 5692/72, até chegar aos atuais estudos sobre este assunto, além de debates sobre alfabetização visual, cultura visual, suas influências e implicações para a arte-educação contemporânea. A intenção foi refletir sobre as práticas do ensino e aprendizagem da arte, questionar as abordagens tradicionais e propor novas abordagens teórico-metodológicas. Nesse contexto apresenta

uma experiência pedagógica, com abordagens metodológicas atuais. No Lattes da autora não consta publicações do trabalho. A orientadora fez licenciatura em artes plásticas e mestrado na UnB abordando a cultura visual.

3.2.4 A cultura visual nas pesquisas da Licenciatura a Distância

Figura 11 – Quadro com as abordagens da cultura visual nos TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância do IdA/EaD/UnB.

Título	Ano	Cultura Visual	Referências
1.Cultura visual de prédios históricos: uma proposta pedagógica de ensino de arte.	2011	<p>Podemos perceber que existe uma relação estreita entre a cultura visual e a sala de aula, tendo em vista que a aprendizagem pode acontecer tanto dentro quanto fora do espaço da sala de aula por meio da visualização de imagens (p.15).</p> <p>É importante salientar que a cultura visual deve ser vista como um importante mecanismo de ensino que além de fornecer material histórico e cultural, é capaz de fazer novas adequações ao processo ensino-aprendizagem através de novas leituras de objetivos, de novas ações e de novas ferramentas para o ensino da arte (p.23).</p> <p>Carolina Carvalho nos diz que a Cultura Visual tem três dimensões, a saber: fenomenológica, substancial e pedagógica. “A primeira descreve-a como um fenômeno cultural contemporâneo em que o predomínio dos registros visuais influencia a construção de</p>	<p>CARVALHO, Carolina. <i>A Cultura Visual na Educação Artística</i>. Universidade de Lisboa; Faculdade de Belas Artes. Lisboa, Portugal, 2010.</p> <p>DUNCUM, Paul (2002). <i>Visual Culture Art Education: Why, What and How</i>. Journal of Art & Design Education.</p> <p>MARTINS. Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA; Marilda Oliveira de; HERNANDEZ, Fernando (Orgs.). <i>A formação do professor e o ensino das artes visuais</i>. Santa Maria: UFSM, 2005.</p> <p>TAVIN, Kevin (2003a). <i>Wrestling with Angels, Searching for Ghosts: Toward a Critical Pedagogy of Visual Culture</i>. Studies in Art Education, 44(3), 197-</p>

	<p>novos saberes e novos modos de ser; a segunda incide sobre os seus conteúdos, que incluem quer a Arte Erudita quer a Cultura Popular, entre muitos outros; e a terceira reflete sobre a importância da visualidade e da interdisciplinaridade no seu desenvolvimento enquanto área teórica”. (CARVALHO, 2010, p. 60).</p> <p>De acordo com Tavin “a Cultura Visual enquanto fenômeno refere-se à condição cultural contemporânea em que a experiência, subjetividade e consciência são profundamente afetadas pelas imagens e práticas do ver, mostrar e imaginar” (2003a, p. 201).</p> <p>Para Martins, a cultura visual pode ser compreendida como um “campo amplo, múltiplo, em que se abordam espaços e maneiras como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura” (2005, p. 135).</p> <p>Paul Duncum afirma que “a cultura visual tem relação com os estudos culturais nas indagações relacionadas às práticas significantes, tanto em termos das experiências vividas pelas pessoas como da dinâmica estrutural da sociedade” (2002, p.11).</p>	213.
--	--	------

<p>2.Narrativas visuais: um “olhar” voltado para um cotidiano escolar sob a perspectiva da cultura visual.</p>	<p>2011</p>	<p>Mudanças ao que concerne ao modo de ver e conceber a arte pela entrada da cultura visual foram questões imprescindíveis para enfatizar a relação arte e vida, ou seja, a arte e a imagem como parte do cotidiano e como parte de uma convivência diária com nossa diversidade (p. 37).</p> <p>De acordo com Martins (2006), “o objeto de estudo da cultura visual não é especificamente a arte ou a cultura popular, mas a interpretação crítica da arte, da imagem, do visual”. (p. 77).</p> <p>É importante levar em conta que, nas duas últimas décadas, apareceu uma série de perspectivas sobre as maneiras de olhar, de representar e sobre a própria concepção da imagem, sob o manto da cultura visual, que traz novas contribuições e nos permitem refletir em termos dos fundamentos, das finalidades e das experiências para a aprendizagem “de” e “pelas” artes visuais na escola. (HERNANDEZ, 2007, p. 42)</p> <p>Freedman lança três objetivos que podem proporcionar os fundamentos de um enfoque social no trabalho com a cultura visual: o desenvolvimento de ideias, a visualização e a reflexão crítica. Para ela, “as praticas</p>	<p>MARTINS, Raimundo. (Org.). Porque e como falamos de Cultura Visual. Dossiê Cultura Visual. In: <i>Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual</i>. Faculdade de Artes Visuais/UFGV4, V.4., n. 1 e 2 e Educação. Goiânia, 2006. p. 65-79.</p> <p>HERNANDEZ, Fernando. <i>Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em uma nova narrativa educacional</i>/Fernando Hernandez; revisão técnica: Jussara Hofman e Suzana Rangel Viera da Cunha; tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007. 128 p. – (Coleção Educação e Arte; v.7).</p> <p>SARDELICH, Maria Emilia. [online]. <i>Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa</i>. Departamento de Educação de Universidade Estadual de Faria de Santana – BA. 2003-2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf. Acesso em 15 de setembro de 2011.</p> <p>BALLENGEE-MORRIS, Christine; DANIEL, Vesta A.H.; STUHR, Patrícia L. Questões de diversidade na</p>
--	-------------	---	---

		<p>educativas podem incluir tanto a discussão sobre um videogame quanto as possíveis modificações no meio imediato, como, por exemplo, a decoração do quarto das/os educandas/os”. (SARDELICH, 2006, p. 462).</p> <p>A inclusão da educação da cultura visual “pode dar visibilidade e efetivamente auxiliar a compreensão das representações visuais de gêneros e sexualidades na sociedade” (MORRIS; DANIEL; STUHR, 2008, p. 101).</p>	<p>educação e cultura visual: comunidade, justiça social e pós-colonialismo. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). <i>Arte/educação Contemporânea: Consonâncias internacionais</i>. São Paulo: Cortez, 2008, p. 264-276. Tradução de Vitória Amaral.</p>
3.Artes visuais: leitura de imagem e a apuração do olhar para o ensino da arte.	2011	<p>Na sociedade contemporânea atualmente discute-se a necessidade de uma alfabetização visual que englobe a leitura de imagem e compreensão crítica da cultura visual (p.36).</p> <p>(...) as imagens são mediadoras de valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2000, p. 133).</p>	<p>HERNÁNDEZ, F. <i>Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho</i>. Porto Alegre: Artmed, 2000.</p>
4.A leitura de imagem no ensino de arte no 7º ano da	2012	<p>O termo aparece duas vezes no texto de forma genérica.</p> <p>[...] a leitura de mundo, inclui toda a bagagem</p>	<p>Aparece nas referências o livro:</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Cultura Visual Mudança Educativa e Projeto</i></p>

<p>escola João Kubitschek na cidade de Cruzeiro do Sul.</p>		<p>cultural, experiências de vida, toda a cultura visual que está presente desde os primeiros anos de vida (p.12).</p> <p>[...] tomar conhecimento do mundo, conhecendo a nossa cultura visual e a de diferentes povos e sociedades. Essa cultura da imagem engloba a produção cultural local, desde o que está nos museus, nos cartazes publicitários e nos anúncios, nos videoclipes ou nas telas da internet, também o que é realizado pelos docentes e pelos próprios alunos. (SILVA, 2012, p. 12)</p>	<p><i>de Trabalho</i>. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.</p> <p>Mas ele não é citado para conceituar a cultura visual.</p>
<p>5. Leitura de imagem para a arte contemporânea : uma proposta de ensino para o fundamental II da Escola Instituto Santa Juliana de Sena Madureira-Acre.</p>	<p>2012</p>	<p>O termo cultura visual aparece no resumo e nas considerações finais:</p> <p>O presente objeto de estudo transformou-se em guardião, um defensor e propositor de um novo modelo de alfabetização, que tem como mote a cultura visual, cultura essa que deve ser praticada e incluída com mais vigor nos currículos escolares (p. 36).</p>	<p>Não tem referências sobre a cultura visual explicitada no texto.</p>
<p>6.Arte contemporânea</p>	<p>2012</p>	<p>Embora não exista uma metodologia especial para tratar questões da cultura visual, essa</p>	<p>Não consta a referência de FREEDMAN, 2003 e sim:</p>

<p>uma possibilidade para alfabetização visual.</p>		<p>abordagem sugere uma formação de indivíduos mais sensíveis ao impacto das imagens, portanto, solicita uma dinâmica das práticas do ver e desta forma requer novas responsabilidades para a escola e para o arte-educador, no sentido que, estes docentes precisam ser capazes de lidar com dúvidas e incertezas e planejar diferentes percursos de produção e significação através de perspectivas que dilatam o olhar sobre as imagens (p. 20).</p> <p>A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre posições subjetivas e as práticas culturais sociais do olhar (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22).</p> <p>A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos (HERNÁNDEZ, 2000, p.52).</p> <p>A cultura é a forma de viver e a cultura visual dá forma ao nosso mundo, ao mesmo tempo em que é nossa forma de olhar o mundo (FREEDMAN, 2003, p.19).</p>	<p>FREEDMAN, K. <i>Cultura visual e identidad</i>. Cuadernos de Pedagogía. Barcelona, n. 312, p.59-61, 2002.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Cultura Visual Mudança Educativa e Projeto de Trabalho</i>. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.</p> <p>HERNÁNDEZ. Fernando. <i>Catadores da cultura visual</i>. Porto Alegre: Mediação, 2007.</p>
<p>7.O cotidiano do trabalho em Cruzeiro do Sul</p>	<p>2012</p>	<p>A cultura visual tem seu foco nas experiências realizadas pelos sujeitos a partir dessas observações e reflexões de registros visuais</p>	<p>BARBOSA, A. M. <i>Tópicos Utópicos</i>. 6. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.</p>

<p>a partir da obra do pintor de murais Ary.</p>		<p>como os murais que contribuem para a formulação de novos conceitos, novos saberes, novos modos de ser, de viver e de ver o mundo ao seu redor (p. 20).</p> <p>A cultura visual dispõe de um componente estimulante para um currículo integrado pela exposição de imagens e objetos que caracterizam a complexidade, ambiguidade, contradição, paradoxo e múltiplas perspectivas (BARBOSA, 1998, p.46).</p> <p>A Cultura Visual é, em parte, um fenômeno cultural contemporâneo e nesse sentido influencia e está presente no cotidiano de alunos e professores. (CARVALHO, 2010, p. 78)</p>	<p>CARVALHO, Carolina. <i>A Cultura Visual na Educação Artística</i>. Universidade de Lisboa; Faculdade de Belas Artes. Lisboa, Portugal, 2010.</p>
<p>8. “Arte da rua”: um olhar sobre o artista Vik Muniz: uma prática escolar com artista da cidade de Posse-Goiás.</p>	<p>2012</p>	<p>A autora se refere várias vezes ao termo para conceituar o seu trabalho: A perspectiva da cultura visual é de dar ao ‘olhar’ construções de sentido e de subjetividades do mundo atual (p.13).</p> <p>A cultura visual tem a finalidade de expandir uma visão crítica em relação ao poder das imagens. [...] A cultura visual como o termo sugere, ajuda a entender as mudanças na produção visual (p. 14).</p>	<p>MARTINS, Raimundo. <i>Porque e como falamos da cultura visual?</i> Goiás, 2006 – UAB – UnB (Apostila).</p> <p>MARTINS não é citado para conceituar a cultura visual.</p>

		Os variados tipos de manifestações artísticas oferecidas pela cultura visual na contemporaneidade possibilitam a quebra de paradigmas e a valorização do indivíduo em sua cidade favorecendo o acesso da arte em todas as classes (p.27).	
9. A representação da sexualidade nas artes visuais: a fotografia de Robert Mapplethorpe e a poética do desejo no contexto escolar.	2013	<p>A cultura visual estuda as experiências diárias da visualização de imagens e suas implicações no cotidiano social, negando os limites entre o popular e o erudito (p.32).</p> <p>O uso de leitura de imagens relacionadas a temas homossexuais parte do esforço de educar para uma cultura visual inclusiva (p.36).</p> <p>Para Kevin Tavin, há três definições para cultura visual podem ser consideradas: 1) uma condição cultural na qual a experiência humana é profundamente afetada por imagens, novas tecnologias do olhar e diversas práticas do ver, mostrar e retratar; 2) um conjunto inclusivo de imagens, objetos e aparatos; ou 3) um campo de estudo crítico que examina e interpreta díspares manifestações e experiências visuais em uma cultura. (TAVIN, 2009a: 226).</p> <p>Há autores que discordam do poder que a cultura visual contemporânea tem sobre o ensino da arte, os mais conhecidos pela não</p>	<p>DIAS, 2006 não consta nas referências.</p> <p>TAVIN, 2009 não consta nas referências.</p>

		<p>aceitação da influência da cultura visual no ensino da arte/educação são os pesquisadores Louis Torres e Michelle Marder Kamhi: Ambos os pesquisadores discutem que a educação da cultura visual não tem nenhum lugar na arte/educação porque não articulam claramente uma compreensão de que arte “realmente é”. Contudo, eles também não nos esclarecem sobre o verdadeiro conceito de arte a seguido pelos arte/educadores. (Dias, 2006, p. 104)</p>	
<p>10.Uma nova perspectiva didática em artes visuais por meio da cultura visual e da alfabetização visual.</p>	2013	<p>A proposta da vertente didática da cultura visual traz para as mãos do interlocutor o discurso e a crítica, junto da realidade pautada na visão subjetiva dos agentes educandos e educadores (p.9).</p> <p>Relacionar as práticas educativas em artes visuais com a cultura visual pode incluir tanto a discussão sobre um filme, quanto a interferência possível no imediato, como por exemplo, decoração da escola para um evento festivo (p.10).</p> <p>Lima (2009) analisa que o estudo da cultura visual em termos de economia, negócios, tecnologia, experiências da vida diária pode proporcionar uma compreensão crítica com relação ao seu papel na contemporaneidade, indo além da apreciação ou do simples prazer</p>	<p>LIMA, C. R. <i>O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual</i>. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2483-8.pdf>. Acesso em: 10/11/2013.</p> <p>TOURINHO, I. As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? <i>Salto para o futuro</i>, v. 21, n. 09, 2011.</p>

		<p>que as imagens possam proporcionar.</p> <p>Não há uma metodologia especial para tratar as questões da cultura visual. As abordagens são híbridas, diversificadas, ecléticas, podendo utilizar elementos práticos e empíricos, bem como perspectivas teóricas e criativas. Isso porque são várias as implicações decorrentes dessas mudanças culturais que estamos experimentando; chama atenção, especialmente, a liberdade com que essas visualidades misturam materiais, processos de criação, referenciais visuais, conhecimentos, formas de representação e de mediação, conectando e miscigenando culturas, pessoas, práticas de aprender e de ensinar, além de alterar/apagar fronteiras entre áreas de conhecimento anteriormente bem definidas. (TOURINHO, 2011)</p>	
11. Como trabalhar em artes visuais o uso de imagens com alunos do EJA - Educação Para Jovens e Adultos.	2013	<p>O estudo da cultura visual possibilita que se trabalhem os fatos e as imagens a partir do cotidiano do aluno no interior da sala de aula explorando assim sua realidade e experiências e permite ao indivíduo encontrar significação das coisas a partir do meio em que vive (p. 25).</p> <p>O objetivo dos educadores, no processo de descobertas, deveria ser o de considerar os interesses e os prazeres da cultura visual dos</p>	HERNÁNDEZ. Fernando. <i>Catadores da cultura visual</i> . Porto Alegre: Mediação, 2007.

		alunos e alunas como possibilitadores de reflexão crítica. Fernando Hernandez (2007).	
12. Reflexões e intervenções nas práticas do ensino da arte numa perspectiva de alfabetização visual.	2014	<p>Na perspectiva de abordagens teóricas metodológicas contemporâneas para o ensino aprendizagem da arte, devemos considerar que a cultura visual tem um papel importante enquanto campo de estudos transdisciplinar e deve ser considerado, no sentido de propor mudanças na arte-educação (p.14).</p> <p>Na tentativa de compreensão de uma imagem a cultura visual enfatiza suas várias e possíveis interpretações, do ponto de vista contextual social, afirmam ainda que as “imagens mudam de significado quando muda o entorno ou o contexto em que são veiculadas”. (MARTINS; TOURINHO, 2012, p.278).</p> <p>Nascimento (2007) acrescenta que uma dos objetivos da cultura visual é incentivar, desafiar o aluno a ser protagonista na busca, na construção e reconstrução do conhecimento, neste processo professor e aluno ensinam e aprendem concomitantemente.</p>	<p>MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). <i>Culturas das imagens: desafios para a arte e para a educação</i>. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.</p> <p>NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Representações da morte para aproximar a escola da vida: uma experiência com a cultura visual no Ensino Básico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs). <i>Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa</i>. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Neste capítulo, procurei levantar os Trabalhos de Conclusão de Curso das licenciaturas em artes visuais da UFG e UnB que abordavam a cultura visual a partir dos critérios adotados: capa/título, resumo, palavras-chave e sumário. Com estes dados, no capítulo seguinte, divido-os em três categorias de análise.



Capítulo 4

4. A CULTURA VISUAL NOS TCCS DA FAV/UFG E IDA/UNB: REFLEXÕES SOBRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

*Experiência não é o que aconteceu com você,
mas o que você fez com o que aconteceu.
Aldous Huxley*

No capítulo anterior, procurei identificar os Trabalhos de Conclusão de Curso das licenciaturas em artes visuais da UFG e UnB que abordavam a cultura visual a fim de compor um panorama que possibilitasse pensar sobre a produtividade do conceito de cultura visual, no âmbito da graduação, a partir do contexto destas duas universidades.

O objetivo foi investigar como o conceito de cultura visual adentra o campo educacional e conquista visibilidade a partir das produções de cunho científico consubstanciadas nas pesquisas acadêmicas dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Nesta diretriz, interessada em investigar os TCCs em que o conceito de cultura visual aparece como palavra-chave e, para delinear um caminho investigativo, tanto quantitativamente quanto qualitativamente – destaque, neste capítulo, os modos de utilização do conceito de cultura visual nos TCCs. Assim, é importante ressaltar que a seleção dos trabalhos consistiu em um recorte específico das pesquisas com foco neste objetivo, ou seja, não tive a intenção de redesenhar, resumir ou esgotar as análises apresentadas em cada pesquisa.

Após fazer um inventário dos trabalhos, elaborar e aprimorar o procedimento de triagem, efetuar a leitura dos 46 TCCs selecionados que

contemplava a vertente da cultura visual, próxima etapa consistiu em classificar os trabalhos em três categorias, ou abordagens, são elas:

- a) A cultura visual como ferramenta teórica;
24 TCCs (10 UFG, 14 UnB)
- b) A cultura visual como Educação da Cultura Visual;
15 TCCs (2 UFG, 13 UnB)
- c) A cultura visual como expressão genérica.
7 TCCs (2 UFG, 5 UnB)

No processo de análise dos TCCs busquei compreender como o conceito de cultura visual relaciona-se com os pressupostos das investigações que se refletem no modo como os autores operam com o conceito. Para refinar a seleção do corpus de pesquisa escolhi amostras de trabalhos representativos de cada uma das categorias identificadas, pois considero que essa amostra é significativa na medida em que favorece articular um caminho de reflexão no qual as três categorias adotadas possam ser mais proveitosamente examinadas.

Para o procedimento de análise do corpus das pesquisas, e com a intenção de ampliar a compreensão acerca do espectro de possibilidades de usos do conceito em estudo, apresento os fundamentos da abordagem teórica da cultura visual, da abordagem da educação da cultura visual e da abordagem da cultura visual como expressão genérica encontradas nos trabalhos.

Figura 13 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial da FAV/UFG.

Título	Ano	Categoria
1.Educação e cultura visual: uma experiência com imagens de um “clipe” numa turma de alunos do 8º ano do CEPAE.	2007	a)

2. Representações da mulher na arte e na mídia impressa: valores, conflitos e experiências com um grupo de estudantes do ensino médio.	2008	a)
3. Memória social, educação e ensino da arte.	2010	a)
4. Arte contemporânea e fotografia: uma reflexão acerca do cotidiano dos surdos.	2011	a)
5. Comer com o olhar: sentidos de memória e subjetividade.	2011	a)
6. Ensino de artes visuais e contemporaneidade: aproximações a partir do cotidiano escolar.	2011	a)
7. Visualidades do cotidiano: suas influências e transformações nas representações de alunos.	2011	b)
8. Imagens, representações sociais e influências do espaço de vivências do estudante em sua formação identitária.	2011	a)

Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora.

Figura 14 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância da FAV/EaD/UFG.

Título	Ano	Categoria
1. Trajeto UFG-FAV-EAD: transformações na arte e na vida.	2012	c)
2. Lições intermitentes da trajetória do arte educador na UFG/FAV/EAD.	2013	a)

3.Descobertas de educadoras através do ensino e aprendizagem das artes visuais e da cultura visual.	2013	a)
4.Docência em arte-educação: memórias e trajetórias.	2013	b)
5.Construção de uma identidade em licenciatura em artes visuais na modalidade à distância.	2013	c)
6.Ver-sentir-fazer: tecendo aproximações entre arte e cultura visual e significados no ensino de arte.	2013	a)

Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora.

Figura 15 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial do IdA/UnB.

Título	Ano	Categoria
1.O desafio das imagens: a inserção do jogo no ensino das artes.	2011	c)
2.Um olhar sobre a arte contemporânea na 29ª Bienal de São Paulo através da educação em cultura visual.	2011	a)
3.Práticas pedagógicas e as diferenças: educação da cultura visual e Teoria Queer.	2012	b)
4.Educação das artes visuais em páginas singulares: uma proposição metodológica com o livro de artista.	2012	a)

5.Cultura visual como colaboradora no ensino de artes.	2012	b)
6. A imagem, o ensino e o currículo: um estudo sobre o currículo da rede pública do Distrito Federal para o Ensino Fundamental – anos finais, pela perspectiva da cultura visual.	2013	b)
7. O encantamento do olhar: a cultura visual no olhar cotidiano.	2013	b)
8.Cultura visual e protagonistas negras: representações visuais das mulheres negras na primeira pessoa do plural.	2013	a)
9.Mediações em cultura popular na sociedade da imagem: um tempo vivo e presente.	2013	a)
10. Artes visuais: a sua importância na formação do conhecimento.	2013	a)
11.Redes da arte/educação: a educação pela cultura visual.	2013	b)
12.Cartografia da/na arte: mapas como ferramentas de culturas visual e migrante.	2013	a)
13.Dualidade entre mundo informatizado e escola tradicional.	2014	a)
14. História em quadrinho e seu potencial como objeto de ensino e aprendizagem.	2014	c)
15. Ray Ban metodológico: uma visão sobre experiências metodológicas de ensino e aprendizagem de Artes Visuais no Brasil.	2014	b)

16. Se não for pra causar nem saio de casa: Drag Queen como potência pedagógica.	2014	b)
17. Estratégias de mediação na exposição Leonardo da Vinci e a natureza da invenção.	2015	b)
18. Leitura de imagem e o ensino das artes no Brasil.	2015	b)
19. A xilogravura na literatura de cordel: apontamentos teóricos visando a dialogicidade.	2015	a)
20. Subjetividade: um olhar para o ensino das artes visuais.	2015	a)

Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora.

Figura 16 – Quadro com os TCCs da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade a distância do IdA/EaD/UnB.

Título	Ano	Categoria
1. Cultura visual de prédios históricos: uma proposta pedagógica de ensino de arte.	2011	a)
2. Narrativas visuais: um “olhar” voltado para um cotidiano escolar sob a perspectiva da cultura visual.	2011	b)
3. Artes visuais: leitura de imagem e a apuração do olhar para o ensino da arte.	2011	a)
4. A leitura de imagem no ensino de arte no 7º ano da escola João Kubitschek na cidade de Cruzeiro do Sul.	2012	c)

5. Leitura de imagem para a arte contemporânea: uma proposta de ensino para o fundamental II da Escola Instituto Santa Juliana de Sena Madureira-Acre.	2012	c)
6.Arte contemporânea: uma possibilidade para alfabetização visual.	2012	b)
7.O cotidiano do trabalho em Cruzeiro do Sul a partir da obra do pintor de murais Ary.	2012	a)
8. “Arte da rua”: um olhar sobre o artista Vik Muniz: uma prática escolar com artista da cidade de Posse-Goiás.	2012	c)
9. A representação da sexualidade nas artes visuais: a fotografia de Robert Mapplethorpe e a poética do desejo no contexto escolar.	2013	a)
10.Uma nova perspectiva didática em artes visuais por meio da cultura visual e da alfabetização visual.	2013	b)
11. Como trabalhar em artes visuais o uso de imagens com alunos do EJA - Educação Para Jovens e Adultos.	2013	a)
12.Reflexões e intervenções nas práticas do ensino da arte numa perspectiva de alfabetização visual.	2014	b)

Fonte: Elaborado pela própria pesquisadora.

4.1 A cultura visual como ferramenta teórica

Na seleção dos trabalhos foram identificados 24 TCCs, - 10 da UFG e 14 da UnB. Nessas pesquisas, a vertente da cultura visual foi utilizada como fundamentação teórica. O termo cultura visual aparecia seguido de sua conceituação ou referenciado por autores. Como eixo norteador para compreensão desta categoria de análise, apresento a definição de Silva (2010, p.74-75), encontrada em três TCCs, sobre três dimensões da cultura visual, e será utilizada com o intuito de clarificar o conceito defendido pelos trabalhos, a saber:

DIMENSÃO FENOMENOLÓGICA: refere-se à condição cultural contemporânea em que o predomínio dos registros visuais influencia a construção de novos saberes e novos modos de ser;
DIMENSÃO SUBSTANCIAL: inclui imagens, objetos e lugares criados com fins estéticos, ideológicos ou práticos e que apelam ao sentido da visão de forma significativa;
DIMENSÃO PEDAGÓGICA: reflete sobre a prática do ver e ser visto e é um campo interdisciplinar. (TCC 6, FAV/UFG, 2011; TCC 1, IdA/EaD/UnB, 2011; TCC 7, IdA/EaD/UnB, 2012)

Nesta perspectiva, a cultura visual como ferramenta teórica, nestes TCCs analisados, sinaliza para o diálogo e a interface entre as dimensões fenomenológica, substancial e pedagógica. Tavin corrobora com este argumento ao esclarecer que “a cultura visual enquanto fenômeno refere-se à condição cultural contemporânea em que a experiência, subjetividade e consciência são profundamente afetadas pelas imagens e práticas do ver, mostrar e imaginar” (2003, p. 201). (TCC 1, IdA/EaD/UnB, 2011). Assim, a dimensão fenomenológica faculta refletir sobre a construção cultural do olhar e como esta experiência permeia todo o processo de leitura, análise e interpretação das visualidades. Ainda de acordo com Tavin, “a dimensão fenomenológica da cultura visual enfatiza o lado cultural do termo enquanto que na sua dimensão substancial é destacado o lado visível” (2003, p.101). A dimensão pedagógica focaliza as

experiências realizadas pelas observações, reflexões e análises dos sujeitos frente aos símbolos e a multiplicidade de linguagens que assolam o cotidiano.

[...] mesmo dentro de uma abrangência de três dimensões, a cultura visual tem seu foco nas experiências realizadas pelos sujeitos a partir de suas observações e reflexões de registros visuais, tão importantes e necessários para a formulação de novos conceitos, novos saberes, novos modos de ser, de viver e de ver o mundo ao seu redor (TCC 1, IdA/EaD/UnB, 2011, p.19)

As principais referências encontradas nos TCCs advêm das contribuições de Hernandez (2000, 2007), Martins (2005), Martins e Tourinho (2011). Os trabalhos produzidos com estes enfoques atribuem a importância dos estudos da cultura visual nas pesquisas com artefatos artísticos, históricos e culturais, a partir de registros visuais observados e interpretados.

Para Hernández (2000, p. 52), a importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentaram pessoalmente e para que sua experiência dos objetos e dos fenômenos que constituem a realidade seja por meio desses objetos mediacionais que denominamos artísticos. (TCC 1, FAV/UFG, 2007; TCC 6 IdA/EaD/UnB, 2012)

No TCC 12, IdA/UnB, 2013, o autor também traz as contribuições de Hernández.

Fernando Hernandez traz uma nova forma de conceitualização da cultura visual através do uso e estudo das imagens. Ao invés de restringir o indivíduo a perguntas como: "o que você vê nessa imagem?" ou "qual história conta essa cena?", Hernández defende que este passe a se questionar de outra forma, como: "o que vejo de mim nessa representação visual?", "o que diz esta imagem de mim?" ou "como essa representação contribui na minha construção identitária, como forma de ver-me e ver o mundo?" (2007, p.38).

O TCC 19, IdA/UnB, 2015, traz ainda

Sobre o debate em torno do que denominamos por cultura visual, converge uma série de propostas intelectuais em termos de práticas culturais relacionadas ao olhar e às maneiras culturais de olhar na vida contemporânea, especialmente sobre as práticas que favorecem as representações de nosso tempo e levam-nos a repensar as narrativas do passado. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22)

Para demonstrar como uma pesquisa é fundamentada na abordagem teórica da cultura visual, exemplifico o TCC 3, FAV/UFG, 2010. As autoras trabalharam os conceitos sobre memória social e suas implicações entre arte e educação. O objetivo do trabalho visava estimular o aluno à percepção e representação de formas significativas de suas memórias, mostrando que suas lembranças fazem parte da constituição de suas vidas e identidades. Para tanto os alunos produziram artefatos culturais: uma colcha de retalho e cartões postais, onde foram expressas suas memórias.

A investigação segundo elas voltou-se para a pesquisa prático-teórica que teve como eixo metodológico a investigação etnográfica. O TCC, em forma de artigo, abordou a importância da cultura visual ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana das pessoas. As autoras se utilizaram de pesquisadores que conceituaram a cultura visual para justificar a escolha da produção artística.

[...] apreendemos com os estudos sobre cultura visual que a atividade artística não é privilégio somente de algumas pessoas eruditas nem são “obras de arte”, legitimadas pela exclusão de práticas populares. Elas, “as atividades artísticas”, podem operar partindo do particular, do detalhe, da existência comum e de objetos banais que nos oferecem relações intertextuais. Ou seja, a rede textual da cultura de mercadorias, da formação da comunidade e de suas memórias. (FROW, MORRIS, 2006)³⁷

Autora do TCC 20 do IdA/UnB, 2015 propôs uma prática educativa utilizando-se das representações dos alunos em diálogo com os meios da arte

³⁷ Estes autores não constam nas referências do TCC.

postal e das possibilidades de atuação desta arte, estudadas a partir das obras de artistas como Paulo Bruscky.

Figura 17 – Obras do artista Paulo Bruscky. Acervo CAL UnB..



Fonte: TCC 20, IdA/UnB, 2015.

Figura 18 – Trabalho dos alunos.



Fonte: TCC 20, IdA/UnB, 2015.

A autora do TCC 9, IdA/EaD/UnB, 2013, também é um exemplo desta abordagem se caracterizar pela fundamentação teórica da pesquisa. O trabalho teve como tema a questão do gênero e as manifestações da sexualidade nas artes visuais, usando a leitura de imagens fotográficas como elemento de apropriação do exercício do olhar crítico e reflexão dos papéis relacionados à diversidade sexual e suas representações na arte.

Figura 19 – Foto de Robert Mapplethorpe. Thomaz, 1987.



Fonte: TCC, 9, IdA/EaD/UnB, 2013.

A cultura visual neste trabalho justifica a escolha do tema abordado.

A cultura visual abrange estudos em diversos campos do conhecimento: História, Filosofia, Linguagens, Publicidade, Artes. Para Kevin Tavin, há três definições para cultura visual podem ser consideradas: (1) uma condição cultural na qual a experiência humana é profundamente afetada por imagens, novas tecnologias do olhar e diversas práticas do ver, mostrar e retratar; 2) um conjunto inclusivo de imagens, objetos e aparatos; ou 3) um campo de estudo crítico que examina e interpreta díspares manifestações e experiências visuais em uma cultura. (TAVIN, 2009, p. 226)³⁸

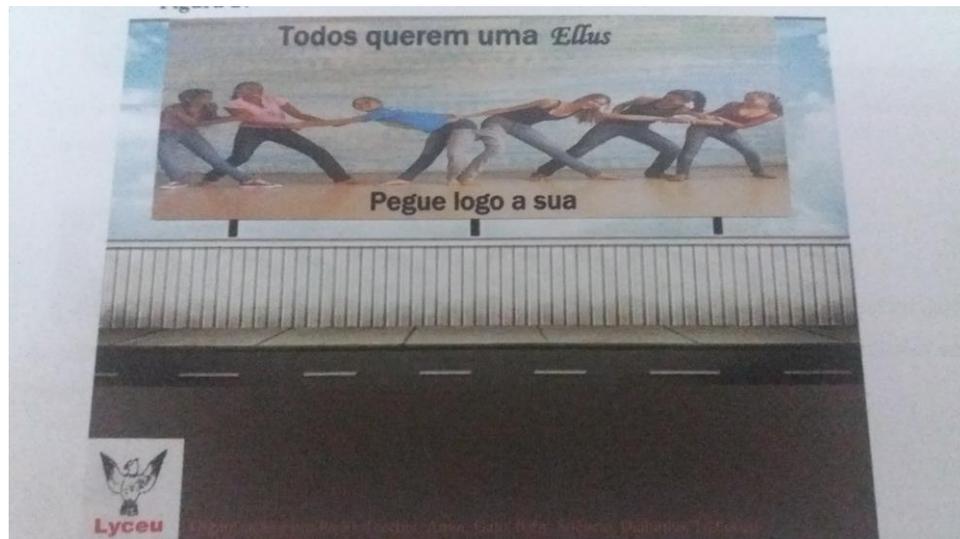
A autora do TCC 2 da FAV/UFG, 2008, também justifica o trabalho a partir do conceito da cultura visual. O trabalho é fundamentado nos estudos de gênero e da cultura visual. A pesquisa foi realizada com educandos de uma escola pública de Goiânia. Para abordar essas representações foram apresentadas imagens da mulher em propagandas da mídia impressa atual.

A partir de uma ação pedagógica no ensino da Arte, a autora trabalhou essas imagens com objetivo de explorar uma abordagem mais participativa e questionadora sobre as representações favorecendo, assim a compreensão da cultura visual que elas representam.

Na perspectiva da cultura visual, a mídia impressa, o cotidiano e a arte são referências que articulam sentidos e significados, motivando os sujeitos para questionamentos e revelando conflitos, capacidade de compreensão e transformação produzida por essas imagens (TCC 2, FAV/UFG, 2008, p. 17-8).

³⁸ Este autor não consta na referência do TCC.

Figura 20 – Imagem da propaganda criada pelos alunos.



Fonte: Foto tirada do TCC 2 da FAV/UFG, 2008.

A cultura visual nos trabalhos analisados questiona e discute a necessidade de rever e ambientar o conceito de valor num mundo onde experiências do cotidiano sugerem novos modos de perceber, sentir e pensar. Essas novas formas de perceber, sentir e pensar subvertem conceitos e trazem implicações epistemológicas e políticas para as práticas visuais e para o modo como elas são tratadas nas instituições acadêmicas.

O TCC 8 do IdA/UnB, 2013, foi um estudo sobre representações visuais de mulheres negras elaborado a partir dos efeitos produzidos pela cultura visual hegemônica no Brasil. O objetivo foi o de analisar a construção dos discursos, a produção de sentidos e a criação dos estereótipos presentes nos modos mais recorrentes de olhar o referido segmento. Avaliou os efeitos dessas práticas na formação identitária das mulheres negras, e na construção do imaginário social e cultural da sociedade brasileira. Tem um capítulo dedicado a *Mulheres negras: cultura visual e educação* para fundamentar a pesquisa.

Figura 21 – Adelaide: personagem do Programa Zorra Total (Rede Globo de TV).



Fonte TCC 8, IdA/UnB, 2013.

Figura 22 – Anúncio de propaganda da cerveja Devassa, 2010.



Fonte TCC 8, IdA/UnB, 2013.

A ênfase da cultura visual é na compreensão crítica da visualidade que toma o sujeito não apenas como receptor, mas também como intérprete. Desse modo, esta abordagem possibilita construir novos relatos e colocar o próprio olhar através de narrativas que não são apenas verbais, mas, também, visuais ou sensoriais.

A compreensão crítica nos ajuda a aprender, a questionar as representações consideradas universais, como a história da arte vem fazendo, aquelas que fazem parte de um repertório oficial e são preservadas por um modo de interpretação reconhecido e legitimado institucionalmente.

A partir desses entrelaçamentos, compactuo com Martins quando se refere a cultura visual, que diferente de outros campos de estudo, aborda e discute a “imagem a partir de outra perspectiva, considerando-a não apenas em termos do

seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (2008, p. 30). Desse modo, estes trabalhos apresentam esta perspectiva quando fundamentam suas pesquisas na cultura visual.

4.2 A cultura visual como Educação da Cultura Visual

No transcurso das análises desenvolvidas encontrei 15 TCCs, - 2 da UFG e 13 da UnB, cujas pesquisas utilizam o termo Educação da Cultura Visual ou abordavam a cultura visual como metodologia na educação. Nesses trabalhos, as referências utilizadas originam-se de Martins (2008); Tourinho e Martins (2011) e Tourinho (2011), para os TCCs encontrados na FAV/UFG.

O propósito da educação da cultura visual não é substituir conceitos, abordagens curriculares ou práticas do ensino de arte, mas inserir e incorporar no fazer artístico a discussão do lugar/espço das imagens – qualquer imagem ou artefato artístico – e seu potencial educativo na experiência humana (TOURINHO; MARTINS, 2011, p. 57) (TCC 7, FAV/UFG, 2011).

Nos TCCs do IdA/UnB as referências são Dias (2006; 2011), Hernandez (2007), Tourinho (2011); Ballengee-Morris, Daniel, Stuhr (2008); Nascimento (2009). Importante então, retomar o conceito de Educação da Cultura Visual para elucidar esta categoria de análise, conforme a informação de um dos TCCs, ao citar Dias (2006),

Esta [educação da cultura visual] é entendida como uma “recente concepção pedagógica que destaca as ubíquas representações visuais do cotidiano como elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça.” (DIAS, 2006, p. 103). (TCC 3, IdA/UnB, 2011)

O TCC 9, IdA/EaD/UnB, 2013, traz as considerações de Dias sobre a influência da cultura visual na educação não ser aceita por todos.

Há autores que discordam do poder que a cultura visual contemporânea tem sobre o ensino da arte, os mais conhecidos pela não aceitação da influência da cultura visual no ensino da arte/educação são os pesquisadores Louis Torres e Michelle Marder Kamhi: Ambos os pesquisadores discutem que a educação da cultura visual não tem nenhum lugar na arte/educação porque não articulam claramente uma compreensão de que arte “realmente é”. Contudo, eles também não nos esclarecem sobre o verdadeiro conceito de arte a seguido pelos arte/educadores. (Dias, 2006, p. 104)

Contudo, o autor do TCC 3 do IdA/UnB, 2012, justifica a importância da cultura visual na educação, justamente por abranger um número maior de visualidades e não só as consideradas artísticas. “A educação da cultura visual possibilita que a arte/educação trate a arte e as imagens de um modo mais pluralista e permita, assim, maior liberdade de sujeitos não normativos conquistarem visibilidade em um campo ainda fechado” (p. 20).

O autor do TCC 6 do IdA/UnB, 2013, também compartilha da mesma ideia ao afirmar que “a cultura visual permite novas problematizações das questões da história da arte e da própria arte, ampliando objetos de estudos ao mesmo tempo em que redefine conceitos e propõe novos desafios” (p. 12). E se apoia em Dias para reafirmar que, “a educação da cultura visual, então, conduz primariamente ao diálogo para a compreensão crítica do mundo, dirigindo “a ações assentadas para resistir processos de superioridades, hegemonias e dominação nas nossas vidas diárias” (2011, p. 62)”.

Os autores dos TCCs abordados, não consideram que a cultura visual na educação venha com a intenção de não valorizar os objetos artísticos e a história da arte. O que nos traz o autor do TCC 5 do IdA/UnB, 2012, na afirmação de Dias,

A educação da cultura visual não anula a arte considerada de elite do currículo, ela “aborda os percursos curriculares a partir de perspectivas inclusivas nas quais diferentes formas de produção da cultura visual possam ser estudadas e entendidas de um modo mais relacional e contextual e menos hierárquicas.” (DIAS, 2011, p.62).

O TCC 16 do IdA/UnB, 2014 explorou as possibilidades pedagógicas motivado pela comunhão de sua vivência Drag Queen aos estudos de gênero e sexualidade já realizados em sua trajetória acadêmica. O autor buscou trazer a problemática heteronormativa, assim como a abordagem de representações transviadas, para o âmbito da educação em cultura visual.

Figura 23 – Projeto fotográfico “HalfDrag” © Leland Bobbé.



Fonte TCC 16, IdA/UnB, 2014.

Três trabalhos utilizam, como referência principal, para compreender esta categoria, as concepções de Tourinho (2011, p.13), sintetizadas na explanação abaixo:

Não há uma metodologia especial para tratar as questões da cultura visual. As abordagens são híbridas, diversificadas, ecléticas, podendo utilizar elementos práticos e empíricos, bem como perspectivas teóricas e criativas. Isso porque são várias as implicações decorrentes dessas mudanças culturais que estamos experimentando; chama atenção, especialmente, a liberdade com que essas visualidades misturam materiais, processos de criação, referenciais visuais, conhecimentos, formas de representação e de mediação, conectando e miscigenando culturas, pessoas, práticas de aprender e de ensinar, além de alterar/apagar fronteiras entre áreas de conhecimento anteriormente bem definidas. (TCC4, FAV/EaD/UFG, 2013; TCC 6 IdA/EaD/UnB, 2012; TCC10, IdA/EaD/UnB, 2013)

Apesar de afirmarem não haver uma metodologia especial para tratar as questões da cultura visual, algumas pesquisas, justificam suas escolhas metodológicas nesta abordagem.

A autora do TCC 2 do IdA/EaD/UnB (2011), investigou o poder da imagem que permeia as paredes, cadernos, corpos, cabelos, carteiras, muros de uma escola pública no interior de São Paulo no qual a autora atua como arte/educadora.

Figura 24 – Imagens de desenho sobre papel realizado pelos alunos.



Fonte: TCC 2, IdA/EaD/UnB, 2011

O trabalho procurou buscar respostas a indagações sobre o que é hoje, no Brasil, ser um arte/educador em cenários como os da escola pesquisada: ilhados por violência, drogas e controle de facções. A partir de uma imagem considerada contraventora que está presente na relação entre indivíduo, a escola e o cotidiano dos alunos, justifica a escolha metodológica da cultura visual de acordo com Martins (2006), “o objeto de estudo da cultura visual não é especificamente a arte ou a cultura popular, mas a interpretação crítica da arte, da imagem, do visual”. (p. 77).

Mudanças ao que concerne ao modo de ver e conceber a arte pela entrada da cultura visual foram questões imprescindíveis para enfatizar a relação arte e vida, ou seja, a arte e a imagem como parte do cotidiano e como parte de uma convivência diária com nossa diversidade (TCC 2, IdA/EaD/UnB, 2011, p. 37).

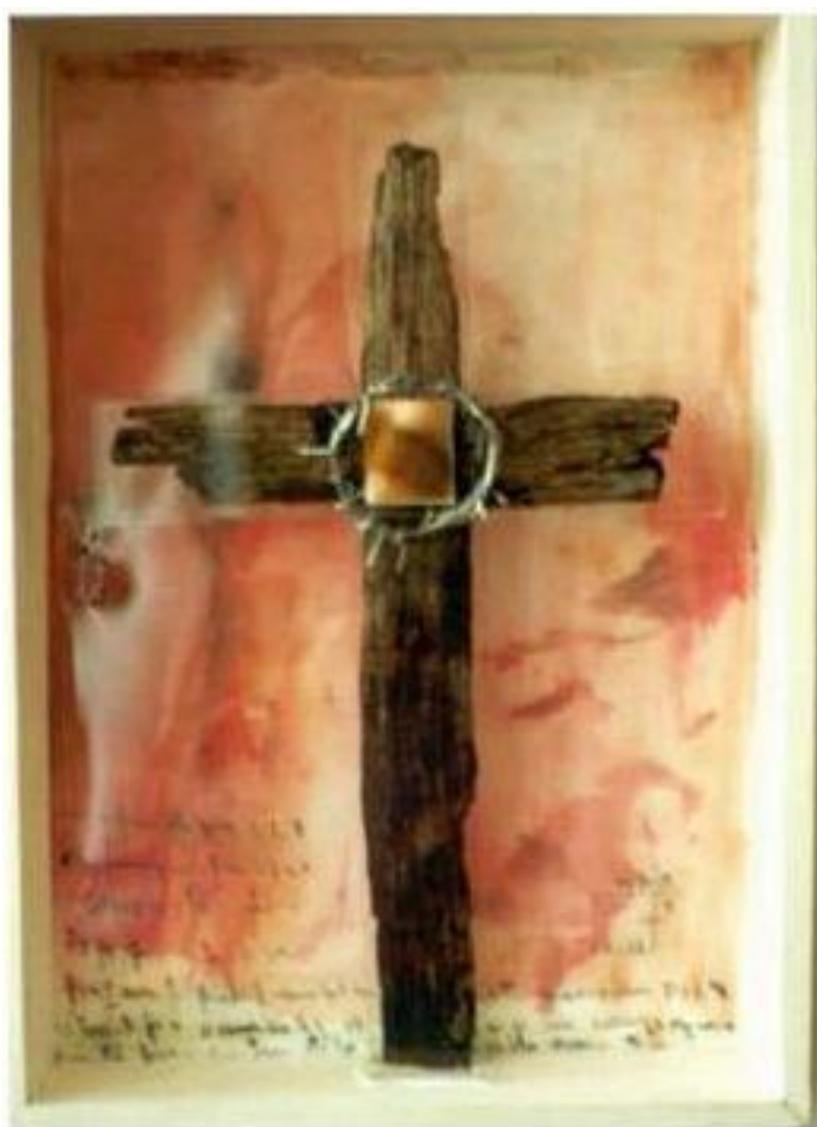
Ideia também compartilhada pelo autor do TCC 7 do IdA/UnB, 2013,

Cultura visual como metodologia auxiliadora do ensino das artes visuais visa compreender as regularidades e distinções dentre os conhecimentos estabelecidos e investigar os resultados dessas relações na estruturação das subjetividades para se elaborar narrativas visuais a partir de diversos meios e processos, tendo em foco a autoria e ação do aprendiz. (p.19)

A análise dos TCCs que abordam a Educação da Cultura Visual revelou alguns pontos em comum entre eles. Esses trabalhos não propõem aprender um meio, uma técnica, mesmo que isso possa acontecer em alguns destes. Todos trabalham com problemas, questões, que surgem a partir das imagens, sejam imagens da arte ou não. Discutem as imagens produzidas nas diversas classes sociais ou de gênero, sobretudo noções estereotipadas sobre o próprio processo pedagógico.

O TCC 6 do IdA/UnB, 2012, teve como propósito refletir sobre informações e ações desenvolvidas no âmbito escolar acerca da análise e interpretação de obras contemporâneas, com o objetivo de explicitar como e quanto esta prática pode colaborar para uma alfabetização visual e uma formação crítica. O objetivo do trabalho foi reunir dados que pudessem colaborar com as imagens produzidas na contemporaneidade e sua compreensão crítica da cultura visual.

Figura 25 – Atributos, 2000. Aninha Duarte. Cruz.



Fonte: Tcc 6, IdA/UnB, 2012.

Figura 26 – Trabalhos dos alunos.



Fonte: Tcc 6, IdA/UnB, 2012.

O ponto em comum dessas abordagens da Educação da Cultura Visual é a característica da reflexibilidade, tanto de discentes como de docentes, que olham para si mesmos na tentativa de compreenderem seus contextos, como também seus posicionamentos nesses contextos.

A partir do exposto, podemos concluir que esses TCCs de Educação da Cultura Visual se fundamentam em um posicionamento pedagógico que prioriza quem vê, a subjetividade que se relaciona com a imagem, aberta a outras interpretações e modos de ver e pensar.

4.3 A cultura visual como expressão genérica

Em 7 TCCs - 2 da UFG e 5 da UnB, o conceito de cultura visual não é discutido teoricamente. Concomitantemente, não consegui obter informações mais aprofundadas sobre o entendimento conceitual dos autores sobre a cultura visual, e em alguns casos, não foram encontradas referências que conceituassem este campo de estudos. Como podemos observar no trecho do resumo:

Passamos por várias disciplinas dentro do curso que nos revelavam, a cada encontro presencial, a necessidade da busca por novos conhecimentos e metodologias na área do ensino de artes e da cultura visual. Busca essa que se faz necessária para a construção da identidade subjetiva como arte educadoras críticas e comprometidas com o ensino de artes nas nossas escolas. (TCC 5, FAV/EaD, 2013).

Em outro TCC, encontramos a mesma situação. Apesar de citarem a importância de novos conhecimentos e metodologias, o conceito de cultura visual não é discutido no âmbito teórico. O termo aparece várias vezes no capítulo, como sinônimo das imagens do cotidiano:

Devemos considerar que o ensino das artes deve se diferenciar, também pela inserção da cultura visual em seu conteúdo, para que o educando preste mais atenção e compreenda um pouco mais o cenário que o cerca (p.13).

A cultura visual visa aproximar ainda mais o aluno e o professor daquilo que está sendo vivido (p. 29). (TCC 1 IdA/UnB, 2011)

Figura 27 – Desafio das imagens.



Fonte: TCC 1, IdA/UnB, 2011.

Neste caso, presume-se que o autor tenha tido algum contato com o conceito da cultura visual porque aparece nas referências um livro que aborda a cultura visual: Martins e Tourinho (2009). Autores que aparecem em várias citações dos TCCs. Podemos encontrar referências de Hernández no livro de Martins e Tourinho, mas não sobre a cultura visual. Parece-me que ao não conceituar o termo cultura visual, esta pesquisa considera a expressão cultura

visual apenas como uma cultura que é visual ou sinônimo para o visual. Nesta perspectiva, a cultura visual parece ser compreendida como cultura da imagem, ou seja, uma visão teórica restrita ao domínio da imagem e fenômenos da experiência visual. Como podemos ver no TCC 5 do IdA/EaD/UnB, 2012. O termo cultura visual aparece no resumo:

[...] os professores poderão nortear suas práticas centradas na leitura de imagem. Acredito ser indispensável que a escola tenha em seu currículo a proposta de ensino da cultura visual. O aluno necessita ter acesso às produções visuais de seu tempo, conhecer os olhares de cada artista em relação ao mundo, para assim, poder reformular suas próprias concepções a respeito da sua cultura e de sua identidade.

E nas considerações finais:

O presente objeto de estudo transformou-se em guardião, um defensor e proponente de um novo modelo de alfabetização, que tem como mote a cultura visual, cultura essa que deve ser praticada e incluída com mais vigor nos currículos escolares (TCC 5, IdA/EaD/UnB, 2012, p. 36).

Em outro caso, a autora do TCC 8 do IdA/EaD/UnB, 2012, se refere várias vezes ao termo para conceituar o seu trabalho, mas não faz referência ao conceito ou aos autores:

A perspectiva da cultura visual é de dar ao 'olhar' construções de sentido e de subjetividades do mundo atual (p.13).

A cultura visual tem a finalidade de expandir uma visão crítica em relação ao poder das imagens. [...] A cultura visual como o termo sugere, ajuda a entender as mudanças na produção visual (p. 14).

Os variados tipos de manifestações artísticas oferecidas pela cultura visual na contemporaneidade possibilitam a quebra de paradigmas e a valorização do indivíduo em sua cidade favorecendo o acesso da arte em todas as classes (p.27).

Figura 28 – Imagens da casa do artista Joaquim de Simão.



TCC 8, IdA/EaD/UnB, 2012.

O TCC 14 do IdA/UnB, 2012, o autor investigou a utilização das histórias em quadrinhos (HQs) como objeto de ensino e aprendizagem. Essa pesquisa teve como principal objetivo evidenciar a importância da utilização dessas HQs dentro do ambiente escolar, a partir de estudos, de observações realizadas durante os estágios, além de suas próprias experiências, adquiridas antes e durante o curso de artes plásticas.

Figura 29 – Cássio Batista. Panqueca e Bisnaguinha. HQ. Brasil. 2012



Fonte TCC, 14, IdA/UnB, 2014.

Apesar do campo de estudo da cultura visual ser relativamente novo, é preciso ter bastante cuidado com suas generalizações na pesquisa científica. O aluno da licenciatura ao elaborar um trabalho acadêmico, precisa ter algumas referências da abordagem escolhida.

Os TCCs analisados apontam para uma tentativa de conceituar, mas sem aprofundar nesta vertente, pois os autores não apresentam pressupostos para conceituar e situar este campo de estudos teoricamente. Neste aspecto, entendo que a expressão genérica remete a uma forma mais abrangente de compreender a cultura visual, conforme explica Knauss (2006) este entendimento “aproxima o conceito de cultura visual da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos de visualidade” (2006 p.106).

A partir do levantamento dos TCCs e da análise referente aos modos de utilização do conceito de cultura visual discutidos neste capítulo, a fim de fomentar reflexão acerca do objeto em foco, torna-se relevante refletir de forma crítica sobre o papel do Trabalho de Conclusão de Curso no âmbito da licenciatura em artes visuais.

O TCC pode ser compreendido como um constructo epistemológico constituído por um conjunto de experiências formativas, capaz de enriquecer a vida intelectual do discente, com conhecimentos novos e novas experiências. O tratamento científico conferido à vertente da cultura visual nos TCCs analisados, evidentemente, reflete-se na formação de professores para o ensino de arte. Embora, a formação para a pesquisa seja encaminhada no decorrer das vivências curriculares durante o curso de licenciatura, o TCC configura-se mais do que um ritual de passagem, pois é o resultado de todo um processo de constituir-se professor.

Assim, as experiências vivenciadas na etapa formativa do TCC constituem múltiplas relações ao promover criações de ações que oferecem potência para (re) pensar o lugar de ser professor e as constantes aprendizagens do mundo. Inúmeras experiências são capazes de produzir atravessamentos nos sujeitos,

neste sentido, relembro Larrosa quando ele se refere às experiências e percepções,

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (LARROSA, 2002, p. 27)

Por isso a importância de, durante o processo de formação de professores de artes visuais, os discentes terem acesso ao campo de estudos da cultura visual seja como um conteúdo curricular ou como uma possibilidade teórica para embasar o momento do estágio e das práticas de ensino.

Essas discussões, com ênfase na abordagem da cultura visual, no âmbito da formação do professor, por conseguinte, convergem para o momento de realização das pesquisas de conclusão de curso. Diante disso, os alunos e alunas, no momento da graduação podem ter acesso à oportunidade de discutir sobre a cultura visual e sobre as suas próprias práticas de ensino, como um caminho para ampliar a reflexão crítica sobre aquilo que tendem a desenvolver depois de formados.

Os papéis de discente, professor e pesquisador se confundem durante a realização do TCC e estar aberto a novas experiências permite entender a complexidade dos cenários que nos rodeiam e que nos fazem ser atores partícipes de experiências nesta inter-relação entre todas as facetas de formação. Por isso, a importância de refletir sobre a abordagem da cultura visual como um eixo teórico na formação de professores de arte, numa perspectiva, que se deve

refletir sobre a atuação profissional na educação de forma a desenvolver a experiência e a aprendizagem significativa.

Refletir sobre o ensino e a pesquisa a partir do campo de estudos da cultura visual, como um dos eixos de uma proposta de formação, tendo na arte seu campo de discussão e conhecimento, certamente, esta possibilidade sinaliza para os cursos de licenciatura a abertura de um campo de observação para os comportamentos dos fenômenos culturais e sociais.

A cultura visual estuda e investiga a imagem como via de acesso ao conhecimento, como possibilidade e contempla os diversos sistemas de imagens e eventos visuais presentes na organização simbólica de cada sociedade, conforme esclarece Hernandez:

[...] não se trata somente de ensinar aos futuros docentes estratégias para serem professores, mas se trata de que vivam essas estratégias mediante a criação de situações de vivência, convivência e colaboração; dando abertura à diversidade sempre presente nos grupos, possibilitando que se trabalhem os interesses, as demandas ou os desejos e a postura de investigação que alimenta a (re) construção de conhecimentos; e mantendo um quadro constante de negociação de todos estes processos entre eles e nas práticas com os orientadores e os estudantes. (HERNÁNDEZ, 2005, p.32)

Como docente, pesquisadora e aluna, todas essas considerações, me levam a pensar que os alunos de graduação podem ter um encontro com a vertente da cultura visual não apenas como forma de aprendizado para cumprir o currículo do curso, mas como forma de ter na teoria uma oportunidade de prática em seu local de atuação profissional, ou seja, a escola.

O encontro com a cultura visual pode ser uma possibilidade no âmbito da teoria e um caminho para conduzir as práticas pedagógicas, que possibilitem aos futuros docentes criar momentos em suas formações para refletir sobre as relações entre a experiência do cotidiano e a experiência do fazer, no momento da docência, transformando esse espaço em um território de descobertas e

interações entre sujeito e objeto de pesquisa num entrelaçar entre o eu e o outro como foco nas investigações em educação e na formação de professores.

A seguir, sem a intenção de esgotar o assunto, teço minhas considerações, reflexões sobre os apontamentos da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas
que já tem a forma do nosso corpo
e esquecer os nossos caminhos
que nos levam sempre
aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia
e se não ousarmos fazê-la
teremos ficado para sempre
à margem de nós mesmos.
Fernando Teixeira*

Os atravessamentos pessoais, profissionais, acadêmicos perpassaram todo este processo de pesquisa. Uma jornada repleta de encontros, desencontros, de presenças e ausências. O processo de elaboração de um TCC configura-se como uma travessia que remete a uma experiência de passagem, transitória, porém marcante, um espaço simbólico de criação de situações de vivências.

Esta pesquisa, também um Trabalho de Conclusão de Curso, me fez percorrer essa jornada. Recortar, organizar, selecionar decisões que tomamos nos percursos traçados. Uma travessia cujo primeiro passo consiste em olhar pra si, enquanto indivíduo capaz de se desterritorializar, permitindo-se ser atravessado, repensar as realidades e desestabilizar as velhas certezas dos caminhos tradicionais já conhecidos.

Esta pesquisa buscou investigar as produções nos Trabalhos de Conclusão de Curso nas Licenciaturas em Artes Visuais de duas universidades brasileiras a fim de verificar a inserção do campo de estudos da cultura visual, no âmbito acadêmico, no período entre 2007 e 2015. Esta tese atribuiu categorias evidenciadas nas pesquisas, acreditando que a partir do inventário das concepções de cultura visual dos pesquisadores, o conhecimento pudesse

contribuir aos atuais contornos deste campo de estudo e na formação dos professores.

A primeira reflexão sobre esta pesquisa em relação ao que se tem produzido em relação à cultura visual é o quantitativo. Dos 327 TCCs levantados na pesquisa da UnB, por exemplo, 109 utilizam/mencionam o termo cultura visual (dado levantado pela ferramenta de busca *Ctrl F*). O número considerável vem reafirmar que apesar desta universidade não ter uma disciplina específica deste campo de estudo, ela está presente nas produções dos alunos. É o currículo que não está inscrito, mas está sendo vivido.

Apesar de não ter uma mostra total do quantitativo dos TCCs da FAV/UFG, dos 61 trabalhos levantados, 14 abordavam a cultura visual, segundo os critérios adotados. Caso tivesse como utilizar a mesma ferramenta de busca, utilizada nos trabalhos da UnB, o número poderia ser maior. Visto que alguns trabalhos apresentavam o termo apenas no corpo do texto. Na seleção dos TCCs, caso não fizesse referência a cultura visual no título, no resumo, no sumário e nem nas palavras-chave, não seria feita a leitura completa dos trabalhos. Portanto, esse número se refere apenas aos TCCs selecionados pelos critérios adotados.

Definir o termo cultura visual como palavra-chave foi uma escolha que pretendeu analisar a representação e a valorização da abordagem pelos pesquisadores. Contudo, nesta pesquisa, ao longo da coleta, percebemos que a palavra-chave escolhida nem sempre indicava os principais conceitos do assunto ou campo de estudo pretendido para a busca e a categorização da produção acadêmica.

Para Sérvio (2014), uma dificuldade para tentar explicar e entender o termo cultura visual está ligada ao fato de confundirmos quando estamos falando do campo de estudo e do objeto de estudo. Em princípio, Mitchell (2002), afirma que o campo de estudos chamar-se-ia estudos visuais, enquanto o objeto de estudo deste campo seria a cultura visual. Entretanto, Mitchell deixa clara a sua opção por utilizar a expressão cultura visual para falar das duas coisas, do campo e do objeto (apud SÉRVIO, 2014). “O termo cultura visual é hoje tão difundido para

representar tanto campo quanto objeto que haveria mais prejuízos do que vantagens em alterá-lo. Mas, por vezes temos dificuldade de identificar se falamos de um campo ou de um objeto” (SÉRVIO, 2014, p. 208).

Os Trabalhos de Conclusão de Curso analisados são experiências permeadas pelas relações sociais, que articulando vivências e saberes dos autores contribuem para construir suas identidades em percursos formativos abertos e contextualizados, em função das peculiaridades de suas percepções de vida.

Segundo Nascimento e Sardelich (2017), a publicação do livro *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*, de Fernando Hernández (2000), provavelmente é um dos primeiros livros traduzidos sobre a temática no Brasil³⁹. O que pode explicar o elevado quantitativo de referências a Hernández nos TCCs analisados.

Hernández (2000) evidencia que as narrativas das experiências curriculares em Arte são construções históricas que funcionam como discurso que enquadram como se deve ver, falar ou fazer em torno das obras artísticas e representações visuais das diferentes culturas, como também dotam de poder a quem estabelece esses discursos. Considera que, ao invés de perguntar sobre o que se vê na imagem e a história que a obra conta, os docentes poderiam questionar o que vemos de nós nessa representação visual, como contribui para a construção identitária, para o nosso modo de ver e nos ver no mundo.

Os TCCs analisados, ao abordar a cultura visual, em relação a outras propostas para o trabalho com as imagens na educação, focalizam na interpretação daquele que vê e não o objeto que é visto, nem o produtor desse objeto. Para a cultura visual, o que importa não é a imagem em si, pois nenhuma imagem aliena ou empodera por si mesma, apesar da intencionalidade do

³⁹No levantamento bibliográfico das publicações no Brasil em que o termo cultura visual está presente, feito por Nascimento e Sardelich, uma das primeiras publicações é a da *Revista Cultura Visual* do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1997. Em 1998, encontram a tradução de um artigo do professor de História da Arte, da Universidade de Rochester, Estados Unidos, Douglas Crimp, na Revista da USP e a seguir o livro de Hernández (2000).

produtor da imagem, mas sim, é a ação das pessoas, o que elas fazem com e a partir das imagens para suas próprias vidas. É um posicionamento pedagógico que fomenta oportunidades de interpretação, chances para discentes e docentes construírem outra narrativa, outro modo de se colocar diante das imagens, em seu contexto, seu mundo.

Nesse sentido, trabalhar com a cultura visual na educação implica entrever brechas para além das interpretações já existentes. Interpretações que tentam, de um modo ou outro, fixar determinados significados. Por isso, esse posicionamento pedagógico necessita de cuidado e atenção, para que o trabalho em torno dos imaginários visuais dos discentes não se comprometa com o olhar regulador e disciplinador do aparato escolar.

Compartilho das ideias de Duncum (2011), quando este defende que o currículo se organize a partir de questões centrais ou provocatórias, questões que abrangem os artefatos em si e os seus contextos de produção, distribuição e apreciação. O ensino da cultura visual defende que é a partir das questões que colocamos como poder e representação, que o currículo se define. Nesse sentido, para falar da mudança de paradigma é determinante falar da formação dos professores, devendo igualmente atuar nesse nível as premissas defendidas pelo ensino da cultura visual.

Ao ampliar o campo de visão para além das abordagens formalistas e modernistas a fim de apreciar a contribuição da cultura visual para o ensino de arte, o discente poderá perceber que esta vertente teórica, é um campo transdisciplinar ou pós-disciplinar, é um espaço de convergência que reuni discussões sobre diversos aspectos da visualidade, buscando fomentar e responder questões que se entrecruzam. Neste aspecto, para o ensino de arte, a vertente da cultura visual abre um leque de possibilidades ao possibilitar ao discente, como um futuro educador, buscar perceber-se como potência de diferenciação.

Desse modo, o TCC além de ser um processo para a formação acadêmica e profissional, também reflete o currículo tanto oficial quanto real no contexto da

universidade, como fator de produção científica. As análises apresentadas, neste estudo, demonstram que sua produção é um importante momento de construção epistemológica e de crescimento pessoal para uma ampla formação profissional.

Ao me colocar na posição de professora pesquisadora que atravessa estas duas universidades, busquei enfrentar percalços e dúvidas encontradas pelos caminhos desta investigação. A cultura visual me afetou pela sua capacidade de construir e ampliar modos de aprendizagens.

Esses resultados apresentados não esgotam todas as possibilidades de análise da cultura visual a partir dos dados coletados, mas nos mostram algumas tendências da produção acadêmica dos TCCs analisados e num determinado tipo de veículo de divulgação das pesquisas.

Outra consideração a ser feita não diz respeito especificamente ao conteúdo dos textos lidos, mas às dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa, pois em alguns momentos foi possível identificar a falta de um espaço de divulgação acessível as produções acadêmicas, o que nos parece uma contradição com as políticas para a pesquisa científica.

O uso de um repositório digital destas produções dá acesso a sociedade que queira conhecer o que se tem produzido nas universidades. Os repositórios digitais são bases de dados online que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou área temática. Eles armazenam os arquivos das pesquisas e resultam em uma série de benefícios tanto para os pesquisadores quanto às instituições ou sociedades científicas, pois proporcionam maior visibilidade aos resultados de pesquisas e possibilitam a preservação da memória científica de sua instituição.

Com isso, cabe a nós pesquisadores repensar qual o papel que os TCCs ocupam no processo de formação de profissionais, para o avanço das pesquisas e do conhecimento sobre a área e educação, e finalmente, qual a função social destes trabalhos para as instituições e profissionais.

Tais desafios, mais uma vez, demonstram a importância de se pesquisar o estado da arte. Levantar o que se tem produzido sobre o tema, estabelecer relação com produções anteriores, identificando temáticas diferentes. Diante disto, a contribuição desta tese pode ser, em certa medida, mostrar a partir do conceito de cultura visual como produzimos nosso contexto acadêmico. Conhecedores de mais uma das nossas histórias e do modo como reinventamos nossos conceitos, talvez tenhamos melhores condições para encarar os desafios que estão postos ao campo da educação e ao trabalho cotidiano da escola e da sala de aula e na formação de professores, pois estes caminhos continuam a ser atravessados.

Todos esses atravessamentos constituem a minha jornada pessoal enquanto docente e pesquisadora que atua com abordagem da cultura visual e contribuem para me conduzir a novas inquietações em um constante processo formativo que se entrelaça e atravessa com a etapa formativa dos discentes autores dos TCCs analisados.

Concomitantemente, os atravessamentos são sempre inacabados, sempre múltiplos, sempre mutantes. E a cultura visual é também uma travessia que conduz a outros modos de conduzir, refletir e experienciar a ação docente que afeta de modo positivo as experiências dos alunos que chegam à universidade.

Neste enfoque, mobilizada por estas inquietações, busquei olhar para a educação e os processos de formação pensando nos diferentes atravessamentos que podem atuar também nos discentes em relação ao encontro com a cultura visual no curso de licenciatura e que terão efeitos em suas jornadas como educadores.

Sendo assim para atravessar uma etapa formativa e iniciar outra etapa que converge para atuação docente faz-se necessário soltar as amarras dos dogmas e certezas. Desse modo, estou convencida de que o processo formativo construído a partir dos atravessamentos advindos da cultura visual pode certamente revitalizar saberes e renovar os percursos do olhar, das

aprendizagens, das experiências, novas formas de pensar o conhecimento, adequadas aos desafios da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

Kerry Freedman

ENSEÑAR LA CULTURA VISUAL

FERNANDO HERNÁNDEZ *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*

CULTURA VISUAL E ENSINO DA ARTE: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM DIÁLOGO

Raimundo Martins e Alice Fátima Martins (Organizadores)



Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

educação da cultura visual

editora urfsm

Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

Pedagogias Culturais

editora urfsm

Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação

editora urfsm

Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

Culturas das Imagens: desafios para a arte e para a educação

editora urfsm

Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos

editora urfsm

Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

Cultura Visual e Infância

editora urfsm

Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.)

Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa

editora urfsm

ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA Diana Domingues (org.)



Mapas para dançar em muitos lugares

LAGARTIXA NA JANELA

Teresinha Sueli Franz

EDUCAÇÃO ARTE

JUNHO 2012, Ano XIV, nº 12

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

DEZEMBRO 2011, Ano XIV, nº 11

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 69-111.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: n.23, Mai/Ago, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **NBR 14724: informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação**. Rio de Janeiro, 2001.

BATESON, Gregory. *Mente e natureza: a unidade necessária*. Tradução Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Ministério da Educação, Lei n. 9394, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 05/10/2015.

CABRAL, Valéria Fabiane Braga Ferreira. **Ações Educativas e Poéticas Visuais Contemporâneas: Experiências e Diálogos na Formação de Professores/as de Artes Visuais na Modalidade à Distância**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2015.

DANIEL, Vesta A. H; BALLENGEE-MORRIS, Christine; STUHR, Patricia L. Questões de diversidade na educação e cultura visual: comunidades, justiça social e pós-colonialismo. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 264-276.

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS. **manual de normatização da diplomação do departamento de artes visuais bacharelado e licenciatura**. Universidade de Brasília, 2008.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

_____. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2012, p. 55-73.

_____. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e Educação**. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual/FUNAPE, 2008, p. 37-53.

_____. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria Queer. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 277-291.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 15-30.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ENS, Romilda Teodora; ANDRÉ, Marli Dalmazo Afonso de. A formação de professores nas dissertações e teses da área de educação no Brasil: um estudo comparativo. In: **Congresso Internacional Educação e Trabalho: Representações Sociais, Competências e Trajetórias Profissionais**. Universidade de Aveiro: Portugal, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 133-166.

FERREIRA, Norma Sandra De Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Campinas - SP: Educação & Sociedade. Ano XXIII, n. 79, Agosto/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso> >. Acesso em: 08/08/2016.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 2003.

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005, p.126-142.

_____. **Enseñar la cultura visual: curriculum, estética y la vida social del arte**. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2006.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. Trad. Eurize Caldas Pessanha e Marta Banducci Rahe. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 12 n. 35, maio/ago, 2007, p. 241-252.

GUIMARÃES, Alexandre José. **Escolas flutuantes, sujeitos transaprendentes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2011.

GUIMARÃES, Leda et. al. Percurso histórico da licenciatura em arte na Universidade Federal de Goiás (UFG). In: MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.). **A arte pesquisa**. Brasília: Mestrado em Arte, Universidade de Brasília, 2003, v. 1, pp. 82 - 92.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, v.22, n.2, 1997, p. 1-23.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005, p. 21-42.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ILLERIS, Helene; ARVEDSEN, Karsten. Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. Tradução de Gisele Dionísio da Silva. IN: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Culturas das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: UFSM, 2012, p. 283-310.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: **ArtCultura**. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan/jun. 2006, p. 97-115. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF12/ArtCultura%2012_knauss.pdf>. Acesso em: 20/07/2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20 – 28, 2002.

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS (FAV-EaD). **Módulo introdutório**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, Centro Intergrado de Aprendizagem em rede. CEGRAF/UFG, 2008.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2005, p. 133-45.

_____. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2007, p. 19-40.

_____. Das belas artes à cultura visual: enfoques e deslocamentos. In: **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 25-36.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História: o ofício do historiador**. Órgão oficial da associação nacional de história. São Paulo, ANPUH/HUMANITAS publicações, vol. 23, n.45, 2003, p. 11-36.

MITCHELL, W. J. T. Não existem mídias visuais. In: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte, ciência e tecnologia: um passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 167-178.

_____. Mostrando el ver: una crítica de la cultura visual. In: **Revista Estudios Visuales**. Editora: Cendeac, 2003, p.17-40. Disponível em <<http://www.estudiosvisuales.net/revista/pdf/num1/mitchell.pdf>>. Acesso em: 01/09/2015.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2003.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do; SARDELICH, Maria Emilia. O discurso da cultura visual no Brasil (2005-2015). In: MIRANDA, Fernando; VICCI, Gonzalo; ARDANCHE, Melissa (Orgs.). **V Coloquio Internacional Educación y visualidad: investigaciones pedagógicas en contextos hiper-visuales**. Montevideo: Universidad de la Republica Uruguay, 2017, p. 113-8.

OLIVEIRA, Glória Aparecida Pereira de. **A concepção de egressos de um curso de Pedagogia acerca da contribuição do trabalho de conclusão de curso**. 2003. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003. 136 f.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2005.

PARAÍSO, Marlucy. **Contribuições dos estudos culturais para a educação**. Belo Horizonte: Dimensão. v.10, n.55, (jan./fev. 2004), p. 53-61.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/pc3/Downloads/JOANA_PAULIN_ROMANOWSKI%20(1).pdf>. Acesso em: 30/08/2016.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Currículo e Diversidade Cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SARDELICH, Maria Emilia; NASCIMENTO, Erinaldo Alves do; PAIVA, Camylla Ranylly Marques. Projetos de Cultura Visual Na Educação Básica: Outros Modos De Ver A Cultura Escolar. In: **Palíndromo** (Online), v. 7, 2016, p. 147-162.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. O que estudam os estudos de cultura visual? In: **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, RS. Vol. 7, n.2, mai./ago. 2014, p. 196-215.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 19.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Carolina Carvalho Palma. **A cultura visual na educação artística**. Dissertação de Mestrado em educação artística. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 190-207.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca Pereira. A construção do conhecimento. In: **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000, p. 9-13. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000084.pdf>>. Acesso em: 24/10/17.

TAVIN, Kevin. Contextualizando visualidade no cotidiano: problemas e possibilidade do ensino da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação na cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria – RS: Editora da UFSM, 2009, 225-40.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 51-68.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. In: BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 27-34.

_____. Perguntas que conversam sobre educação visual e currículo. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005, p.107-118.

_____. Currículo para além das grades: de porões a terraços, praças e jardins. In: **VIS** - Revista do Programa de Pós-graduação em arte. Brasília: Editora Brasil, V.8, n.1, jan/jun. De 2009, p. 49-59.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962. 51p.

VITORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles. Culturas Juvenis, cotidianos e currículos. In: **Currículo sem Fronteiras**. Vol. 7, n. 2, Jul/Dez, 2007, p. 7-20.

VICTORIO FILHO, Aldo. Fabulações escolares e contemporaneidade: ensino de arte, jovens e a fatura de imagens. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Culturas das Imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: UFSM, 2012, p.151-174.



ANEXOS



ANEXO A – Estrutura curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG (2000-2013), Modalidade Presencial.

Código	Denominação da disciplina	Horas Sema.	CHS	Pré-Requisito	Obrig/ Optativa	NC / NE /NL
Primeiro Período						
936	Desenho: Observação e Expressão	04	64		OBR	NC
978	Introdução à Linguagem Tridimensional	04	64		OBR	NC
446	Arte da Pré-História à Idade Média	02	32		OBR	NC
733	Fundamentos da Arte na Educação I	02	32		OBR	NE
1025	Laboratório de Expressão Artística	04	64		OBR	NE
934	Poéticas Visuais Contemporâneas	02	32		OBR	NC
Carga horária do semestre			288			
Segundo Período						
LIC-07	Desenho: Objetos e Paisagens	4	64		OBR	NC
LIC-08	Formas Expressivas do Tridimensional	4	64		OBR	NC
LIC 09	Fundamentos da Arte na Educação II	2	32	Fundamentos da Arte na Educação I	OBR	NE
LIC10	Arte do Renascimento ao Neoclassicismo	2	32		OBR	NC
LIC11	Introdução ao Trabalho de Investigação	2	32		OBR	NC
LIC12	Estética Visual	2	32		OBR	NC
Carga horária do semestre			256			
Terceiro Período						
980	Desenho: Figura Humana	4	64		OBR	NC
1026	Oficina Bidimensional: Gravura	4	64		OBR	NC
2272	História do Ensino das Artes Visuais no Brasil I	2	32		OBR	NE
983	Arte Moderna: do Romantismo ao Impressionismo	2	32		OBR	NC
2274	Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação	4	64		OBR	NE
1029	Pesquisa em Ensino de Artes	2	32	Int. ao Trabalho de Investigação	OBR	NE
Carga horária do semestre			288			
Quarto Período						
LIC19	Oficina Tridimensional: Escultura	4	64		OBR	NC
LIC20	Oficina Bidimensional: Pintura	4	64		OBR	NC
LIC21	Teorias da Imagem e Cultura Visual	2	32		OBR	NC
LIC22	Arte Brasileira: Colônia e Império	2	32		OBR	NC
LIC23	História do Ensino das Artes Visuais no Brasil II	2	32	Hist. do Ensino de Artes Visuais no Brasil I	OBR	NE
LIC24	Estágio Supervisionado I: Observação	4	64		OBR	NE
LIC25	Metodologia do Ensino de Arte	2	32		OBR	NE
Carga horária do semestre			320			
Quinto Período						
579	Psicologia da Educação I	4	64		OBR	NE
LIC27	Estágio Supervisionado II: Acompanhamento e Análise do Cotidiano Escolar	4	64	Estágio Supervisionado I: Observação	OBR	NE
1036	Arte, Percepção e Aprendizagem I	2	32		OBR	NE
447	Arte e Cultura Popular no Brasil	2	32		OBR	NC
1035	Ensino de Arte e Mídias Contemporâneas	4	64		OBR	NE
991	Arte Moderna: Vanguardas Artísticas	2	32		OBR	NC
Carga horária do semestre			288			
Sétimo Período						
581	Políticas Educacionais do Brasil	4	64		OBR	NE
997	Arte Brasileira do Século XX	2	32		OBR	NC
2276	Cultura, Currículo e Avaliação em Arte II	2	32	Cultura, Currículo e Avaliação em Arte I	OBR	NE
1042	Compreensão e Interpretação de Imagem	2	32		OBR	NE
LIC42	Estágio Supervisionado IV: Elaboração e Desenvolvimento de Projetos	6	96	Est. Super. III: Aval. e Crítica de Processos de Ensino e Aprendizagem	OBR	NE
LIC43	Trabalho de Conclusão de Curso I	4	64		OBR	NE
Carga horária do semestre			320			
Oitavo Período						
1041	Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico	4	64		OBR	NE
LIC45	Arte na América Latina	2	32		OBR	NC
LIC46	Estágio Supervisionado V: Elaboração e Desenvolvimento de Projetos	6	96	Est. Supervisionado IV: Elaboração e Desenvolvimento de Projeto	OBR	NE
LIC47	Trabalho de Conclusão de Curso II	4	64	Trabalho de Conclusão de Curso I	OBR	NE
LIC48	Fotografia	4	64		OBR	NC
Carga Horária do Semestre			320			

Núcleo Comum: 960 horas Núcleo Específico: 1.408 horas Núcleo Livre: 236 horas Atividades Complementares: 200 horas
Total: 2.804 horas

Fonte: Fluxo de integralização curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG – 2000-2013. Disponível em: <http://fav.ufg.br/up/403/o/Fluxo_de_Integraliza%C3%A7%C3%A3o_-_Licenciatura_em_Artes_Visuais.pdf?1417469230>. Acesso em: 20/04/16.

ANEXO B – Estrutura curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG (2014), Modalidade Presencial.

Código	Denominação da disciplina	Horas Sema.	CHS		Pré-Requisito	Obrig./ Optativa	NC / NE /NL
			TEO	PRA			
Primeiro Período							
01	Introdução ao Desenho	04		64		OBR	Comum
02	Introdução à Produção Tridimensional	04		64		OBR	Específico
03	Poéticas Visuais Contemporâneas	02	12	20		OBR	Comum
04	História da Arte: Arte da Pré-História ao Barroco	04	64			OBR	Comum
05	Fundamentos da Arte na Educação	02	20	12		OBR	Específico
06	Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação	04	64			OBR	Específico
Carga horária do semestre		320					
Segundo Período							
07	Desenho	4		64		OBR	Específico
08	Formas Expressivas do Bi e Tridimensional	4		64		OBR	Específico
09	História da Arte: do Neoclássico ao Pós-Impressionismo	4	64			OBR	Comum
10	Estudos Críticos e Educação	2	20	12		OBR	Específico
11	Pedagogias de Fronteira	2	20	12		OBR	Específico
12	Introdução ao Trabalho de Investigação	2	32			OBR	Comum
13	História do Ensino das Artes Visuais no Brasil	2	32			OBR	Específico
Carga horária do semestre		320					
Terceiro Período							
14	Gravura	4		64		OBR	Específico
15	Fotografia	4		64		OBR	Comum
16	Arte e Cultura Visual	2	20	12		OBR	Comum
17	História da Arte: das Vanguardas Artísticas à Contemporaneidade	4	64			OBR	Específico
18	Metodologias do Ensino da Arte	2	20	12		OBR	Específico
19	Políticas Educacionais do Brasil	4	64			OBR	Específico
Carga horária do semestre		320					
Quarto Período							
20	Pintura	4		64		OBR	Comum
21	Cultura Popular e Arte	2	20	12		OBR	Específico
22	História da Arte no Brasil e na América Latina	4	64			OBR	Específico
23	Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico	4	64			OBR	Específico
24	Psicologia da Educação I	4	64			OBR	Específico
25	Pesquisa em Ensino de Arte e Cultura Visual	2	20	12		OBR	Específico
Carga horária do semestre		320					
Quinto Período							
26	Cinema, Arte e Educação	4	24	42		OBR	Específico
27	Compreensão e Interpretação da Imagem	2	20	12		OBR	Específico
28	Cultura, Currículo e Avaliação em Arte	4	44	20		OBR	Específico
29	Psicologia da Educação II	4	64			OBR	Específico
30	Estágio Supervisionado I	6		96		OBR	Específico
Carga horária do semestre		320					
Sexto Período							
31	Narrativas e Jogos Digitais	4	22	42		OBR	Comum
32	Estudos Culturais e Ensino de Arte	2	20	12		OBR	Específico
33	Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	4		64		OBR	Específico
34	Estágio Supervisionado II	8		128		OBR	Específico
35	Organização do Trabalho Intelectual	2	20	12		OBR	Específico
Carga horária do semestre		320					
Sétimo Período							
36	Laboratório de Produção Artística I	4		64		OBR	Comum
37	Estágio Supervisionado III	8		128		OBR	Específico
38	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC-I	6	96			OBR	Específico
Carga horária do semestre		304					
Oitavo Período							
39	Laboratório de Produção Artística II	4		64		OBR	Comum
40	Estágio Supervisionado IV	8		128		OBR	Específico
41	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC-II	6	96			OBR	Específico
Carga Horária do Semestre		304					

Núcleo Comum: 608 horas Núcleo Específico: 1.920 horas Núcleo Livre: horas Atividades Complementares: horas
Total: 2.800 horas

Fonte: Fluxo de integralização curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG – 2014. Disponível em: <http://fav.ufg.br/up/403/o/Fluxo_de_Integraliza%C3%A7%C3%A3o_-_Licenciatura_em_Artes_Visuais_-_2014.pdf?1417469231>. Acesso em: 20/04/16.

ANEXO C – Fluxograma do Curso Licenciatura em Artes Visuais UAB/FAV/EaD

Período	Núcleo		Disciplinas	Carga Horária		
	N.C	N.E		Teórica	Prática	Total
Módulo Introdutório	N.C		Fundamentos da EAD	15	15	30
		N.E	Princípios Norteadores da Educação	20	10	30
	N.C		Tema Transversal: Leitura, interpretação e produção de texto	15	15	30
		N.E	Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico	30	12	42
1º Período		N.E	Teorias da Educação	20	10	30
		N.E	Fundamentos da Arte na Educação	30	12	42
		N.C	Teorias da Arte e da Cultura	20	10	30
		N.C	Arte e Cultura Visual	30	10	40
		N.C	Pré-história a Idade Média	30	10	40
		N.C	Ateliê de artes visuais: Linguagens bidimensionais (desenho e pintura)	12	80	92
2º Período		N.E	Fundamentos Filosófico e Sócio Históricos da Educação	32	10	42
		N.E	História do Ensino das Artes Visuais no Brasil	20	10	30
		N.C	Antropologia da Arte e da Imagem	20	10	30
		N.C	Arte do Renascimento ao Neoclassicismo	20	10	30
		N.C	Compreensão e Interpretação das Imagens	15	15	30
		N.C	Ateliê Tridimensional	12	80	92
3º Período		N.E	Pensamento e Investigação em Arte e Educação	20	10	30
		N.C	Estética Visual	40	20	60
		N.E	Imagem, percepção e aprendizagem.	20	10	30
		N.C	Arte Moderna: do Romantismo ao Impressionismo	20	10	30
		N.C	História da Arte Brasileira séc. XVIII e XIX	40	20	60
		N.C	Ateliê de Gravura: meio impresso/meio digital	12	80	92
4º Período		N.C	História da Arte Brasileira – séc. XX	30	12	42
		N.E	Cultura, Currículo e Avaliação em Arte.	20	10	30
		N.E	A Psicologia e a construção do conhecimento	20	10	30
		N.C	Arte Moderna - Vanguardas Artísticas	20	10	30
		N.C	Ateliê Interdisciplinar de Artes Visuais	12	80	92
		N.E	Estágio Supervisionado I	72	20	92
5º Período						
		N.E	Políticas Educacionais para o Ensino de Artes no Brasil	30	12	42
		N.C	Matrizes Culturais da Arte no Brasil	40	20	60
		N.E	Metodologias para o Ensino de Artes Visuais	22	20	42
		N.C	Ateliê de Arte e Tecnologia I - Fotografia e Vídeo	12	80	92
		N.E	Estágio Supervisionado II	62	30	92
	N.C	História da Arte Brasileira - Questões Contemporâneas	20	10	30	

6º Período	N.C	Psicologia da arte	20	10	30
	N.E	Ensino de Arte e Necessidades Educacionais Especiais	20	10	30
	N.C	Ateliê de Arte e Tecnologia II - Diálogos Intermediáticos	12	80	92
	N.E	Questões Multiculturais para o Ensino de Arte	20	10	30
	N.C	Ateliê de Poéticas Visuais Contemporâneas	12	80	92
	N.E	Estágio Supervisionado III	52	40	92
7º Período	N.E	Pesquisa e ensino de artes visuais	30	10	40
	N.C	Trabalho de Conclusão de Curso I	30	30	60
	N.C	Arte e cultura na América Latina	40	20	60
	N.C	Ateliê de Estéticas Urbanas	12	80	92
	N.E	Estágio Supervisionado IV	46	46	92
	N.C	Produção de Portfólio	20	40	60
8º Período	N.C	Trabalho de Conclusão de Curso II	30	30	60
	N.E	Tópicos especiais para o Ensino de Artes I	30	30	60
	N.E	Tópicos especiais para o Ensino de Artes II	30	30	60
	N.C	Teorias da Arte da Cultura II	30	10	40
	N.E	Estágio Supervisionado V	46	46	92
	N.C	Introdução a Língua Brasileira de Sinais - Libras	14	50	64
• Horas Complementares					200
TOTAL					2982

Fonte: Dados extraídos da Dissertação de Mestrado de GUIMARÃES, A. J. *Escolas flutuantes, sujeitos transparentes*. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2011.

ANEXO D – Listagem de Fluxo de Habilitação – Artes Visuais (Licenciatura) do IdA/UnB

Curso: 1023 - Artes Visuais
Opção: 5665 - Artes Visuais

PERÍODO DE REFERÊNCIA

Início: 2001/1

Fim:

PERÍODO: 1 CRÉDITOS: 16				
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
1	F	LIP - 147389	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL 1	002 - 002 - 000 - 004
2	F	VIS - 153699	FUND DA LINGUAGEM VISUAL	002 - 004 - 000 - 004
3	F	VIS - 153044	DESENHO 1	000 - 006 - 000 - 000

PERÍODO: 2 CRÉDITOS: 14				
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
5	F	VIS - 153052	DESENHO 2	000 - 006 - 000 - 000
7	F	VIS - 153516	MATERIAIS EM ARTE 1	000 - 004 - 000 - 002
9	F	VIS - 157236	SEMIN TEO,CRIT E HIST ARTE 2	004 - 000 - 000 - 002

PERÍODO: 3 CRÉDITOS: 16				
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
9	F	VIS - 156973	DESENHO 3	000 - 006 - 000 - 006
10	F	VIS - 156281	INTRODUCAO A GRAVURA	000 - 006 - 000 - 000
11	F	CEN - 156949	FUND DA EDUCACAO ARTISTICA	004 - 000 - 000 - 004

PERÍODO: 4 CRÉDITOS: 14				
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
13	F	VIS - 153338	OFICINA DE FOTOGRAFIA 1	000 - 004 - 000 - 002
14	F	VIS - 153061	ESCULTURA 1	000 - 006 - 000 - 000
15	F	PED - 125156	DESENVOL PSICOLOGICO E ENSINO	004 - 000 - 000 - 004

PERÍODO: 5 CRÉDITOS: 24				
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
17	F	VIS - 156264	ARTE ELETRONICA 1	000 - 006 - 000 - 000
18	F	VIS - 156272	PINTURA 1	000 - 006 - 000 - 000
19	F	MTC - 192015	DIDATICA FUNDAMENTAL	002 - 002 - 000 - 004
20	F	VIS - 153605	ELEM DE LING, ARTE E CULT POP	004 - 000 - 000 - 004
21	F	VIS - 157252	SEMIN TEO,CRIT E HIST ARTE 4	004 - 000 - 000 - 002

PERÍODO: 6 CRÉDITOS: 22				
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
20	F	VIS - 157643	HISTORIA DA ARTE MODERNA	004 - 000 - 000 - 002
21	F	VIS - 157091	PROJETO INTERDISCIPLINAR	002 - 004 - 000 - 004
22	F	PAD - 194221	ORGAN DA EDUCACAO BRASILEIRA	003 - 001 - 000 - 004
23	F	VIS - 157104	EST SUP EM ARTES PLÁSTICAS 1	002 - 002 - 000 - 004
24	F	TEF - 191027	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	004 - 000 - 000 - 002

PERÍODO: 5		CRÉDITOS: 24		
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
17	F	VIS - 156264	ARTE ELETRONICA 1	000 - 006 - 000 - 000
18	F	VIS - 156272	PINTURA 1	000 - 006 - 000 - 000
19	F	MTC - 192015	DIDATICA FUNDAMENTAL	002 - 002 - 000 - 004
20	F	VIS - 153605	ELEM DE LING, ARTE E CULT POP	004 - 000 - 000 - 004
21	F	VIS - 157252	SEMIN TEO,CRIT E HIST ARTE 4	004 - 000 - 000 - 002

PERÍODO: 6		CRÉDITOS: 22		
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
20	F	VIS - 157643	HISTORIA DA ARTE MODERNA	004 - 000 - 000 - 002
21	F	VIS - 157091	PROJETO INTERDISCIPLINAR	002 - 004 - 000 - 004
22	F	PAD - 194221	ORGAN DA EDUCACAO BRASILEIRA	003 - 001 - 000 - 004
23	F	VIS - 157104	EST SUP EM ARTES PLÁSTICAS 1	002 - 002 - 000 - 004
24	F	TEF - 191027	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	004 - 000 - 000 - 002

PERÍODO: 7		CRÉDITOS: 4		
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
25	F	VIS - 157112	EST SUP EM ARTES PLÁSTICAS 2	002 - 002 - 000 - 004

PERÍODO: 8		CRÉDITOS: 4		
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
26	F	VIS - 157121	EST SUP EM ARTES PLÁSTICAS 3	002 - 002 - 000 - 004

PERÍODO: 9		CRÉDITOS: 6		
Pr.	Tipo	Cód.	Nome	Créditos
6	F	VIS - 156124	DIP ARTES PLÁST ICAS - LIC	002 - 004 - 000 - 006

ANEXO E – Listagem de Fluxo de Habilitação – Artes Visuais (Licenciatura) Educação a Distância UAB/UnB

Semestre 1 ^o					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Fundamentos do Curso -	TA	197211	1 ^o	45	3
Estratégias de ensino e aprendizagem	PE	197203	1 ^o	90	6
Leitura e produção de textos	TA	197220	1 ^o	90	6
Antropologia Cultural	TA	197670	1 ^o	90	6
A Psicologia e a construção do conhecimento	TA	197661	1 ^o	90	6
Teorias da Educação	TA	197173	1 ^o	90	6
Total de créditos do Semestre				495	33
Semestre 2 ^o					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Atelier de Artes Visuais 1	TA	197696	2 ^o	90	6
História das Artes Visuais 1	TA	197700	2 ^o	90	6
Tecnologias Contemporâneas na Escola 1	TA	197653	2 ^o	90	6
História do Teatro 1	Optativa	197688	2 ^o	90	6
Teoria da Arte	TA	197734	2 ^o	90	6
Prática de Canto 1	Optativa	197785	2 ^o	30	2
Total de créditos do Semestre				480	32
Semestre 3 ^o					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Atelier de Artes Visuais 2	TA	198226	3 ^o	90	6
História das Artes Visuais 2	TA	198242	3 ^o	90	6
Tecnologias Contemporâneas na Escola 2	PE	198269	3 ^o	90	6
História do Teatro 2	Optativa	198251	3 ^o	90	6
Projeto Design Educacional 1	Modulo livre	207934	3 ^o	90	6
Projeto de extensão Artística 1	Modulo livre	207951	3 ^o	90	6
História da Arte-Educação 1	TA	198234	3 ^o	90	6
Total de créditos do Semestre				630	42
Semestre 4 ^o					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Atelier de Artes Visuais 3	TA	194107	4 ^o	90	6
História da Arte/Educação 2	TA	194000	4 ^o	90	6
Estágio supervisionado em Artes Visuais 1	ES	193984	4 ^o	162	9
Projeto Design Educacional 2	Modulo livre	207942	4 ^o	90	9
Projeto de extensão Artística 2	Modulo livre	207969	4 ^o	90	9
Tecnologias Contemporâneas na Escola 3	PE	193992	4 ^o	90	6
Total de créditos do Semestre				612	45

Projeto Design Educacional 2	Modulo livre	207942	4°	90	9
Projeto de extensão Artística 2	Modulo livre	207969	4°	90	9
Tecnologias Contemporâneas na Escola 3	PE	193992	4°	90	6
Total de créditos do Semestre				612	45
Semestre 5°					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Atelier de Artes Visuais 4	TA	193976	5°	90	6
História das Artes Visuais no Brasil	TA	193950	5°	90	6
Estágio supervisionado em Artes Visuais 2	ES	193941	5°	162	9
Laboratório de Poéticas Contemporâneas - Artes Visuais	TA	193968	5°	90	6
Total de créditos do Semestre				432	27
Semestre 6°					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Arte e Cultura Popular	TA	183091	6°	90	6
Estágio supervisionado em Artes Visuais 3	ES	193445	6°	162	9
Laboratório de Arte e Tecnologia	TA	193500	6°	90	6
Projeto Interdisciplinar	Optativa	200409	6°	90	6
Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem 1	PE	193437	7°	90	6
Total de créditos do Semestre				522	33
Semestre 7°					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Atelier de Produção Interdisciplinar	TA	193593	7°	90	6
Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem 2	PE	193461	7°	90	6
Total de créditos do Semestre				180	12
Semestre 8°					
Disciplina	Optativa ou obrigatória	Código	Semestre	C.H.	Crédito
Trabalho de Conclusão de Curso	PE	193518	8°	270	18
Seminário Presencial de Conclusão do Curso de Artes Visuais	TA		8°	45	2
Total de créditos do Semestre				315	20
				3666	244

TA: Trabalho Acadêmico. **PE:** Prática de Ensino. **ES:** Estágio Supervisionado

Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais à Distância Universidade Aberta do Brasil Brasília, maio Disponível em: <<https://www.ead.unb.br/index.php/artes-visuais>>. Acesso em: 30/03/17.